



Departamento de Ciências Sociais e de Gestão

Mestrado em Relações Interculturais

**CONTRIBUTO DAS TIC NA INTEGRAÇÃO DE
FAMÍLIAS ORIUNDAS DO BRASIL NO CONCELHO DE
ALBUFEIRA**

Lénia Isabel Malveiro Gonçalves

Lisboa, Julho de 2013

Mestrado em Relações Interculturais

CONTRIBUTO DAS TIC NA INTEGRAÇÃO DE FAMÍLIAS ORIUNDAS DO BRASIL NO CONCELHO DE ALBUFEIRA

Lénia Isabel Malveiro Gonçalves

Dissertação apresentada na Universidade Aberta, Lisboa, para a obtenção do grau de
Mestre em Relações Interculturais

Orientadora:

Professora Doutora Maria de Fátima Goulão

Lisboa, Julho de 2013

*Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
Pelo Sonho é que vamos.*

*Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria, ao que
é do dia-a-dia.*

Chegamos? Não chegamos?

-Partimos. Vamos. Somos.

(Sebastião da Gama, 1953)

AGRADECIMENTOS

No final deste trabalho não posso deixar de expressar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para a concretização desta dissertação. Assim, as minhas palavras de apreço e gratidão vão para:

A minha orientadora, Professor Doutora Fátima Goulão, pelas suas revisões e sugestões, factores fundamentais para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do mestrado que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação.

A Câmara Municipal de Albufeira, nomeadamente à Divisão de Acção Social Saúde e Juventude (DASSJ), por possibilitar a aplicação dos questionários.

Os meus colegas que tantas vezes me ouviram e proferiram palavras de incentivo, bem como colaboraram na aplicação dos questionários.

Aos meus colegas de Mestrado Daniela Leite Campos e Sérgio Conceição pela amizade, pelas sugestões, pelas críticas e pelo debate de algumas ideias.

Ao Zé e a todos os amigos que me apoiaram, que compreenderam as minhas ausências e que sempre estiveram do meu lado para que eu conseguisse concretizar este objectivo.

Ao Paulo Luís pela sua dedicação e compreensão, que em muito contribuiu para a minha motivação e empenho, fazendo-me acreditar que iria ser capaz de concluir a dissertação.

Agradeço por fim à minha família, em especial à minha mãe Isabel, e ao meu pai Joaquim pelo reforço positivo e pelo constante cuidado, bem como pelo seu apoio incondicional, sem eles jamais teria conseguido atingir mais esta etapa, aos quais dedico esta dissertação de mestrado.

A todos **obrigada**, por não me deixarem desistir de mais um sonho!

RESUMO

Os fenómenos migratórios tem-se acentuado nas últimas décadas, para este facto muito tem contribuído a era globalizada em que nos encontramos. Com a globalização surgiu o desenvolvimento de redes mundiais, nomeadamente sistemas sociais e económicos, facultando o acesso a meios de transporte mais rápidos e baratos, e as comunicações tornaram-se mais fáceis, promovendo e facilitando as deslocações entre países e continentes, de pessoas e bens. Assim, actualmente com o acesso facilitado nas comunicações e nas deslocações, a migração tornou-se uma constante.

Perante a quantidade de indivíduos oriundos das mais diversas partes do globo e com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, as barreiras culturais foram reduzidas, permitindo uma rápida difusão de ideias e de meios, possibilitando que indivíduos que se encontram em locais geograficamente longínquos possam comunicar com regularidade.

Este estudo teve como objectivo conhecer, por um lado, o impacto da utilização das TIC, por parte dos imigrantes de origem brasileira, como forma de manterem o contacto com o país de origem, por outro, o facto de residirem familiares/amigos em Portugal, aquando da sua vinda, podem contribuir para a sua integração.

O estudo foi aplicado no Gabinete da família e no Gabinete do Imigrante, da Divisão de Acção Social Saúde e Juventude, da Câmara Municipal de Albufeira. Teve uma amostragem por conveniência que abrangeu 50 indivíduos oriundos do Brasil, residentes em Albufeira.

Foi aplicado um inquérito por questionário que permitiu a caracterização da amostra e recolher informações sobre o impacto da utilização das TIC como forma de manter o contacto com o país de origem e a importância das redes sociais no processo de integração. Constituído por 74 questões fechadas, abertas e semi abertas. Fez-se de seguida uma análise quantitativa e qualitativa dos dados recolhidos.

Os resultados obtidos sobre esta problemática permitiram perceber que o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família imigrante na sociedade de acolhimento. Ou seja, todo o suporte familiar e a rede de amigos

existente facultam ao imigrante condições para que o mesmo se instale no país de acolhimento e se sinta integrado. O facto de os imigrantes comunicarem, por norma, semanalmente com a família no Brasil, bem como utilizarem as tecnologias de informação e comunicação, contribui em muito para o seu bem estar psicológico e emocional. O contacto regular com a família, ainda que através de uma Web cam, proporciona-lhes tranquilidade e minimiza a distância física, uma vez que os podem ver e ouvir sentindo assim o apoio dos mesmos, ajudando-os a permanecer no nosso país.

O uso das novas tecnologias são utilizadas para manter a ligação com a comunidade de origem, fomentando os laços familiares e com amigos. Os imigrantes utilizam a internet para comunicar com os indivíduos da mesma nacionalidade, bem como a família/amigos que se encontram no Brasil. O acesso às TIC e o facto de as utilizarem para comunicar com a família e amigos, no país de origem, pode ser considerada como uma rede social de apoio, proporcionando assim aos imigrantes uma integração no país de acolhimento.

Palavras chave: Fluxos migratórios; Imigração brasileira; TIC; Integração; Globalização; Rede social de apoio.

ABSTRACT

Migration process, has been accentuated in recent decades, for this fact has contributed the globalized era in which we find ourselves. With globalization came the development of global networks, including social and economic systems, providing access to transportation faster and cheaper, and communications became easier, promoting and facilitating travel between countries and continents, people and goods. So, now with easier access in communications and travel, migration has become a constant.

Given the amount of individuals coming from different parts of the globe and the evolution of information technologies and communication, cultural barriers were reduced, allowing rapid diffusion of ideas and resources, enabling individuals who are in geographically distant places can communicate regularly.

This study aimed to find out the impact of TIC use by immigrants from Brazil, as a way to keep in touch with the country of origin, and if the fact of having family our friends living in Portugal at the time of his coming, may contribute to their integration.

The study was applied in the Family Office and in the Immigration Office, of the Division of Social and Youth Health, in the Albufeira public administration. There was a convenience sample that included 50 individuals from Brazil, living in Albufeira.

Was applied a individual questionnaire which allowed the characterization of the sample and collect information on the impact of TIC use in order to maintain contact with the country of origin and the importance of social networks in the integration process. Consisting of 74 closed questions, open and semi open. There was made an quantitative and qualitative analysis from the collected information.

The results on this issue allowed perceive that the fact that there is a network of family and friends, contributes to the integration of the immigrant family in the host society. All the support network of friends and family provide the migrant existing conditions so that it installs on the host country and feel integrated. The fact that immigrants communicate by standard weekly with the family in Brazil, as well as the use of information and communication technologies, contributes greatly to their psychological and emotional wellbeing. Regular contact with family, even through by a Web cam, gives them tranquility and minimizes the physical distance, since they can see and hear,

feeling the support and helping them to stay in our country.

The use of new technologies are used to maintain the link with the home community, fostering ties with family and friends. Migrants use the Internet to communicate with individuals of the same nationality as well as family / friends who are in Brazil. Access to TIC and the fact that use to communicate with family and friends back home, can be regarded as a social support network, providing immigrant integration in the host country.

Keywords: Migration flows; Brazilian Immigration; ICT; Integration; Globalization; Social support networks.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
CAPITULO I - INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento teórico: o problema e a sua importância.....	1
1.2. Objectivo do estudo	2
1.3. Questões do estudo.....	3
1.4. Estrutura geral da dissertação.....	4
CAPITULO II - Tendências dos fluxos migratórios, em Portugal	6
2.1. Imigração.....	6
2.2. Portugal, país de emigração e de imigração	9
2.3. Fluxos migratórios.....	11
2.4. Imigração oriunda do Brasil	12
2.4.1. População brasileira em Portugal, no distrito de Faro e no concelho de Albufeira, dados estatísticos dos últimos anos.....	15
CAPITULO III - Questões inerentes às migrações	24
3.1. Relações entre migrantes e sociedade receptora	24
3.2. Identidade étnica e cultural.....	30
3.3. As famílias e o fenómeno das migrações	33
CAPITULO IV - Globalização, TIC e Migrações	38
4.1. Tecnologias de Informação e Comunicação na sociedade contemporânea	38
4.2. Conectando comunidades: Efeitos e implicações	42
4.3. Identidade cultural e tecnologias de informação e comunicação	44
4.4. As TIC e o impacto nas relações com o país de origem.....	48
CAPITULO V - Enquadramento Metodológico.....	52
5.1. População e amostra do estudo	52
5.2. Contexto do estudo.....	54
5.2.1. Caracterização do concelho de Albufeira	54
5.3. Instrumentos de pesquisa.....	56
5.3.1. Inquérito por questionário	60
5.4. Procedimento de recolha de dados	62

CAPITULO VI - Apresentação dos resultados.....	68
6.1. Apresentação de resultados	68
6.1.1. Percurso migratório e situação legal	68
6.1.2. Motivos da emigração	72
6.1.3. Habilitações literárias e formação profissional: o seu reconhecimento em Portugal.....	76
6.1.4. Mercado de trabalho.....	80
6.1.5. Integração, redes familiares e de amizade	83
6.1.6. Dinâmicas familiares	92
6.1.7. Comunicação com o país de origem.....	93
6.1.8. Novas tecnologias	97
6.1.9. TIC versus integração.....	103
CAPITULO VII - Discussão dos resultados e conclusões	107
7.1. Discussão	107
7.2. Conclusões	121
7.3. Limitações de estudo e sugestões para novas investigações	126
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
ANEXOS	XVI
ANEXO 1 - Pedido para aplicação de Inquéritos por Questionário.....	XVII
ANEXO 2 - Inquérito por Questionário	XVIII
ANEXO 3 - Subcategorias, Unidades de Registo, Unidades de Contexto e Frequência.....	XXIX

Índice de Figuras

Figura 1 - Principais nacionalidades 2007	15
Figura 2 - Principais nacionalidades 2008	16
Figura 3 - Principais nacionalidades 2009	16
Figura 4 - Principais nacionalidades 2010	17
Figura 5 - Distribuição geográfica de imigrantes	18
Figura 6 - Principais nacionalidades 2011	18
Figura 7 - Principais nacionalidades 2012	19
Figura 8 - Municípios da Região do Algarve	54
Figura 9 - Freguesias do concelho de Albufeira	55

Índice de quadros

Quadro 1 – Imigrantes distribuídos pelos concelhos algarvios.....	19
Quadro 2 – População brasileira que solicitou estatuto de residente em Portugal, 2000 a 2011	20
Quadro 3 – População Brasileira Residente em Território Nacional, 2008 a 2012.....	20
Quadro 4 – Beneficiários Brasileiros que usufruíram do Regresso Voluntário de 2006 a 2012	21
Quadro 5 – 4 Principais nacionalidades no concelho de Albufeira - 2008 a 2012.	21
Quadro 6 – Número de imigrantes brasileiros residentes em Albufeira	22
Quadro 7 – Número de imigrantes brasileiros atendidos no Gabinete de Apoio ao Imigrante (GAI) em Albufeira	23
Quadro 8 – Caracterização dos inquiridos quanto ao género, idade, número de elementos do agregado familiar e situação profissional.....	53

Quadro 9 – Estrutura do Inquérito por Questionário.....	61
Quadro 10 – Esquema geral das Dimensões, Categorias e Subcategorias.....	66
Quadro 11 – Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência	72
Quadro 12 – Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência	73
Quadro 13 – Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	76
Quadro 14 – Habilitações Literárias: Categorias, Subcategorias e Frequência.....	78
Quadro 15 – Mercado de trabalho: Categoria, Subcategoria e Frequência	81
Quadro 16 – Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	85
Quadro 17 – Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	85
Quadro 18 – Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	86
Quadro 19 – Rede Amigos: Categoria, Subcategoria e Frequência	87
Quadro 20 – Rede Amigos: Categoria, Subcategoria e Frequência	89
Quadro 21 – Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	89
Quadro 22 – Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência	90
Quadro 23 – Dinâmicas familiares: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	93
Quadro 24 – Comunicação país de origem: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	94
Quadro 25 – Dinâmicas familiares: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	95
Quadro 26 – Comunicação com o país de origem: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	96
Quadro 27 – Novas tecnologias: Categoria, subcategoria e Frequência.....	101
Quadro 28 – Novas tecnologias: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	103
Quadro 29 – Contribuição das TIC: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	104
Quadro 30 – Contribuição das TIC: Categoria, Subcategoria e Frequência.....	105

Quadro 31 – Comunicação com o país de origem: Categoria, Subcategoria e

Frequência 106

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Ano chegada a Portugal68

Tabela 2 – Ano de chegada Albufeira69

Tabela 3 – Visto obtido70

Tabela 4 – Situação actual70

Tabela 5 – Em que ano obteve a situação em que se encontra71

Tabela 6 – O que o levou a emigrar72

Tabela 7 – Veio para Portugal Acompanhado74

Tabela 8 – Quais as habilitações literárias o Brasil76

Tabela 9 – As habilitações foram reconhecidas em Portugal76

Tabela 10 – Continuou os estudos em Portugal77

Tabela 11 – Se continuou os estudos porquê?77

Tabela 12 – Formação profissional quando chegou a Portugal78

Tabela 13 – Formação Profissional actualmente79

Tabela 14 – Quando chegou a Albufeira tinha trabalho80

Tabela 15 – Qual o primeiro trabalho em Albufeira81

Tabela 16 – Estava de acordo com as habilitações que possuía82

Tabela 17 – Considera-se integrado84

Tabela 18 – O que já fez para se integrar86

Tabela 19 – Já tinha amigos/família em Albufeira87

Tabela 20 – Quem o ajudou na integração88

Tabela 21 – O facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira
contribuiu para a sua integração88

Tabela 22 – A sua rede de amigos é proveniente do Brasil?90

Tabela 23 – Mantém as mesmas tradições que tinha no país de origem?92

Tabela 24 – Com quem partilha essas tradições?	92
Tabela 25 – Manter essas tradições facilita ou prejudica a sua integração, porquê?.....	93
Tabela 26 – Com que regularidade comunica com a família	95
Tabela 27 – Considera essa comunicação fundamental para a sua integração.....	96
Tabela 28 – Tem computador próprio?	97
Tabela 29 – Qual o local que acede ao computador?	98
Tabela 30 – Utiliza o computador com regularidade?.....	98
Tabela 31 – O computador que utiliza tem acesso à internet?	99
Tabela 32 – A internet que utiliza é?.....	99
Tabela 33 – Com que regularidade utiliza a internet?	100
Tabela 34 – Utiliza as redes sociais?	102
Tabela 35 – As TIC contribuem para a sua integração em Portugal?	103
Tabela 36 – O acesso às TIC e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional?	104
Tabela 37 – Que tipo de notícias pesquisa na internet?.....	105
Tabela 38 – Considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal?.....	106

Índice Gráficos

Gráfico 1 – Género dos Imigrantes residentes no concelho de Albufeira.....	22
Gráfico 2 – Escolha de Portugal como país de destino	73
Gráfico 3 – Veio acompanhado por quem para Portugal	74
Gráfico 4 – Quem tomou a decisão de emigrar	75
Gráfico 5 – Quem lhe arranjou o trabalho?	80
Gráfico 6 – Dificuldades sentidas em Portugal	83
Gráfico 7 – Como ultrapassou essas dificuldades	84

Gráfico 8 – Com o promove o contacto com os indivíduos da mesma nacionalidade	91
Gráfico 9 – Como contacta com a família no Brasil?	94
Gráfico 10 – O que costuma fazer para manter a ligação com o país de origem?	97
Gráfico 11 – Utiliza a internet com que objectivo?.....	100
Gráfico 12 – Qual o programa que utiliza para comunicar com a família/amigos no país de origem?	101
Gráfico 13 – Quais?	102

CAPITULO I - INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento teórico: o problema e a sua importância

Estudos realizados revelam que, nas últimas décadas, Portugal recebeu imigrantes, que tal como a população portuguesa no passado também já o fez, vieram à procura de melhores condições e/ou qualidade de vida. Presentemente, verifica-se a entrada de imigrantes de todo o mundo.

Entre eles destacam-se como comunidades mais representativas em Portugal, em 2012, os imigrantes oriundos do Brasil com um total de 105.622 residentes, representando 25,3% da população migrante em território nacional, seguido da Ucrânia, segunda comunidade mais representativa, com 44.074 residentes, representando 10,6% da população estrangeira, seguida de Cabo Verde com 42.857 residentes, traduzindo-se em 4,9% da população global estrangeira a residir no nosso país (SEF, 2013).

Nesse sentido, o trabalho que aqui se apresenta visa estudar algumas características da comunidade mais representativa não só no país, mas também no concelho de Albufeira, a comunidade oriunda do Brasil.

Perante a quantidade de indivíduos oriundos das mais diversas partes do globo e com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, as barreiras culturais foram reduzidas, permitindo uma rápida difusão de ideias e de meios, possibilitando que indivíduos que se encontram em locais geograficamente longínquos possam comunicar com regularidade. Importa então perceber de que modo é que estas novas tecnologias podem ser fundamentais para os imigrantes manterem o contacto com a cultura de origem.

As Tecnologias de Informação e da Comunicação vieram modificar a forma como se comunica com o outro, pois existem múltiplas formas de o fazer, podendo permitir uma interacção em tempo real e livre de quaisquer barreiras geográficas e permitindo um contacto intercultural, permitindo alargar os horizontes, derrubando as barreiras nacionais e culturais, possibilitando o contacto permanente com o mundo inteiro.

Com a evolução das Tecnologias de Informação e da Comunicação, torna-se fundamental compreender o seu papel, enquanto factor integrador das comunidades migrantes, assim pretende-se analisar até que ponto as relações familiares e de amigos contribuem para a integração das famílias migrantes.

Assim, as Tecnologias de Informação e da Comunicação tem um papel fundamental, com a internet diversificaram as possibilidades de interacção e de comunicação regular entre o migrante e os membros da família que ficaram no país de origem. Através dos meios tecnológicos atenuam a distância e desenvolvem o sentimento de estar em casa, mas longe da mesma, permitindo aos migrantes acompanharem o dia a dia dos seus familiares conferindo-lhes um sentimento de proximidade.

1.2. Objectivo do estudo

Sendo esta uma investigação empírica, pretende-se com ela contribuir para o enriquecimento do conhecimento nesta área, tomando-a como uma contribuição para os estudos desenvolvidos.

Com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e da Comunicação, a sociedade sofreu profundas alterações. Esta nova realidade veio também modificar a forma como as comunidades migrantes comunicam com a comunidade de origem, e o modo como mantém relação com os indivíduos da sua nacionalidade, bem como da comunidade que os acolheu.

Com este estudo pretende-se conhecer, por um lado, o impacto da utilização das TIC, por parte dos imigrantes de origem brasileira, como forma de manterem o contacto com o país de origem, por outro, o facto de residirem familiares/amigos em Portugal, aquando da sua vinda, podem contribuir para a sua integração.

Assim, de modo a clarificar este objectivo, definiram-se os seguintes objectivos específicos, que foram orientadores do trabalho empírico:

- Procurar construir uma caracterização pessoal, profissional e académica dos inquiridos da amostra, bem como a utilização das novas tecnologias para comunicação com a comunidade de origem;

- Compreender se o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família migrante, na sociedade de acolhimento;
- Avaliar se a utilização das TIC contribuem para a integração dos imigrantes no país de acolhimento;
- Analisar se as TIC contribuem para o bem estar psicológico e emocional dos migrantes;
- Verificar quais os meios de comunicação mais utilizados pelos migrantes para comunicar com a comunidade de origem;
- Identificar a frequência de utilização das novas tecnologias;

1.3. Questões do estudo

No que diz respeito à questão de partida, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), resume-se em fazer referência ao projecto de investigação através de uma pergunta de partida, “através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (p. 30).

Desta forma foram identificadas as seguintes questões de investigação, às quais se pretende dar resposta ao longo deste estudo:

- *Em que medida as TIC poderão contribuir para a integração dos migrantes;*
- *Em que medida o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família migrante, na sociedade de acolhimento;*
- *Em que medida o acesso às TIC pode contribuir como uma rede social de apoio e assim para a integração da população migrante;*
- *Em que medida as TIC podem contribuir para o bem estar psicológico e emocional dos migrantes;*

Estas questões consideram-se pertinentes, uma vez que a rede familiar e de amigos grande parte das vezes favorece a integração dos indivíduos, pois dá-lhes a segurança e tranquilidade necessários quando se chega a um país/cidade desconhecido. Pretende-se verificar se no séc. XXI com as novas tecnologias se tornará mais facilitada a integração dos imigrantes. Assim como, verificar se a comunicação frequente com os

familiares/amigos que permaneceram no país de origem, favorece o processo de integração, ou se por outro lado, leva ao afastamento da cultura de acolhimento.

1.4. Estrutura geral da dissertação

O presente estudo encontra-se organizado num único volume que integra o estudo realizado, as referências bibliográficas consultadas e os anexos que complementam o trabalho desenvolvido.

Importa referir que o estudo se encontra dividido em duas partes, sendo a primeira a componente teórica, fazendo alusão aos vários autores que abordam a problemática dos Fluxos Migratórios, às questões inerentes às Migrações, bem como à Globalização e às Tecnologias de Informação e da Comunicação. A segunda parte diz respeito à componente empírica que faz referência à população e ao contexto do estudo, bem como a apresentação e discussão dos resultados obtidos através de Inquérito por Questionário.

Assim, o mesmo está dividido em sete capítulos, que se encontram organizados numa sequência lógica, embora correspondam a temas diferenciados, contudo complementares e que estão directamente relacionados com a temática do estudo.

Na introdução, capítulo I, é efectuada uma abordagem geral ao estudo, sendo especificado o problema e a sua importância, o objectivo e as questões do estudo, bem como a estrutura geral da dissertação.

Os capítulos II, III e IV dizem respeito ao Enquadramento Teórico, que é o suporte de referência deste estudo, em que são destacados os aspectos descritos na literatura que fundamentam as questões inerentes à Imigração, Imigração Brasileira e Tecnologia das Informação e da Comunicação.

Assim, no capítulo II - Tendências dos fluxos migratórios, encontra-se subdividido em quatro pontos: Imigração; Portugal, país de emigração e de imigração; Fluxos migratórios e Imigração oriunda do Brasil, este último encontra-se ainda subdividido na análise da população brasileira em Portugal, no distrito de Faro e no concelho de Albufeira, dados estatísticos dos últimos anos.

No capítulo III - Questões inerentes às migrações, o qual se encontra dividido em três pontos, Relações entre migrantes e sociedade receptora; Identidade étnica e cultural e As famílias e o fenómeno das migrações.

No capítulo IV - Globalização, TIC e Migrações, está dividido em quatro pontos, Tecnologias da Informação e da Comunicação; Conectando comunidades: efeitos e implicações; Identidade cultural e tecnologias da informação e comunicação e As TIC e o impacto nas relações com o país de origem.

No capítulo V - Enquadramento Metodológico, dividido em quatro pontos, População e amostra do estudo; Contexto do estudo, subdividido em caracterização do concelho de Albufeira; Instrumentos de pesquisa, subdividido em Inquérito por Questionário e procedimentos de recolha de dados.

No capítulo VI – Apresentação dos resultados, no qual são apresentados os resultados do estudo de caso desenvolvido, com base na análise quantitativa, através de tabelas e gráficos, bem como da análise de conteúdo das questões semi abertas e abertas do Inquérito por Questionário, estabelecendo a relação com os objectivos da investigação.

No capítulo VII - Discussão dos resultados e conclusões, no qual se apresentamos aspectos a reter da análise dos resultados obtidos no estudo empírico, conjugados com os elementos resultantes do enquadramento teórico, referem-se ainda as limitações ao estudo, bem como sugestões para novas investigações, relacionadas com a temática da Imigração e das Tecnologias de Informação e da Comunicação.

Por último serão apresentadas as considerações finais.

CAPITULO II - Tendências dos fluxos migratórios, em Portugal

Neste capítulo iremos abordar aspectos relacionados com a imigração, de modo a caracterizar o fenómeno migratório em Portugal. Começaremos por fazer referência à imigração em termos globais, abordaremos a questão de Portugal enquanto país de origem e país de acolhimento. Continuaremos com os fluxos migratórios em Portugal e terminaremos com uma análise à imigração oriunda do Brasil em Portugal e mais concretamente no distrito de Faro, concelho de Albufeira, nos últimos anos.

2.1. Imigração

As migrações fazem parte da história da humanidade, o homem desde sempre sentiu necessidade de se deslocar, quer seja à procura de melhores meios de subsistência, quer seja para fugir de situações em que se sente ameaçado, nomeadamente por questões sociais, ambientais e por questões físicas.

Os movimentos de populações em larga escala iniciaram há séculos, aquando do expansionismo europeu, pois como refere Giddens (2007) “a partir destas vagas iniciais de migração global, as populações humanas continuaram a interagir e a misturar-se de maneiras que moldaram de modo fundamental a composição étnica de muitos países” (p.260). Assim, a migração é um fenómeno próprio da evolução humana, que não sendo um fenómeno novo está a tornar-se cada vez mais comum. O crescimento demográfico, as mudanças climatéricas, as necessidades económicas levaram a movimentos populacionais, os quais sempre fizeram parte da história da humanidade (Castels, 2005).

Com o aumento da mobilidade da população, devido à facilidade com que se podem deslocar, as migrações tem vindo a ganhar maior relevância, como resultado do desenvolvimento social e económico. A migração pode proporcionar aos indivíduos migrantes melhores condições económicas e sociais, como defende Castels (2005) as migrações tornaram-se mais comuns “ à medida que as pessoas se movem em busca de segurança e de melhores condições de vida: das aldeias para as cidades, de uma região para outra dentro do seu próprio país, ou entre países e continentes” (P. 15).

Assim, importa referir que a emigração é o movimento de pessoas que saem do país a que pertencem, quer seja por nacionalidade ou por vivência, durante um período significativo de tempo, para se estabelecerem noutro país. Desta forma, emigrar é

abandonar o seu país de origem para trabalhar temporariamente, para se refugiar ou para fixar residência em outro país. Desta forma, para o país de acolhimento as pessoas que vão do exterior, num processo de emigração, são denominados de imigrantes. Tendo em conta a denominação de emigrante/imigrante, um mesmo indivíduo é designado das duas formas, por um lado é considerado emigrante no seu país, pois encontra-se ausente, no entanto pouco perde a nível de direitos, por outro lado é imigrante, desconhecido no país de acolhimento, ao qual terá que se adaptar, integrar e submeter à legislação e às normas em vigor (Rocha-Trindade, 1995).

Para Castels (2005) migrar “implica estabelecer residência por um período mínimo – digamos de seis meses ou um ano” (p.17), contudo cada país define nas suas políticas migratórias e nas estatísticas demográficas um conjunto de categorias de modo a classificar o tipo de migrantes.

De acordo com Castels (2005) os migrantes internacionais poderão ser classificados em oito categorias:

Imigrantes laborais temporários – constituído por indivíduos que emigram por um período de tempo limitado, que poderá ir de poucos meses até alguns anos, somente com o intuito de arranjar emprego e enviar dinheiro para a família.

Imigrantes altamente qualificados e empresários -Indivíduos com elevadas qualificações, que se integram em empresas multinacionais e de organizações internacionais, prestando mão de obra qualificada nos países que os acolhem, existindo países que tem programas especiais para estes profissionais.

Imigrantes irregulares–Indivíduos que entram num determinado país sem documentação ou as devidas autorizações, com a perspectiva de obtenção de emprego.

Refugiados – sendo denominado como refugiado o indivíduo que saiu do seu país de origem ao abrigo do Estatuto do Refugiado, para residir noutra e que não pode ou não quer regressar com receio de ser alvo de perseguição, devido à sua raça, religião, opiniões políticas, filiação em grupo social ou nacionalidade. Por norma, procura-se efectuar a distinção entre refugiados e imigrantes, uma vez que os países signatários da Convenção das Nações Unidas de 1951, assumem o acordo de proteger os refugiados permitindo que os mesmos entrem no país com o estatuto de residente temporário ou permanente.

Requerentes de asilo – Indivíduos que atravessam as fronteiras com o objectivo de obter protecção, mas que não cumprem os critérios estabelecidos pela convenção de 1951.

Migração forçada – neste parâmetro estão incluídos não só os requerentes de asilo e refugiados, como indivíduos que devido a situações de calamidade e/ou catástrofes ambientais ou a projectos de desenvolvimento.

Membros da família – indivíduos que se vem juntar aos familiares imigrantes, através da reunificação familiar.

Imigrantes retornados – Indivíduos que retornam ao seu país de origem, após um período noutro país.

Estas denominações têm por objectivo que cada país classifique os seus imigrantes, de modo a tornar as migrações menos problemáticas, assumindo assim uma forma de controlo e restrição.

Na questão das migrações importa perceber as motivações que levam um indivíduo a sair da sua pátria. Segundo Giddens (2007) no que concerne às migrações existem teorias iniciais que se resumiam nos chamados de factores “*pushandpull*”. Assim, “os factores “*push*” referem-se a dinâmicas dentro de um país de origem que forçam as pessoas a emigrar, tais como a guerra, a fome, a opressão política ou a opressão demográfica” (p.261). Por outro lado os factores “*pull*” “são as características dos países de destino que atraem os imigrantes: mercados de trabalho prósperos, melhores condições gerais de vida ou menos densidade populacional” (p.262).

Para Rocha-Trindade (1995) que também aborda a questão da atração-repulsão, acrescenta que as teorias baseadas neste modelo, tendem a maximizar as vantagens e reduzir o desconforto, ou seja, o indivíduo é levado a fazer escolhas racionais tendo em conta as pressões exercidas. Desta forma, “os factores de repulsão e atracção, “empurram” os indivíduos do seu local de origem, “atraindo-os” para outros locais” (p.73).

De salientar que Lee (1969, citado por Rocha-Trindade, 1995) considera que as migrações dependem da conjugação, não só dos aspectos positivos e negativos do acto de migrar, mas também da distância para onde se migra, a legislação sobre imigração, os custos com os transportes de pessoas e bens e as barreiras físicas. O mesmo autor

refere ainda que factores de ordem pessoal podem facilitar ou retardar o processo de imigração.

Não obstante, e de acordo com Machado (1997) existem factores que impulsionam e favorecem a permanência de determinadas correntes migratórias, nomeadamente as condições ambientais, sociais, económicas ou políticas.

2.2. Portugal, país de emigração e de imigração

Portugal sempre foi o destino de muitos povos, contudo a partir do séc. XV tornou-se num país de emigração, tendo saído do país elevados fluxos populacionais para África, Ásia e América. Já no séc. XX, na década de 60 devido às questões políticas e económicas do país, a emigração passou a direccionar-se para a Europa e a América do Norte.

Nas últimas décadas do séc. XX tornou-se em simultâneo um país de imigração, devido à independência das ex-colónias africanas. O primeiro grande fluxo migratório teve início nos anos 60, quando os naturais de Cabo Verde emigraram para Portugal, apesar de não poder ser considerado de imigração, uma vez que Cabo Verde pertencia a Portugal, desta forma é denominado de fluxo migratório de compensação, pois, vem substituir os portugueses que emigraram para a América do Norte e Europa, bem como os que foram mobilizados para a guerra colonial.

O processo de descolonização que Portugal empreendeu na década de 70, movimentou muitos cidadãos africanos, em especial Cabo Verdianos, Angolanos e Guineenses, a deslocarem-se para Portugal. É essencialmente a partir de 1974 que se regista o maior aumento de população, como consequência dos fluxos de imigração da população proveniente das ex-colónias. São comunidades étnicas que já viram cá nascer os seus filhos, bem como os seus netos (Gonçalves, 2001).

Machado (1994) salienta ainda de que após o 25 de Abril de 1974 fixaram-se em Portugal famílias africanas provenientes das ex-colónias. Como consequência da independência daqueles territórios, muitos portugueses aí residentes foram obrigados a retornar ao país.

Segundo Costa (2004), após a década de 70 a imigração em Portugal ganhou uma dimensão significativa, verificando-se actualmente que ocorreu um aumento progressivo, em grande medida tal facto deveu-se a uma melhoria nas condições

económicas do país e também à adesão à CEE (Comunidade Económica Europeia), actualmente designada por UE (União Europeia). Com a conjugação de diversos factores impulsionadores, nomeadamente a adesão à CEE, referido anteriormente, a queda do muro de Berlim, o início de diversas obras públicas no país, tornou Portugal especialmente atractivo como destino de imigrantes, ou seja, veio aumentar o fluxo imigratório para Portugal, tornando-o representativo. Portugal passou a ter, segundo Machado (1994) “características básicas dos fenómenos migratórios de motivação económica” (p.112).

Na década de 80, Portugal acolhe indivíduos oriundos do Brasil, que devido às condições em que se encontrava o seu país procuraram aqui melhores condições de vida. No final da década de 90, Portugal passou a acolher cidadãos dos países do Leste, devido à desagregação da antiga União Soviética, às condições difíceis em que viviam os seus habitantes, bem como a facilitação na deslocação de pessoas e bens tendo por base o acordo de Shengen (Santos, 2004).

Assim, Portugal neste momento, pode considerar-se um país de emigração e de imigração, uma vez que continua a colher as mais diferentes etnias, bem como os nossos cidadãos continuam a procurar melhores condições de vida noutras partes do mundo. Como afirma Machado (1997) Portugal não pode ser considerado unicamente como país de imigração, pois não “deixou de ser um país de emigração para se tornar um país de imigração” (p. 15).

Nos últimos anos, Portugal é em especial um receptor dos PALOP, dos países de leste, América do Sul e da Ásia. O crescimento e desenvolvimento económico apresentado por Portugal, nesta altura, motivaram a sua procura por parte dos migrantes, que buscavam melhores condições de vida.

A imigração em Portugal é relativamente recente, especialmente no que diz respeito à origem dos imigrantes, tendo um grande impacto a independência das ex-colónias portuguesas, sendo que Portugal se tornou um país atractivo para os povos destes países africanos.

2.3. Fluxos migratórios

Portugal sendo caracterizado numa primeira instância enquanto país de emigração e posteriormente um país de imigração (sendo em simultâneo país de emigração e de imigração, como foi referido anteriormente), tem vindo a deparar-se com elevados fluxos migratórios originários de vários países. De salientar os que se consideram de maior relevância e sobre os quais nos iremos debruçar neste ponto, nomeadamente os fluxos migratórios originários dos PALOP, Brasil e Europa de Leste.

Um dos fluxos migratórios mais relevante como referido anteriormente, era originário dos PALOP, sendo que Portugal se tornou num país receptor nos finais da década 60 início da década de 70 com o processo de descolonização. Segundo Rocha-Trindade (2004) nos anos 70 verificou-se “um gigantesco afluxo de indivíduos provenientes das Províncias Ultramarina Africanas, em pleno processo de aquisição da independência...” (p.173). Já no fim da década de 70 inícios da década de 80, verificou-se que o fluxo de imigrantes era de cariz laboral, provenientes, numa primeira fase dos países africanos de língua portuguesa, sendo que gradualmente se foram estabelecendo indivíduos oriundos do Brasil.

Machado (1997) salienta que após o processo de descolonização muitos foram os imigrantes africanos que se fixaram em Portugal, bem como o retorno de portugueses residentes nas ex-colónias, este fluxo migratório assumiu contornos específicos, uma vez que era um contexto de mudança e instabilidade política. Contudo, e com base no mesmo autor, a meio da década de 80 a imigração laboral assume contornos notórios, em especial pelos cabo verdianos, angolanos e guineenses.

Nos anos 80 os fluxos migratórios oriundos do Brasil ganham algum relevo, nomeadamente por serem considerados de natureza económica, apresentando características socioprofissionais elevadas, estes imigrantes eram heterogéneos no que diz respeito às qualificações literárias. Nesta década verificou-se uma imigração de cariz laboral. Rocha-Trindade (2004) realça que a segunda vaga de imigrantes tem qualificações inferiores aos imigrantes da 1ª vaga, e vêm de estados predominantemente rurais.

Vários foram os factores que despoletaram o crescimento da imigração neste período, nomeadamente o desenvolvimento das obras públicas e da construção civil, que requeria uma elevada mão de obra, o facto de não existir nos anos 80 mecanismo de controle,

permitindo a entrada de estrangeiros extra-comunitários também favoreceu o aumento dos fluxos migratórios. Outro factor de extrema importância é o das redes sociais, de modo a que ao indivíduo migrante possa ser facilitado o seu processo de integração, designadamente através de apoio na sua instalação, informações variadas, oportunidades de emprego entre outras.

Entre 1980 e 1992, de acordo com Santos (2004) “Portugal adoptou um conjunto de instrumentos legais que lhe permitiram uma maior capacidade de intervenção em matéria de regulação dos fluxos migratórios” (p.58). Assim, em simultâneo, Portugal apetrecha-se dos instrumentos fundamentais para o estabelecimento de uma política de regulação dos fluxos migratórios, bem como começa a dar os primeiros passos no que diz respeito aos princípios orientadores da política de imigração nacional.

Segundo Rocha-Trindade (2004) menciona que no processo extraordinário de legalização que sucedeu em 2001 e 2002 reconheceu-se oficialmente (uma vez que a sua afluência iniciou-se nos finais dos anos 90) a entrada de imigrantes provenientes da Europa central e de Leste, salientando-se os indivíduos oriundos da Ucrânia, Rússia e Moldávia. Segundo a mesma autora estes detêm qualificações a nível superior, sendo que os mesmos desempenham funções que estarão abaixo das suas qualificações profissionais

2.4. Imigração oriunda do Brasil

A comunidade brasileira, segundo Malheiros (2007) transformou-se “no maior grupo formal e contabilizado de estrangeiros em Portugal” (p.16) representando a maior e mais importante comunidade migrante no nosso país.

A imigração brasileira para Portugal teve o seu início em meados da década de 80, através de um movimento reduzido de indivíduos, apresentando características específicas, designadamente profissionais qualificados e ocupando lugares mais altos nas hierarquias do mercado de trabalho.

Os autores Raposo e Togni (2009) salientam que poderá caracterizar-se a imigração brasileira em duas vagas, sendo que a 1ª vaga de imigração terá de facto iniciado com um movimento limitado de indivíduos que a nível profissional apresentavam qualificações bastante elevadas. Malheiro (2007) reforça ainda, salientando que “ a

imigração do Brasil para Portugal começou como um movimento de contra corrente que incluía alguns profissionais qualificados (dentistas, peritos de marketing, informáticos, etc) ...” (p. 16). Esta 1ª vaga terá sido a consequência das crises económicas, sucessivas, que se verificaram no Brasil, que conseqüentemente levaram à limitação no mercado de trabalho dificultando a mobilidade social, contribuindo em grande medida para a emigração daquela comunidade.

No que diz respeito à 2ª vaga, terá ocorrido a partir de 1999, quando se deu o “boom” da imigração brasileira em Portugal, esta comunidade terá, segundo os mesmos autores, aumentado exponencialmente no nosso país, entre 1991 e 2001. Os indivíduos que fizeram parte desta 2ª vaga de imigração apresentavam características completamente distintas da dos indivíduos da 1ª vaga, o nível de instrução era bastante mais baixo, apresentando-se como trabalhadores com baixas qualificações. A sua vinda para Portugal tinha como principal objectivo a inserção no mercado de trabalho, de modo a melhorar as suas condições de vida.

Tendo por base um estudo realizado pela Casa do Brasil em Lisboa, a 2ª vaga de imigração brasileira é caracterizada pela sua jovialidade, ou seja “60% dos inquiridos tem idades inferiores a 31 anos, e 75% idade compreendida entre 20 e 35 anos” (p. 232). Nesse estudo salienta ainda, que os imigrantes no que se refere à componente laboral enquadram-se na sua maioria no comércio, restauração e construção civil, no país de origem a nível laboral, era equiparado às funções desempenhadas em Portugal, comércio, restauração, sector operário e administrativo. Contudo alguns indivíduos, no contexto de imigração viram as suas ocupações profissionais sofrerem alterações, nomeadamente por “alguma mobilidade profissional descendente, em termos de qualificações e prestígio social das actividades desempenhadas” (p. 233). Ou seja com a sua vinda para Portugal, aceitaram desempenhar profissões para as quais tinham competências e habilitações em excesso.

No que diz respeito ao motivo pelo qual se deslocaram para Portugal, alegaram os baixos salários e o desemprego no país de origem, desta forma, “evidencia-se assim a motivação essencialmente económica desta vaga migratória, sendo essa a natureza das motivações referidas por 79,5% dos respondentes” (p. 234). Ou seja a melhoria das condições de vida é o factor principal desta vaga migratória.

No que diz respeito à escolha do país de acolhimento, são vários os factores que o determinam, no caso concreto da comunidade brasileira, e de acordo com Raposo e Togni (2009) o facto de existirem redes, que podem ser familiares, de trabalho, de amizade, são fundamentais para que obtenham apoio, recursos e informações, de modo a que a sua integração no país de acolhimento seja feita de uma forma gradual e que minimize os impactos das diferenças culturais. Tendo em conta o passado histórico entre Portugal e Brasil, existem determinados factores que tornam o nosso país atractivo aos olhos da comunidade brasileira. Como refere Rocha-Trindade (2004) o facto de ambas as culturas falarem o português facilita a comunicação. Tal como refere Bógus (2007) a escolha de Portugal prende-se essencialmente com o conhecer a língua e desta forma esperar uma integração mais fácil, no país de acolhimento. Refere ainda que os fluxos migratórios brasileiros apresentam especificidades tendo em conta as regiões de destino e obviamente que a escolha de Portugal se pauta pelos hábitos culturais, pela facilidade do idioma e pelas redes sociais já firmadas no nosso país.

Nos últimos anos, e de acordo com Gois, Marques, Padilla, e Peixoto (2009) coloca-se em causa se de facto existiu uma terceira vaga de imigração brasileira, ou se, por outro lado existiu uma intensificação da segunda vaga, tendo em conta que ao longo dos últimos anos se tem vindo a intensificar os fluxos migratórios oriundos do Brasil.

Tendo em conta os factos apresentados e com base em Malheiros (2007) existe a “probabilidade de o Brasil se manter como a maior fonte de imigrantes de Portugal “ (p.23) devido à “...constituição e densificação das suas redes migratórias confere alguma sustentabilidade ao processo de manutenção dos fluxos migratórios” (p.23).

Desta forma, seguidamente será analisado a evolução da comunidade brasileira no nosso país nos últimos anos.

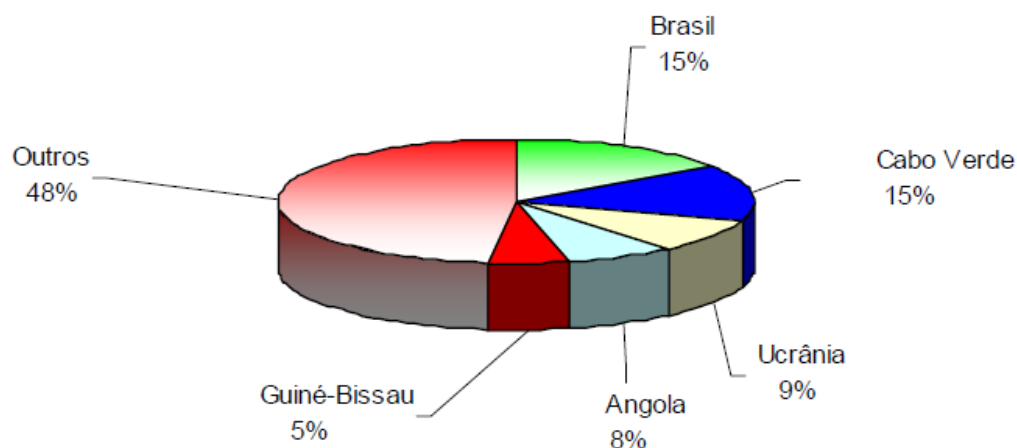
2.4.1. População brasileira em Portugal, no distrito de Faro e no concelho de Albufeira, dados estatísticos dos últimos anos

Tendo em conta que o presente estudo se debruça sobre a comunidade brasileira em Albufeira, torna-se fundamental efectuar uma retrospectiva da mesma, em território nacional, bem como no distrito de Faro e consequentemente no concelho de Albufeira.

Nos últimos 5 anos tem-se verificado que a comunidade brasileira tem assumido um papel preponderante no nosso país, desta forma, apresentar-se-á de seguida os dados estatísticos que fundamentam essas afirmações.

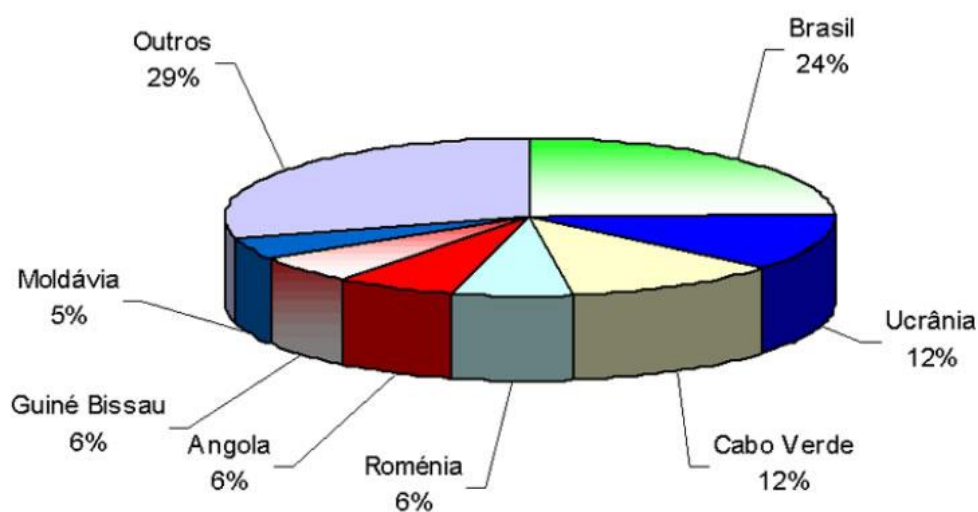
De acordo com o SEF, os indivíduos oriundos do Brasil e de Cabo Verde, em 2007, eram as comunidades de imigrantes mais representativas em Portugal, como se pode verificar pelo gráfico que a seguir se apresenta.

Figura 1 – Principais nacionalidades 2007



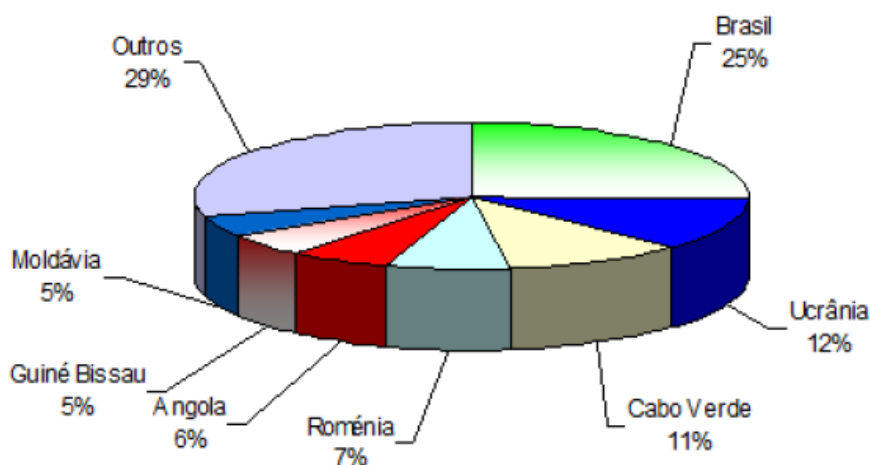
Fonte: SEF, 2007

Relativamente ao ano de 2008, a comunidade mais representativa continua a ser a brasileira, seguida da Ucrânia, Cabo Verde, Angola, Roménia, Guiné-Bissau e Moldávia. Assim, o Brasil em 2008 atinge os 106 961 indivíduos residentes em Portugal, assumindo um forte crescimento desta comunidade no nosso país.

Figura 2 – Principais nacionalidades 2008

Fonte: SEF, 2008

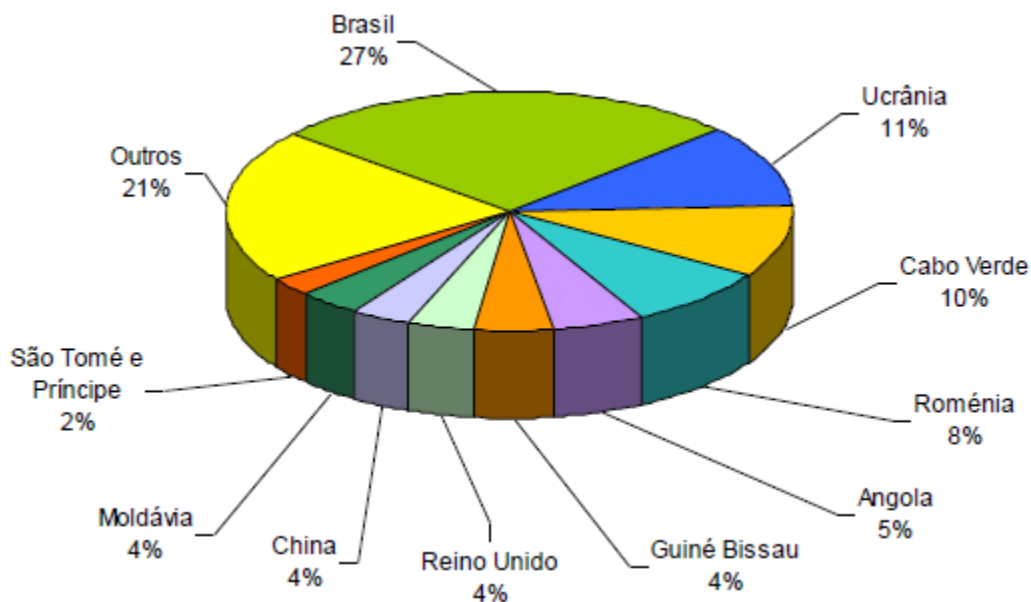
Em 2009, no que diz respeito à distribuição territorial, mantém-se a predominância na zona litoral do país, destacando-se os distritos de Lisboa, Faro e Setúbal, representando 70,3%, do valor total de estrangeiros residentes em Portugal. A comunidade brasileira representa então 25% da população imigrante.

Figura 3 – Principais nacionalidades 2009

Fonte: SEF, 2009

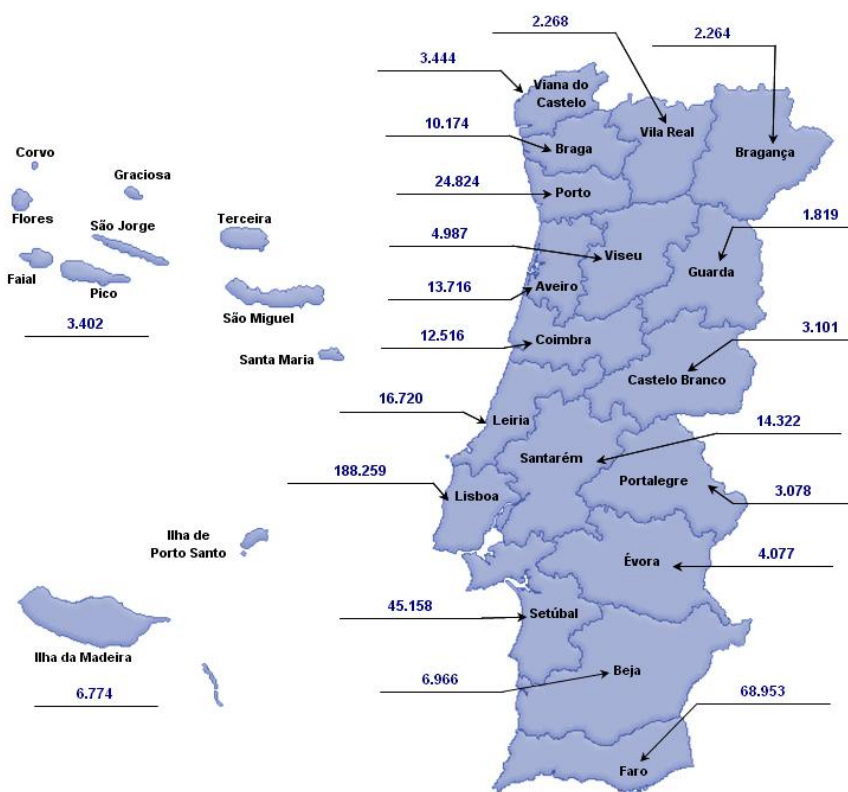
Em 2010, a população estrangeira residente em território nacional perfazia o total de 445.262 indivíduos, sendo que o Brasil destacava-se com 26,81%, mantendo-se a predominância em Lisboa, Faro e Setúbal.

Figura 4 – Principais nacionalidades 2010



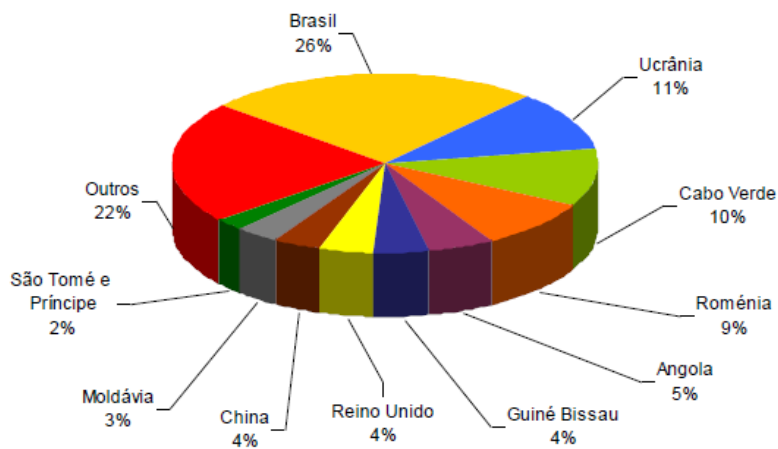
Fonte: SEF, 2010

No que diz respeito ao ano de 2011, a população estrangeira residente totalizava os 436.822, sendo que o Brasil mantém-se na liderança, ou seja continua a ser a maior comunidade em Portugal (25,5%), destacando-se a zona litoral do país como aquela em que se fixam os residentes estrangeiros, tendo especial relevância Lisboa, Faro e Setúbal, embora se encontrem representados por toda a área geográfica do país, como se pode verificar pelo mapa a seguir apresentado.

Figura 5 – Distribuição geográfica de imigrantes

Fonte: SEF, 2011

Relativamente às nacionalidades mais representativas continuamos com o Brasil na liderança com 26%, seguido da Ucrânia com 11%, Cabo Verde com 10%, Roménia com 9%, Angola com 5% e Guiné –Bissau com 4%.

Figura 6 – Principais nacionalidades 2011

Fonte: SEF, 2011

Tendo em conta as estatísticas apresentadas pelo SEF (2011), no distrito de Faro existem 68.953 estrangeiros residentes, sendo que 35.412 são homens e 33.541 mulheres, no concelho de Albufeira existem 10.768 indivíduos oriundos de países estrangeiros.

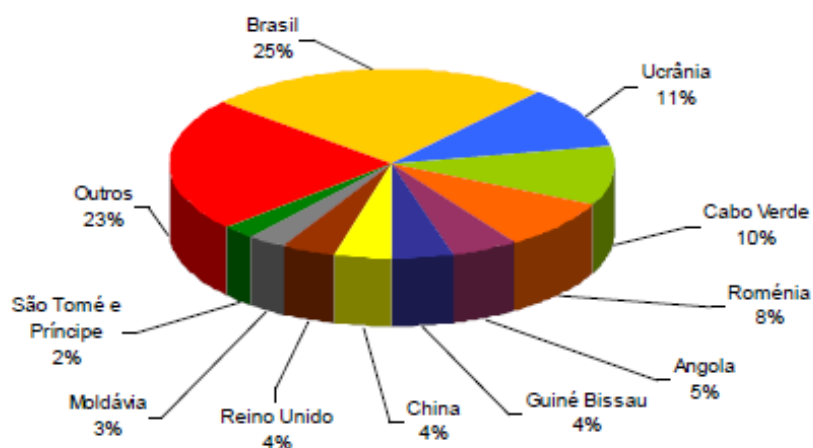
Quadro 1 – Imigrantes distribuídos pelos concelhos algarvios em 2011

Concelhos	Total	TRs	VLDs	H	M
Total Distrito	68.953	68.923	30	35.412	33.541
Albufeira	10.768	10.768	0	5.433	5.335
Alcoutim	66	66	0	35	31
Aljezur	1.282	1.282	0	664	618
Castro Marim	619	619	0	311	308
Faro	6.948	6.918	30	3.505	3.443
Lagoa (Algarve)	4.033	4.033	0	2.038	1.995
Lagos	6.791	6.791	0	3.463	3.328
Loulé	12.818	12.818	0	6.641	6.177
Monchique	583	583	0	307	276
Olhão	3.522	3.522	0	1.823	1.699
Portimão	9.272	9.272	0	4.837	4.435
São Brás de Alportel	1.096	1.096	0	569	527
Silves	5.007	5.007	0	2.615	2.392
Tavira	3.393	3.393	0	1.772	1.621
Vila do Bispo	843	843	0	395	448
Vila Real de Santo António	1.912	1.912	0	1.004	908

Fonte: SEF, 2011

Em 2012 mantêm-se as principais nacionalidades, nomeadamente Brasil com 25%, seguido da Ucrânia com 11%, Cabo Verde com 10% e Roménia com 8%.

Figura 7 – Principais nacionalidades 2012



SEF: 2012

De acordo com dados do ACIDI e do SEF que se apresentam de seguida, podemos verificar que a comunidade brasileira ganhou especial relevo no nosso país a partir do ano de 2006, atingindo o seu número máximo em 2008 com 32.751 cidadãos. Em 2012 verifica-se uma descida face a 2011, apresentando valores muito semelhantes ao ano de 2007.

Quadro 2 - População brasileira que solicitou estatuto de residente em Portugal, 2000 a 2011

Ano	N	%	Varição (%)
2000	1.834	9,78	----
2001	1.717	8,97	-8,25
2002	1.942	10,61	47,17
2003	2.202	15,61	18,19
2004	2.677	16,21	3,83
2005	3.212	21,84	34,76
2006	11.389	18,27	-16,33
2007	11.564	19,24	5,28
2008	32.751	44,97	133,79
2009	23.138	37,66	-16,27
2010	16.164	31,85	-15,41
2011*	12.896	28,42	-20,22
2012	11.715	----	----

Fonte: ACIDI e SEF

*dados provisórios

No que diz respeito à população residente em Portugal podemos verificar um decréscimo no ano de 2012, verificamos ainda que prevalece o género feminino.

Quadro 3 - População Brasileira Residente em Território Nacional - 2008 a 2012

Ano	Total	Homens	Mulheres	TR	VLD
	N			N	N
2008	106.961	49.467	57.494	106.704	257
2009	116.220	52.061	64.159	115.882	338
2010*	119.363	52.478	66.885	119.195	168
2011	111.445	47.518	63.927	111.295	150
2012	105.622	44.127	61.495	105.518	10

Fonte: ACIDI

*dados provisórios

De acordo com o SEF e ao abrigo do Protocolo celebrado com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) o Estado Português presta apoio no retorno voluntário aos países de origem de cidadãos estrangeiros de forma sustentada e digna.

Assim, os cidadãos oriundos do Brasil terão beneficiado do programa de apoio ao retorno voluntário, verificando-se um aumento significativo nos últimos três anos. Desta forma, em 2012 beneficiaram deste apoio 753 indivíduos, sendo que destes 644 tinham nacionalidade brasileira (SEF, 2012).

Quadro 4 - Beneficiários Brasileiros que usufruíram do Regresso Voluntário de 2006 a 2012

Ano	N
2006	82
2007	194
2008	279
2009	315
2010	452
2011	500
2012	644

Fonte: ACIDI e SEF

A população brasileira representa a maior comunidade imigrante residente no concelho de Albufeira, face a outras nacionalidades residentes no concelho, como se pode verificar pelo quadro abaixo.

Quadro 5 – 4 Principais nacionalidades no concelho de Albufeira - 2008 a 2012

Nacionalidade	Total	TRs	VLDs	Homens	Mulheres	
Brasil	2008	2.769	2.768	1	1.339	1.430
	2009	2.771	2.771	0	1.308	1.463
	2010	2.993	2.993	0	1.419	1.574
	2011	2.766	2.766	0	1.263	1.503
	2012	2.504	2.504		1.154	1.350
Moldávia	2008	802	801	1	458	344
	2009	751	751	0	423	328
	2010	577	577	0	302	275
	2011	527	527	0	283	244
	2012	446	446	0	230	216
Reino Unido	2008	1430	1430	0	686	744
	2009	1.559	1.559		748	811
	2010	1.629	1.629		785	844
	2011	1.609	1.609	0	783	826
	2012	1.437	1.437	0	714	723
Ucrânia	2008	1.972	1972	0	1.032	940
	2009	1.946	1.946		999	947
	2010	1.886	1.886		939	947
	2011	1.806	1.806	0	884	922
	2012	1.624	1.624	0	789	835

Fonte: SEF

Podemos ainda constatar pelo quadro que se segue, que em Albufeira a comunidade brasileira teve maior expressividade em 2010, verificando-se também, à semelhança do que se verifica a nível nacional, um decréscimo de indivíduos no ano de 2012.

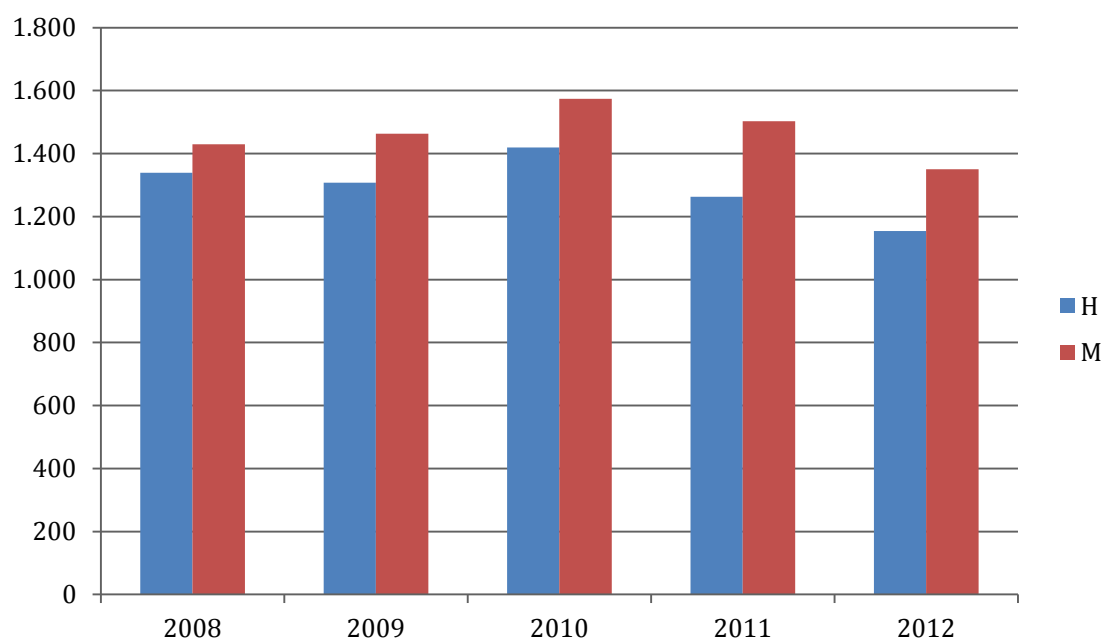
Quadro 6- Número de imigrantes brasileiros residentes em Albufeira

Sexo	2012	2011	2010	2009	2008
Homem	1.154	1.263	1.419	1.308	1.339
Mulher	1.350	1.503	1.574	1.463	1.430
Total	2.504	2.766	2.993	2.771	2.769

Fonte: SEF

Podemos ainda verificar que tal como sucede a nível nacional, também em Albufeira predomina o género feminino.

Gráfico 1 – Género dos Imigrantes residentes no concelho de Albufeira



Fonte: SEF

No que diz respeito aos atendimentos efectuados pelo Gabinete do Imigrante em Albufeira, podemos verificar que no ano de 2009 houve uma procura mais acentuada aos serviços.

Quadro 7- Número de imigrantes brasileiros atendidos no Gabinete de Apoio ao Imigrante (GAI) em Albufeira

Sexo	2012	2011	2010	2009	2008
H/M	42	90	75	111	87

Fonte: GAI - Câmara Municipal de Albufeira

Síntese

As migrações fazem parte da história da humanidade, o homem desde sempre sentiu necessidade de se deslocar, quer seja à procura de melhores meios de subsistência, quer seja para fugir de situações em que se sente ameaçado. Com o aumento da mobilidade da população, devido à facilidade com que se podem deslocar, as migrações tem vindo a ganhar maior relevância, como resultado do desenvolvimento social e económico.

Portugal sempre foi o destino de muitos povos, no entanto a partir do séc. XV tornou-se num país de emigração e nas últimas décadas do séc. XX tornou-se em simultâneo um país de imigração. Desta forma, Portugal actualmente é um país de imigração e de emigração, acolhendo diversos fluxos migratórios, de salientar os mais representativos, Brasil, Ucrânia, Cabo Verde, Roménia e Angola

Assim, em Portugal, a comunidade brasileira transformou-se no maior grupo de estrangeiros, representando a maior e mais importante comunidade migrante no nosso país. Desde 2007 a comunidade brasileira tem-se mantido na liderança de comunidade mais representativa em Portugal, tendo vindo a aumentar nos anos seguintes, atingindo em 2010 o seu máximo, com 27% de população estrangeira residente.

Quanto ao concelho de Albufeira podemos constatar que a maior comunidade de imigrantes é proveniente do Brasil, sendo que se destaca o género feminino.

CAPITULO III - Questões inerentes às migrações

Neste capítulo serão abordados temas ligados às migrações, nomeadamente as relações existentes entre os migrantes e a sociedade receptora tendo em linha de conta as questões políticas no que diz respeito às migrações. No segundo ponto iremos fazer referência à identidade étnica e cultural, salientando o processo de aculturação. Por último analisaremos as famílias e o fenómeno das migrações focando as redes sociais e as remessas enviadas pelos migrantes.

3.1 Relações entre migrantes e sociedade receptora

A história das migrações é tão antiga como a história da humanidade, e muitas vezes se coloca a questão, porque migram os indivíduos? Obviamente que as migrações são motivadas pelas mais variadas razões, contudo podemos destacar duas: as motivadas intrinsecamente pelo indivíduo e as motivadas pelas circunstâncias da sociedade em que se insere. Assim, as primeiras referem-se à curiosidade e espírito de aventura do indivíduo que parte à descoberta de um país novo e as motivadas pelo casamento ou reagrupamento familiar. No que se refere às segundas motivações podemos destacar a procura de melhores condições profissionais e económicas, a perseguições políticas, religiosas ou étnicas e questões ambientais ou sanitárias.

Se nos questionarmos sobre quem são os indivíduos que decidem migrar, evidentemente que dependerá de múltiplos factores, nomeadamente das sociedades de acolhimento e das expectativas criadas em torno dessas sociedades. Padilla (2007) refere que por norma quem emigra é a classe média, uma vez que os indivíduos mais pobres raramente conseguem fazê-lo, pois não têm os recursos suficientes para a tal. Goza (2003, citado em Padilla, (2007) afirma ainda “que as classes mais altas têm os recursos para emigrar e escolhem ficar, as classes mais baixas desejam emigrar, mas não têm os recursos para financiar o projecto. (...) são as classes médias as que tentam e conseguem emigrar” (p.117).

Desta forma, as migrações dos indivíduos e/ou suas famílias acarretam múltiplos desafios e impactos, quer na sociedade de origem, quer na sociedade de acolhimento, coexistindo vantagens e desvantagens.

No que diz respeito à sociedade receptora, muitas são as vezes que os imigrantes são considerados como inoportunos, que irão ficar com os empregos que deveriam ser para os naturais, bem como aumentar a criminalidade e tornar os serviços públicos sobrecarregados, mantendo-se a imagem de que os migrantes estarão a mais na sociedade de acolhimento (Relatório do Desenvolvimento Humano [RDH], 2009).

Contudo e de acordo com Vitorino (2004) a comunidade imigrante veio suprimir algumas falhas existentes no mercado de trabalho, complementando-o com a sua postura flexível, espírito inovador e a sua diversidade, nesse sentido não virá gerar desemprego, mas colmatar as necessidades existentes na sociedade de acolhimento.

Assim, é de salientar o interesse em receber os imigrantes por parte dos países de acolhimento, uma vez que a população está a envelhecer e a decrescer, de acordo com as previsões, o que virá a revelar-se um aspecto negativo no crescimento, no desenvolvimento e na manutenção do sistema de pensões. Devido às más condições dos países de origem, os seus fracos recursos, os fluxos migratórios continuarão a existir, bem como pelas necessidades que os países de acolhimento tem em receber mão de obra. Vitorino (2004) vai mais longe e afirma que “a imigração poderá mesmo apresentar-se como um contributo para a solução do problema das pensões de reforma e para a manutenção dos níveis actuais do PNB e da população activa” (p.35). Desta forma, e tendo em conta a linha de pensamento do autor, os imigrantes contribuem em grande medida para a continuidade das condições de vida das populações receptoras.

Não obstante, nem só a questão económica será fundamental para a aceitação e integração das comunidades migrantes, pressupõe-se então uma participação activa destes imigrantes na sociedade de acolhimento, tendo em conta os aspectos culturais e políticos.

Desta forma, torna-se impreterível que os países de acolhimento adequem as suas políticas de integração, de modo a contemplar a igualdade de direitos entre os indivíduos imigrantes e os indivíduos de origem nacional, de modo a erradicar qualquer forma de discriminação, proporcionando aos imigrantes o exercício pleno da sua cidadania, garantindo uma participação activa na sociedade. Como refere Vitorino (2004) o que se pretende “é uma participação activa dos imigrantes nas sociedades que os recebem e vice-versa, bem como a elaboração de um quadro de direitos e obrigações que enquadre e assegure uma relação saudável” (p.35).

Segundo Horta (2008), as políticas de imigração e integração desde a sua concepção até à actualidade têm sofrido evoluções e retrocessos, chegando por vezes a serem contraditórias. Na década de oitenta assumiram a postura de *deixar fazer*, passando no início da década de noventa, para políticas de imigração e integração restritivas e de exclusão, sendo que no final dos anos noventa as políticas de integração se tornaram mais inclusivas.

Embora o crescimento da imigração tenha ganho algum relevo a partir de meados da década de 80, só a partir da segunda metade da década de 90 é que se institucionaliza a Política de Integração em Portugal. A Política de Imigração e Integração dos imigrantes a partir dessa altura passou a ter uma especial importância no debate público e nas agendas políticas, nomeadamente devido às “obrigações decorrentes da integração europeia, o aumento da imigração clandestina, a visibilidade dos imigrantes e minorias étnicas pobres, sobretudo nas periferias da Área metropolitana de Lisboa e o desenvolvimento de associações e de ONG promotoras da defesa dos direitos dos imigrantes” (Fonseca, & Goracci, 2007, p.29).

Ainda no decorrer da década de 90, os Estados Europeus através do acordo de Schengen e a Convenção de Dublin, tentaram promover uma estrutura comum de políticas de imigração para todos os países europeus. Não obstante, e com base nas orientações pré-estabelecidas e centradas nas directivas europeias sobre imigrações, com vista à livre circulação de mão-de-obra entre países europeus, desencadeou elevadas restrições aos movimentos de mão-de-obra de países não-europeus, nomeadamente das ex-colónias africanas, levando mesmo ao encerramento das fronteiras aos cidadãos que não pertencessem à Europa, contudo, esta realidade não se adaptava à realidade portuguesa, devido ao passado colonial de Portugal (Horta, 2008).

Foram ainda criadas medidas de controlo de entradas mais restritas de maneira que os estrangeiros oriundos de países fora da União Europeia não conseguissem entrar no espaço europeu. Nesse mesmo seguimento, foram tomadas diligências no sentido de expulsar os estrangeiros que se encontrassem em situação irregular no nosso país, aplicando ainda sanções bastante elevadas a imigrantes ilegais, ou a quem de alguma forma facilitasse, promovesse ou tirasse benefício da imigração ilegal. Relativamente às questões de asilo a refugiados, em Portugal só se procedia à admissão de refugiados em questões humanitárias. Assim, as políticas de imigração tinham por base assegurar a

igualdade dos direitos e deveres dos cidadãos europeus, face aos cidadãos de países terceiros, de modo a promover a coesão social e económica em todo o território da União Europeia (Fonseca, & Goracci, 2007).

Foi definido ainda, os direitos e deveres dos cidadãos oriundos de países terceiros e que residam legalmente num Estado-Membro, que se reflecte no respeito pelas diferenças culturais, que lhe sejam asseguradas condições de trabalho, acesso à habitação e aos serviços públicos, obtendo uma igualdade de direitos tal como os cidadãos nacionais. Foi adoptado um conjunto de medidas anti-discriminação, no sentido de se obter a igualdade de tratamento no emprego e na actividade profissional. Baseado em todas estas directivas e dependendo o sucesso da integração dos imigrantes destas políticas de imigração e integração, foi atribuída alguma responsabilidade dessa integração à sociedade civil, visto ter um papel fundamental no acolhimento dos imigrantes e na integração dos cidadão estrangeiros (Fonseca, & Goracci, 2007).

Posteriormente, foi introduzida uma nova legislação sobre o asilo, nomeadamente a reunificação familiar, assistência social aos refugiados, concessão de refugiados por questões políticas, autorização de residência por razões humanitárias e um regime de protecção temporária (Horta, 2008). Sentiu-se assim a necessidade de combater a imigração ilegal criando uma política de regulação de fluxos e de integração, promovendo a igualdade e direitos desenvolvendo a regulação de fluxos migratórios, tendo por base a necessidade do mercado de trabalho. Desta forma procedeu-se a um processo de regularização através de um regime de autorizações de permanência, legalizando milhares de imigrantes que se encontravam em situação irregular, verificando-se entre 2001 e 2003 uma enorme diversidade de origens dos novos fluxos migratórios, nomeadamente da Europa de Leste (Horta, 2008).

Foram ainda tomadas medidas de modo a favorecer o reagrupamento familiar, tornando-se numa política mais inclusiva da realidade migratória do nosso país. Contudo, em 2003 surge um novo regime que revoga as autorizações de permanência, passando a entrada e estada em Portugal dependente de atribuição de visto ou autorização de residência adquirido junto dos consulados, cada região fixa o limite máximo de entradas em território nacional tendo por base a necessidade do mercado de trabalho. Ao longo dos tempos as políticas de imigração e integração têm revelado uma abordagem mais

inclusiva, promovendo a integração dos imigrantes, tentando formar uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Rocha-Trindade (1995) salienta que independentemente dos factores que possam influenciar as deslocações dos indivíduos de um lugar para outro, a adaptação dos imigrantes a um novo contexto, constitui no processo migratório, um aspecto fundamental. Obviamente que o processo de adaptação tem em linha de conta os motivos inicialmente descritos, ou seja, tem haver com as características individuais dos migrantes e com as características dos países de origem.

A adaptação dos imigrantes na sociedade receptora depende em grande medida, das escolhas quer individuais, quer dos grupos, assim é fundamental perceber se os imigrantes se adaptaram ou não à sociedade de acolhimento, qual o grau de adaptação e quais os factores que são preponderantes nesse processo.

Assim, segundo a mesma autora, “o modelo de adaptação que está subjacente a este processo é o de diferenciação estrutural (structural differences model). Segundo este modelo as diferenças relativas ao processo de ajustamento dos imigrantes são função de um conjunto de variáveis composicionais” (p.102). Quer isto dizer que os indicadores de adaptação são estabelecidos de acordo com as características demográficas, com as características sociais e com as características económicas, ou seja, de acordo com estas características assim é determinado o estatuto do migrante ao chegar ao país de acolhimento. Posto isto, considera-se que a adaptação do indivíduo a uma nova cultura depende da aceitação das normas sociais vigentes, bem como da adaptação social e emocional.

Actualmente e devido à facilidade com que as pessoas se deslocam graças aos meios de transporte de alta velocidade bem como às telecomunicações, tem vindo a aumentar o contacto intercultural. Estas deslocações promovem a interacção entre indivíduos que pertencem a grupos culturais distintos. Neto (2002) considera que existem diversas categorias de pessoas que contactam com outras culturas, nomeadamente os residentes temporários, que após cumprido o objectivo da visita tem o intento de regressar ao país de origem, os imigrantes, os refugiados (é feita uma distinção clara entre os residentes temporários e as categorias que contactam interculturalmente por períodos mais longos) e os autóctones, estes últimos embora se encontrem a viver no seu território são subjugados por grupos migrantes mais fortes.

Segundo Neto (2002) as sociedades estão a passar de monoculturais para multiculturais, devido à diversidade cultural existente nas sociedades actuais, contribuindo para isso o aumento da imigração, sendo usual o contacto entre pessoas de diversas culturas, quer numa vertente de “turismo e migração, comércio internacional e crescimento de empresas multinacionais, comunicações de massa e meios de comunicação de massa” (p.237).

No que se refere ao caso específico das relações entre a comunidade brasileira e a comunidade portuguesa, a ligação já existe há muito, numa primeira instância com a chegada de portugueses ao Brasil, após ter sido uma colónia de Portugal, tornando-se em seguida em país de acolhimento de muitos portugueses, como afirma Silva e Schiltz (2007). Posteriormente os fluxos migratórios inverteram-se, sendo que Portugal passou a acolher os imigrantes vindos do Brasil. Assim, como afirmam as mesmas autoras,

as ligações entre Portugal e o Brasil têm sido complexas, influenciando, inevitavelmente, os processos de construção das relações e das imagens recíprocas. A história faz com que os dois países estejam muito ligados, mas origina também muitas diferenças e várias tensões (p. 161).

Obviamente que estas ligações complexas e a imagem que cada comunidade tem da outra, ao nível da relação de poder e a nível social, condiciona e interfere na interacção entre elas. Não obstante, e tendo em conta a relação entre estas duas comunidades ao longo dos tempos têm sabido conviver, sendo que a comunidade brasileira conseguiu alcançar “um lugar específico na sociedade portuguesa e, apesar da vulnerabilidade acrescida que está sempre associada à sua situação de imigrante, dispõem de instrumentos de defesa que tiram partido da proximidade histórica, linguística e muitas vezes socioeconómica, relativamente aos portugueses” (P. 161). Assim, e apesar de algumas restrições e resistência por parte de alguns portugueses face à imigração brasileira, a sua convivência tem sido bastante pacífica (Silva & Schiltz, 2007). A proximidade existente entre portugueses e brasileiros, bem como a situação privilegiada da comunidade brasileira, face a outras que se encontram em Portugal, tem levado à desconstrução de estereótipos e de ideias pré-concebidas, promovendo “as ligações históricas, culturais e linguísticas para partilhar experiências, interagir e construir imagens recíprocas” (Silva & Schiltz, 2007, p.169).

3.2. Identidade étnica e cultural

A identidade está relacionada com o entendimento que o indivíduo tem sobre quem é e do que é importante para ele, dependendo do contexto cultural em que nasce e cresce, influenciando assim o seu comportamento (Giddens, 2007).

Assim, a identidade cultural salienta aspectos relacionados com a pertença a culturas étnicas, linguísticas, religiosas, raciais, ou seja um país é um sistema de representação cultural, constituindo a identidade nacional (Hall, 1999).

Para Giddens (2007) etnicidade pode ser entendida como o diferente modo de entender o mundo, que diferencia uma determinada comunidade de outra, baseando-se nas suas práticas culturais, para este autor “é um fenómeno unicamente social que é produzido e reproduzido ao longo do tempo” (p.249). Assim, a população mais jovem, através da assimilação, adoptam normas, crenças e estilos de vida da comunidade em que se inserem, como refere Vala (2004) “indica uma abertura à cultura de acolhimento em detrimento da cultura de origem” (p.51).

Etnicidade será então o conjunto de características comuns a um determinado grupo de indivíduos, características essas que os diferenciam de outro grupo de indivíduos, nomeadamente a língua e a cultura.

Assim, e de acordo com Neto (2002) quando indivíduos de duas culturas distintas entram em contacto, existe a tendência para que se influenciem a vários níveis, nomeadamente a nível institucional, político, social e nos valores. Segundo Bochner (1982, citado em Neto, 2002) o contacto intergrupar, poderá ser classificado em quatro categorias: integração, assimilação, genocídio e segregação. Verifica-se que existe integração “quando diferentes grupos mantêm o núcleo das suas respectivas identidades culturais e ao mesmo tempo aderem ao outro grupo dominante em outros aspectos de igual importância” (p.243).

Bem distinto é a assimilação, que se refere “ao processo em que um grupo ou toda a sociedade adoptam gradualmente ou são forçados a adoptar os costumes, os valores, os estilos de vida e a língua de uma cultura dominante” (p.242).

O genocídio ocorre quando um grupo matou, ou pretende matar todos os membros de um grupo, pertencentes a uma cultura com a qual tenha entrado em contacto.

Por outro lado, a segregação tanto pode ocorrer quer por parte da cultura dominante que pretende excluir determinados grupos minoritários, quer de grupos minoritários que pretendem eles próprios estar separados, criando por exemplo guetos culturais.

Assim, importa referir que os problemas das relações interculturais somente serão ultrapassados quando se assumir que os grupos humanos tem diferentes identidades culturais e tem o direito de manter as suas características de identidade, caso isso desejem (Neto, 2002).

Com a globalização, o mundo mudou, tornando-se mais facilitadas as comunicações e as deslocações, uma vez que os países, as sociedades, as culturas, estão mais integrados e interligados, tornando-se mais acessíveis as transferências de capitais, serviços, bens e pessoas de países e continentes para outros. Importa referir que apesar da facilidade com que os indivíduos se deslocam actualmente, todos possuem uma identidade cultural que transportam consigo, contudo, esta não é estanque, não se mantém intacta ao longo da vida, a identidade cultural vai-se desenvolvendo de acordo com as vivências do indivíduo. Perante um processo de migração essas mudanças podem ser acentuadas, pois existe uma habituação a um novo país, a um novo contexto cultural (Castels, 2005).

Portugal, actualmente, é um país bastante procurado pelas comunidades migrantes, tornando-se detentor das mais diversas culturas, deixando de ser um país homogéneo e passando a ser um país heterogéneo, a nível cultural, ou seja Portugal passou a ser uma sociedade multicultural, agregando as mais diversas etnias.

Assim, importa referir que sendo o multiculturalismo um fenómeno social, tem como objectivo a integração das minorias étnicas, o combate à discriminação e ao racismo. De um modo geral, o multiculturalismo pressupõe a aceitação dos diversos grupos imigrantes e minorias étnicas, reconhecendo os seus direitos, assim como as suas diferenças, sem que ocorra a esperança de que estes grupos renunciem à sua diversidade e individualidade. Existe o objectivo de uma convivência multicultural de partilha e de aceitação pública das populações imigrantes (Castles, 2005).

Longe vai o tempo em que os indivíduos só mantinham contacto com um sistema cultural, com a globalização e com o avanço da tecnologia e da ciência, são cada vez mais recorrentes as interacções entre diversas culturas. Essa interacção poderá levar à aculturação, sendo esta uma “mudança cultural suscitada pelo contacto com outras

culturas” (p.246) ou seja, é um conjunto de mudanças culturais sofridas devido aos contactos permanentes entre dois grupos culturais distintos., pois para afirmarmos que existiu um processo de aculturação terá de existir um contacto e/ou interacção entre culturas, de uma forma directa e continuada (Neto, 2002).

A aculturação pode fazer-se acompanhar de uma série de mudanças, nomeadamente a nível político, económico, biológico, cultural, social e físico, ou seja é um processo que requer, como foi dito anteriormente, contactos contínuos e directos e que pressupõe uma adaptação à nova cultura. No entanto, o processo de adaptação poderá ser linear, ou seja, o indivíduo aprende mais sobre a vida na nova cultura e adapta-se cada vez mais com o decorrer do tempo. Ou por outro lado, pode ser curvilínea, em que inicialmente existe um entusiasmo e um elevado nível de adaptação, seguido de uma adaptação fraca e sendo em seguida substituído pelo sentimento de frustração e ansiedade.

Em resultado da aculturação surgem dificuldades que podem surgir em diferentes momentos e formas: a desvinculação – a pessoa por ver-se de um momento para o outro privada de estar junto a amigos/família, do seu estatuto social, sente-se como se não se sentisse em casa. Stress de aculturação - a origem do stress esta precisamente no processo de aculturação. Estereótipos – são as crenças que se associam a determinados grupos sociais. Vies nas atribuições – sendo a atribuição uma inferência, aquilo que se pretende é explicar o porquê de ter acontecido algo. Ansiedade intergrupala – quando se antecipa as consequências negativas aquando das interacções intergrupais. Etnocentrismo – é a incapacidade por parte da sociedade receptora de reconhecer que é possível existir outro conjunto de valores e crenças. Discriminação percebida – a discriminação, os preconceitos e o racismo são os causadores de problemas e conflitos entre as diferentes etnias.

As dificuldades enumeradas prejudicam as interacções interculturais entre as diversas etnias, contudo e tendo em conta a era globalizada em que nos encontramos a diversidade cultural nas sociedades é uma realidade, sendo fundamental a coexistência das mesmas (Neto, 2002).

3.3. As famílias e o fenómeno das migrações

Antes de mais importa definir o conceito de família, que Giddens (2007) entende como "um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças" (p.175). Assim, no processo migratório quando um elemento de um agregado familiar, toma a decisão de emigrar, a sua família é a primeira a sofrer o impacto da sua ausência, no entanto estas deslocações são uma estratégia com vista à obtenção de melhores condições de vida, dos que emigram, bem como daqueles que ficam na sociedade de origem. Contudo, esta decisão de emigrar acarreta para o migrante e para a sua família, a dor da separação, que a nível emocional irá deixar o migrante fragilizado, tentando integrar-se numa sociedade da qual conhece muito pouco (RDH, 2009). Segundo Fusco (2001) as famílias transmitem normas e valores culturais que influenciam quem migra, podendo o processo migratório englobar toda a família ou só um dos seus membros, contudo com a clara expectativa de que mais tarde irão ao seu encontro os restantes elementos.

A separação da família é uma experiência traumatizante para o migrante, quer a nível social, quer a nível psicológico. Esta separação poderá acarretar para o migrante níveis de instabilidade que lhe poderá dificultar a sua integração no país de acolhimento. Assim, o processo de integração na sociedade de acolhimento é complexo, existindo a necessidade de haver um processo de interacção, ajustamento e adaptação entre a sociedade de acolhimento e os imigrantes.

Nesse sentido, Fusco (2001) considera que a migração é um processo criador de redes sociais, pois desenvolve contactos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. Assim, são fundamentais as redes sociais no país de acolhimento, quer sejam compostas por amigos, quer por familiares, pois representam um papel fundamental na integração do indivíduo migrante.

Massey (1987, citado em Fusco 2001) define rede social nas migrações internacionais como sendo um conjunto de laços sociais que interligam as comunidades de origem a ponto de destinos específicos nas sociedades de acolhimento. O mesmo autor considera que as bases principais sobre as quais se apoiam os relacionamentos dos migrantes são o parentesco, a amizade e a origem comum reforçadas pela interacção em associações. Soares (2004) reforça a ideia de que as redes sociais são fundamentais para que se entendam as migrações, sendo que as mesmas se apresentam como manifestações das redes pessoais fundadas nas relações sociais de amizade e parentesco. Contudo e para o

autor vão para além disso pois, a “rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais” (p.107).

De acordo com Fusco (2001) grande que parte dos imigrantes quando tomam a decisão de emigrar não adquirem a informação necessária através de análises científicas, mas procuram obter informações sobre mercado de trabalho, condições de vida, através de quem já passou pelo processo e com base nas suas relações de confiança e em quem a família detém alguma influência.

Desta forma, as redes de suporte familiar e de amigos proporciona um conjunto de conhecimentos sobre a sociedade de acolhimento e facultam apoio a nível social, afectivo e financeiro. O facto de existir uma rede de conhecimentos no país de acolhimento abre portas ao migrante no que diz respeito ao processo burocrático bem como na adaptação do mesmo, no país de destino (Fonseca, 2005).

Padilla (2007) reforça ainda afirmando que “os recursos que as redes de imigrantes facilitam são sumamente importantes e, por isso, estas são vistas como uma ferramenta de ligação que os imigrantes usam para a sua inserção na sociedade de acolhimento” (p.119). Ou seja, o facto de existirem já contactos na sociedade de acolhimento proporciona aos recém chegados mais facilidade no momento de procurar trabalho e de se deslocarem aos serviços.

As redes sociais dos imigrantes assumem um papel preponderante no processo de migração, uma vez que estão presentes em todas as etapas do projecto migratório. Estas etapas dividem-se em *antes, durante e após* o processo migratório. Ou seja, como refere Padilla (2007) quando o indivíduo que se encontra no seu país de origem projecta o seu processo de migração acciona as suas redes sociais, muito antes da sua saída para o país de acolhimento. Nesta fase inicial o seu principal papel é transmitir informação, “inclui conselhos sobre as agências de viagens, indicações de quem emigrou há alguns anos, sugestões de quem voltou ao país de origem e de quem tem conhecidos imigrantes (...)” (p.121), aquando da sua chegada ao país receptor conta com o encaminhamento e ajuda da sua rede e normalmente conta com o seu apoio até à sua inserção no mercado de trabalho.

A mesma autora, de acordo com estudos realizados, refere que “as redes sociais dos Brasileiros incluem amigos, conhecidos e familiares que prestaram ajuda na saída (empréstimos e apoio moral, etc.), na chegada (alojamentos, recursos de diferentes tipos) e inserção no mercado de trabalho (ajuda para encontrar emprego, referencias, etc.)” (p.120).

As redes formadas nos países de acolhimento são um factor preponderante para a permanência dos imigrantes, uma vez que são formadas por interesses comuns e laços de amizade ou parentesco, os migrantes sentem-se mais seguros, protegidos e acolhidos pelos amigos/familiares que lá se encontram (Campos, Assis & Siqueira, n/d).

As famílias imigrantes, que acolhem outros imigrantes nas sociedades de acolhimento, de acordo com Fusco (2001) são pessoas com grande sentido de família e por norma comprometidas com as suas obrigações familiares na sociedade de origem, promovendo a entrada de indivíduos de outras famílias no processo ou auxiliando através de remessas para os que ficaram no local de origem.

Constata-se que o fenómeno das redes sociais não é novo. Este sofreu grande fortalecimento com a globalização. Isso ficou a dever-se às transformações que acontecem na sociedade actual, devido às inovações tecnológicas de transportes e comunicação.

Não obstante, e após o estabelecimento do imigrante no país de acolhimento, se foi opção da família enviar um dos membros para uma região em que existe a probabilidade de obter rendimentos mais elevados, as famílias esperam que lhes sejam enviadas remessas por parte desse familiar, com o intuito de melhorar as condições de vida e a condição financeira desse agregado (Fonseca, 2005).

Contudo, Boughga-Hagbe (2004, citado em Rossi, 2007) afirma que “as remessas são motivadas por razões como o grau de altruísmo do imigrante e a ligação ao seu país de origem” (p.139), sendo que as remessas serão tanto mais elevadas, quanto mais baixos forem os rendimentos no país de origem. Do ponto de vista de Machado (2009) os indivíduos migram “para construir o projecto futuro das suas famílias e construir novas centralidades nas suas relações” (p.158) assim não importa só enviar remessas em dinheiro, mas também bens, nomeadamente: telemóveis, bens materiais entre outros.

Tendo em conta o estudo referido por Rossi (2007) 24% dos inquiridos declararam destinar mais de metade do ordenado para as remessas, e 86% salientam que enviam uma ou mais vezes por mês. Com os dados referidos pelo autor podemos deduzir que o envio de remessas é o principal objectivo do indivíduo que se encontra emigrado, e desta forma melhorar as condições de vida de quem fica no país de origem. Como refere Rossi (2007)

a maior parte das remessas é destinada à ajuda da família e o seu uso prende-se com a satisfação de necessidades básicas. As remessas também têm um grande impacto na poupança e no investimento. Muitos imigrantes procuram formar poupança no Brasil como forma de preparar o seu regresso (p.147).

De acordo com a Agência BBC citada em Fusco (2007), “o Brasil está em oitavo lugar entre os países em desenvolvimento que mais recebem remessas de imigrantes no mundo (...)” (p.49). Ou seja, segundo o mesmo autor, a maioria dos migrantes, remete dinheiro para o Brasil, independentemente da sua cidade natal, sendo um padrão comum a predominância de envio de remessas, para que a família se mantenha no país de origem. Segundo Peixoto e Marques (2006) a poupança e o envio de remessas prendem-se numa primeira instância com a necessidade de efectuar a amortização com os custos da deslocação do migrante, bem como prestar apoio para as despesas regulares da família, obviamente que os primeiros anos são os mais importantes para o envio de remessas. Segundo os mesmos autores, “a frequência e volume de remessas tendem a diminuir à medida que aumenta o tempo de residência no país de destino” (p.28), esta tendência verifica-se pois com o passar do tempo o migrante vai-se integrando e começa a ponderar a reunificação familiar, diminuindo assim os valores que poupa, bem como reduz o valor das remessas que envia.

Assim e caso as perspectivas da emigração correspondam à realidade, grande parte das vezes a família que ficou no país de origem pretende juntar-se ao seu ente querido. Assim, recorrendo à reunificação familiar, os cônjuges e/ou parceiros juntam-se aos imigrantes já presentes no país de acolhimento. Obviamente que este processo acarreta uma série de condicionalismos, de modo a comprovar a relação com o imigrante que se encontra no país de acolhimento (Fonseca, 2005).

Segundo Trovão e Ramalho (2010), as relações familiares das populações imigrantes tendem a revelar-se contextos problemáticos no que diz respeito às formas de estar e viver nas sociedades multiculturais. Uma vez que os projectos migratórios habitualmente se fundamentam e baseiam em estratégias familiares, fundamentados nos valores e *habitus* das suas vivências. Como refere Wessendorf (2008, citado em Trovão e Ramalho, 2010), “a família constitui uma categoria poderosa que tanto pode servir à construção discursiva de diferenças culturais em termos negativos como à idealização de outras culturas” (p. 22). Na opinião das mesmas autoras, as famílias são os principais agentes motivadores da concretização das migrações, variando em função das estratégias estabelecidas no seio familiar.

Por outro lado, algumas famílias imigrantes são consideradas problemáticas, no sentido de que os seus valores e as suas atitudes condicionam a sua integração social no país de acolhimento. Essa problematização encontra-se associada a intervenções políticas, assim como a factores socioculturais e ideais políticos e culturais (Ramalho e Trovão, 2010).

Síntese

No que diz respeito às imigrações poderiam ser feitas múltiplas abordagens, no entanto parece-nos fundamental perceber quem são os imigrantes e o que os motiva a emigrar, bem como as políticas de emigração adoptadas de forma a promover a integração dos imigrantes. Por existir uma enorme diversidade cultural nas sociedades actuais, grande parte das vezes as minorias étnicas deparam-se com dificuldades na sua integração na sociedade de acolhimento. Não obstante, é essencial perceber a dimensão e a importância das redes sociais no processo de migração, factor este que promove a proximidade entre o indivíduo imigrante e sociedade receptora.

CAPITULO IV - Globalização, TIC e Migrações

Neste último capítulo serão abordados temas relacionados com as Tecnologias da Informação e da Comunicação na sociedade contemporânea, bem como os efeitos e as implicações da globalização na conexão entre comunidades, procuraremos ainda verificar o impacto que as tecnologias de informação e da comunicação têm na identidade cultural das comunidades. Para culminar, aprofundaremos o impacto que as Tecnologias da Informação e da Comunicação exercem sobre relações com o país de origem.

4.1. As Tecnologias da Informação e da Comunicação na sociedade contemporânea

As tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) ganharam destaque a partir do século XX, através da evolução das telecomunicações, a utilização dos computadores e do desenvolvimento da internet. Na última década do século XX, a Sociedade de Informação ganhou visibilidade, sobretudo após a expansão da utilização da Internet. As TIC surgiram na definição de novas políticas sociais e económicas, para além de terem vindo a provocar múltiplas e contraditórias atitudes por parte dos actores sociais. No Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, da Missão para a Sociedade da Informação (1997) o conceito de Sociedade de Informação é definido como o

desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação de necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais (p.5).

Assim, partindo deste pressuposto, o facto de existir o acesso à informação irá promover a participação dos indivíduos na vida do país, bem como, melhorar a qualidade e condições de vida dos mesmos. Como claramente enunciado no Programa do XVII Governo (2005) a mobilização da Sociedade de Informação “depende fortemente da

crecente generalização do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e em particular à Internet, com impacto directo na qualidade de vida, na segurança e no trabalho das pessoas” (8).

Segundo Oliveira, Cardoso e Barreiros (2004) a sociedade de informação fundamenta o seu desenvolvimento e o seu modo de funcionamento em três vertentes: “as tecnologias de informação, o complexo conglomerado do audiovisual e as telecomunicações” (p.17). No entanto para estes autores, a sociedade da informação da era globalizada é sem dúvida a internet, “a internet é o paradigma duma sociedade em rede e o instrumento potenciador da sua concretização (p. 18).

Aquando da elaboração do Livro Verde para a Sociedade de Informação em 1997, já afirmavam que “As tecnologias de comunicação e informação abrem novas perspectivas à sociedade do futuro” (p. 12). No entanto, para que tal acontecesse era necessário que a maioria da população tivesse acesso às tecnologias de informação, bem como ter capacidade para as utilizar. Assim, considerou-se que o sistema de ensino teria um papel fundamental para aniquilar as desigualdades no acesso às novas tecnologias, tendo em conta as exigências de desenvolvimento numa sociedade competitiva e globalizada, as tecnologias de informação seriam transversais a todos os níveis de ensino. Concluiu-se ainda que a formação não deveria ser só centrada nos jovens, pois assim excluiriam a população adulta da aprendizagem e da qualificação. Desta forma, foi criada a Educação ao Longo da Vida, que proporcionaria aos adultos pertencerem à sociedade da informação e do conhecimento (Missão para a Sociedade da Informação, 1997).

As Tecnologias de Informação e Comunicação desenvolveram-se tão intensamente nas últimas décadas, tendo proporcionado diferentes formas de comunicar, como referem Oliveira *et al.*, (2004)

as novas tecnologias de informação e comunicação vieram aumentar de modo quase ilimitado a capacidade humana para comunicar, para informar e ser informado, para conhecer e saber. As novas tecnologias de informação e comunicação impulsionam a existência de uma sociedade sem espaço e sem lugar definidos (p.75).

Não obstante, as Tecnologias de Informação e Comunicação tem benefícios e desvantagens, pelas diferentes formas de acesso, bens materiais, as condições sociais, económicas e culturais, ou seja, existe um risco de fortalecer os mais fortes e promover o enfraquecimento dos mais desfavorecidos. Como é salientado pela Missão para a Sociedade da Informação (1997),

há o perigo dos portugueses ficarem divididos em dois novos grupos: um com acesso aos benefícios da sociedade da informação e do conhecimento e o outro arredado dessa oportunidade em consequência de não poder utilizar, nem ter os conhecimentos necessários, ou a abertura cultural, para aceder a estas novas tecnologias (p. 15).

No entanto, para que tal não aconteça cabe ao Estado e a associações privadas, criar um conjunto de políticas que visem combater essa desigualdade, promovendo o acesso aos instrumentos da sociedade da informação. Desta forma e como é mencionado pela Missão para a Sociedade da Informação (1997),

é necessário preverem-se medidas de iniciativa pública que criem condições de igualdade de acesso nas escolas, bibliotecas, autarquias e outros locais públicos e, ainda, acarinhar iniciativas de clubes, colectividades de cultura e recreio e outras associações que contribuam para o combate à iniquidade nos meios de acesso e de assimilação dos benefícios que a sociedade da informação pode oferecer (p. 15).

No seguimento destas linhas orientadoras foram criadas medidas que vão ao encontro do que foi referido anteriormente. Assim, optou-se por referenciar as medidas que vão ao encontro das necessidades dos cidadãos. Por um lado, as crianças e jovens que poderão beneficiar de uma aprendizagem com acesso à Sociedade de Informação, baseada na utilização das novas Tecnologias de Informação e da Comunicação. Estes mesmos jovens poderão ainda usufruir das Bibliotecas públicas equipadas com computadores multimédia. Por outro lado salientámos medidas que são direccionadas para os cidadãos portadores de deficiência que a maioria das vezes são alvo de discriminação e “esquecimento” por parte do poder decisor. Por último, pareceu-nos

fundamental salientar as medidas que poderão dotar e/ou promover no cidadão comum uma possibilidade de experimentar a utilização das novas tecnologias. Nomeadamente, as iniciativas das autarquias em arranjar espaços de acesso à internet, gratuitos para todos os cidadãos.

Desta forma, salientamos as seguintes medidas:

MEDIDA 1.1 - Apetrechar os Estabelecimentos Escolares para a Sociedade da Informação;

MEDIDA 1.2 - Equipar as Bibliotecas e Arquivos Públicos com Computadores Multimédia;

MEDIDA 1.3 - Promover Programas de Informação ao Cidadão;

MEDIDA 1.4 - Apoiar as Associações Culturais, Centros de Juventude e Colectividades de Cultura e Recreio;

MEDIDA 1.5 - Fomentar Iniciativas de Autarquias Locais para a Democratização do Acesso à Sociedade da Informação;

MEDIDA 1.6 - Dar Prioridade a Programas de Integração na Sociedade da Informação dos Cidadãos com Deficiências;

Estas medidas têm como objectivo promover a igualdade de acesso às tecnologias de informação, bem como combater a iniquidade nos meios de acesso e de assimilação dos benefícios que a sociedade da informação pode proporcionar (Missão para a Sociedade da Informação (1997).

Assim, não poderia estar mais actualizada e adequada à nossa realidade a afirmação preconizada pela Missão para a Sociedade da Informação em 1997,

As tecnologias da informação e das comunicações são já parte integrante do nosso quotidiano. Invadiram as nossas casas, locais de trabalho e de lazer. Oferecem instrumentos úteis para as comunicações pessoais e de trabalho, para o processamento de textos e de informação sistematizada, para acesso a bases de dados e à informação distribuída nas redes electrónicas digitais, para além de se encontrarem integradas em numerosos equipamentos do dia a dia, em casa, no escritório, na fábrica, nos transportes, na educação e na saúde. A sociedade da

informação não pertence a um futuro distante. Assume uma importância crescente na vida colectiva actual e introduz uma nova dimensão no modelo das sociedades modernas (p. 5).

4.2. Conectando comunidades: Efeitos e implicações

Tendo em conta a era globalizada em que nos encontramos, factor que foi desencadeado pelos fenómenos migratórios, considerando que a emigração existe há já alguns séculos. Pois já em tempos remotos se procuravam novas oportunidades para desenvolver o comércio, se cruzavam fronteiras e se encontravam novos povos e culturas diferentes, as comunidades humanas por onde passaram deixaram pequenas marcas da sua cultura e trouxeram vestígios de outras (Marques, 2003). Não obstante, a emigração nunca teve tanta relevância e complexidade como nos dias de hoje.

Com a globalização surgiu o desenvolvimento de redes mundiais, nomeadamente sistemas sociais e económicos, facultando o acesso a meios de transporte mais rápidos e baratos, tornando as comunicações mais fáceis, instigando à migração. Uma vez que existe a facilidade de manter o contacto com a comunidade de origem, bem como nas deslocações entre países.

Como refere Oliveira (2003) o maior efeito da globalização é a redução das distâncias, o facto de se terem aberto as fronteiras veio aproximar pessoas e empresas, independentemente da religião, do grupo social a que pertençam, dos países ou organizações. No entanto, esta aproximação pode trazer várias consequências devido à “troca de informação e conhecimento, o que permite o posicionamento de cada indivíduo no contexto internacional de forma mais precisa do que antigamente, evidenciando forças e fraquezas e facilitando a compreensão das distancias que os separam” (p.27).

A evolução tecnológica e a política têm contribuído para o aumento do comércio transfronteiriço, sendo as tecnologias de informação e de transportes, os principais difusores da globalização, em que os indivíduos, ideias e culturas se movam frequentemente em diferentes direcções, segundo Castels (2005) “a globalização definida como a proliferação de fluxos transfronteiriços e de redes transnacionais, alterou o contexto das migrações”(p.43). Em traços muito gerais e tendo em conta o

contexto da globalização, existem dois modelos do processo migratório. O primeiro em que os imigrantes pretendem fixar-se e integrar-se na sociedade de acolhimento, com o objectivo de fixação definitiva, ou seja pretendem reunir ou reconstituir as suas famílias, deixando-se assimilar perante a cultura dominante. Por outro lado, existe a migração temporária, em que o migrante pretende permanecer no país de acolhimento por um período de tempo limitado, mantendo as relações afectivas e de comunicação regular com o país de origem, tendo como objectivo regressar ao seu país.

Assim, a globalização leva a que as comunidades se tornem transnacionais, uma vez que a mesma, segundo Castels (2005) “está estreitamente associada a alterações nas estruturas e nas relações sociais, e a mudanças nos valores culturais relacionadas com o lugar, com a mobilidade e a pertença” (pp78).

De acordo com Rodrigues (1999) o lançamento do satélite Telstar, em 1962, assinalou no domínio das telecomunicações, uma nova era, levando à globalização da informação a partir da década de 80.

Contudo visões divergentes se pronunciaram quanto à negatividade da globalização da informação. Por um lado, considerando a riqueza da experiência humana, a diversidade de línguas, os diferentes modo de vida, os diferentes modos de pensar, variedade dos comportamentos poderiam estar comprometidos acabando por destruir a identidade das culturas particulares, dando origem, segundo Rodrigues (1999) a um “modelo cultural homogéneo e uniforme imposto a todo o planeta, através dos dispositivos da informação mediática” (p.146). Seguindo esta linha de pensamento, independentemente do local onde o indivíduo se encontrasse as informações seriam transmitidas em tempo real, sendo divulgados iguais produtos culturais e seriam interpretados da mesma forma, ou seja a informação transmitida seria igual para qualquer parte do mundo, uniformizada, independentemente das experiências culturais e da identidade de quem obtém essa informação. Assim, e tendo em conta essa teoria as culturas particulares veriam a sua sobrevivência ameaçada.

Por outro lado, segundo Rodrigues (1999) há quem defenda que “ a actual globalização da informação mediática asseguraria uma maior solidariedade entre os povos e representaria uma oportunidade positiva de democratização política” (p.147), uma vez que disponibilizaria a todos os povos, os recursos e produtos culturais,

independentemente do local geográfico e do desenvolvimento económico em que se encontrassem.

Assim, com a nova sociedade de informação diminuiriam as diferenças existentes e com a facilidade de acesso aos meios de informação seria possível exercer o direito de cidadania de forma directa, a população poderia pronunciar-se livremente e ampliaria a transparência das resoluções de quem se encontra no poder.

Não obstante, Rodrigues(1999) salienta que

cada uma das diferentes culturas é constituída por um conjunto de traços comuns a um povo que apresentam, nesse conjunto, uma marca que torna semelhantes os membros de uma mesma comunidade cultural e que os distingue dos que não pertencem à mesma comunidade (p. 146).

Contudo, muitas dúvidas se levantam em torno da questão da globalização da informação, nomeadamente no que se refere à expressão cultural que as redes divulgam para todo o mundo, colocando em causa as culturas particulares existentes, sobrepondo às características de cada comunidade as formas culturais universais, independentemente da identidade dessas mesmas comunidades (Rodrigues, 1999).

Em suma, as redes de informação sobrepõem-se às fronteiras geográficas e aos territórios nacionais de pertença, essas “fronteiras tornam-se hoje fluidas, permeáveis à penetração tecnológica dos novos *media*” (Rodrigues, 1999, p.150), tornando-se acessível através da internet estabelecer relações com indivíduos que vivem em outra parte do mundo. Assim, independentemente do local em que nos encontramos, sem grandes dificuldades e simplesmente equipados com um computador, uma linha telefónica e um modem podemos contactar alguém noutra parte do mundo, consultar as mais diversas informações actualizadas e enviar e receber mensagens.

4.3. Identidade cultural e tecnologias de informação e comunicação

A comunicação é fundamental para validar discursos, acções e comportamentos, de modo a obter o progresso nas sociedades modernas, podendo assumir as mais diversas

formas estratégicas, de maneira a tornar possível a comunicação entre os indivíduos, bem como o estado e as instituições. Assim, Rodrigues (1999) defende que “a comunicação consiste na partilha de saberes comuns, a sua função consiste na criação, na manutenção e no estabelecimento de relações sociais, com vista à constituição de vínculos entre membros de uma comunidade ou de uma sociedade” (p. 35). Por outro lado, o mesmo autor considera que “a informação é uma função que consiste na transmissão de saberes entre pessoas ou comunidades que são detentoras desses saberes e outras pessoas ou outras comunidades que são supostas ignorá-los” (p.35). Desta forma, importa referir que os dispositivos técnicos utilizados tanto servem para estabelecer relações comunicacionais como informacionais, falamos nomeadamente da imprensa, dos dispositivos multimédia, do telefone, da radiodifusão e da escrita.

Tem-se verificado que existe uma intensificação das relações entre os povos e as culturas, após o desenvolvimento industrial, em que ocorreu uma enorme alteração ao nível da organização social, política e cultural do mundo actual. Assim, e com o desenvolvimento dos dispositivos de informação torna-se mais fácil colocar os cinco continentes em contacto permanente, difundido instantaneamente, como refere Rodrigues “não só os acontecimentos, mas sobretudo as ideias, os modelos, os estilos e os modos de vida” (p.14). Desta forma, o nosso tempo, é caracterizado, como afirma o mesmo autor, como o reflexo da nova ideologia comunicacional (Rodrigues, 1994).

Actualmente, estamos em contacto permanente e instantâneo com o mundo, levando a que o entendimento do mesmo e do que o rodeia seja mais diversificado e ultrapasse as barreiras do espaço físico e do tempo, dando-nos a percepção da realidade vivenciada por cada comunidade. Nos dias de hoje somos confrontados com uma série de meios de informação, bastante avançados tecnologicamente, e que nos permitem ter a percepção da intervenção existente no mundo. Como refere Rodrigues (1994)

Complexos e sofisticados dispositivos de informação, como o telefone, cinema, os jornais, a rádio, a televisão, os satélites de telecomunicações, o telefax, o correio electrónico, os discos compactos, o computador, as redes e os sistemas integrados de serviços telemáticos, fazem parte do nosso dia a dia (p.23).

O mesmo autor salienta ainda que, nos dias de hoje já não conseguiríamos imaginar a nossa vida sem estes dispositivos, pois a era em que vivemos pressupõe que não haja limitação do espaço e do tempo, não nos limitando à comunidade à qual pertencemos.

Como afirma Rodrigues (1994) as fronteiras que delimitam as comunidades se encontram cada vez mais atenuadas, constituindo o que se pode denominar de aldeia global, devido aos dispositivos comunicacionais, proporcionando uma proximidade das diversas culturas. Apesar de recentes, as tecnologias de informação tornaram-se de tal forma indispensáveis que já nem concebemos realizar a maioria das nossas actividades diárias sem utilizar esses recursos. Neste sentido, as tecnologias de informação tornam possível o contacto em tempo real com qualquer parte do globo, permitindo alargar os horizontes, derrubando as barreiras nacionais e culturais, possibilitando o contacto permanente com o mundo inteiro (Rodrigues, 1999).

Importa referir, que embora a informação se tenha tornado transnacional, não significa que todos os intervenientes passem a partilhar a mesma forma de ver mundo e de o interpretar, pois, cada cultura interpreta a realidade de acordo com os seus valores, crenças, estereótipos. O facto de os meios de comunicação transmitirem a informação de uma forma homogénea, não significa que toda e qualquer comunidade assuma as mesmas representações da realidade e a mesma área cultural.

Assim, e tendo em conta que nas sociedades contemporâneas coexistem, relacionam e interagem as mais diversas culturas, torna-se fundamental que exista uma harmonia entre todas elas. A intenção não é que se sobreponham, nem que a cultura dominante assimile as outras culturas, mas que se consiga de uma forma consistente e harmoniosa manter as relações entre as diferentes culturas (Rodrigues, 1994).

Na Europa, o Multiculturalismo pretende reconhecer a identidade cultural de cada etnia, e por isso hoje em dia não se fala tanto em integração social, mas sim em inserção social, ou seja, não se pretende que a cultura do outro seja assimilada, mas sim partilhada. Como defende Castles (2005) “o multiculturalismo constitui-se assim como antítese da assimilação” (p. 133), ou seja, não se pretende que as minorias étnicas abduquem das suas características culturais, sociais e linguísticas, mas que conservem as suas particularidades face à restante população. É certo que os fluxos contínuos de migrações oriundos dos mais diversos países tornaram as sociedades multiculturais, levando a que ocorressem transformações sociais e culturais, tendo que as sociedades se adaptar às transformações que advêm da junção de diversas culturas.

Sendo o multiculturalismo um fenómeno social, tem como objectivo a integração das minorias étnicas, o combate à discriminação e ao racismo. De um modo geral, o

multiculturalismo pressupõe a aceitação dos diversos grupos imigrantes e minorias étnicas, reconhecendo os seus direitos, assim como as suas diferenças, sem que ocorra a esperança de que estes grupos renunciem à sua diversidade e individualidade. Existe o objectivo de uma convivência multicultural de partilha e de aceitação pública das populações imigrantes (Castles, 2005).

Marques (2003) corrobora com a linha de pensamento expressa anteriormente e salienta que o multiculturalismo “aceita e legitima a especificidade cultural e social das minorias étnicas acreditando que indivíduos e grupos podem estar plenamente integrados numa sociedade sem perderem a sua especificidade, atribuindo ao Estado um papel muito importante” (p.7).

Assim, as sociedades multiculturais seriam o ideal, onde não existisse discriminação nem racismo, que os grupos minoritários mantivessem as suas características culturais, em que houvesse igualdade a nível social e económico e que se envolvessem na expressão da identidade nacional. Em suma, como refere Marques (2003) “um modelo multicultural inclui o respeito pela diferença em simultâneo com a assunção de metas comuns e a salvaguarda das liberdades fundamentais” (p. 8).

Hoje em dia a realidade dos diversos países é a de interligação de grupos-étnicos, costumes, religiões, tradições, línguas. “Este contacto de culturas deve implicar o estabelecimento da comunicação e a procura do conhecimento mútuo entre os grupos”(Souta, 1997, p. 49).

Em causa estão os problemas de identidade. Assim, a questão da identidade dos povos motivou uma Conferência realizada no México em 1982, e que é referida no livro *Educar para la Democracia*. Na altura concluía-se que a afirmação da identidade cultural contribui para a libertação dos povos, e o contrário compromete-a. Neste sentido, admite-se que a identidade cultural de cada povo “terá tendência a florescer, acolhendo influências externas, compatíveis com as suas características próprias e a continuar assim o processo da sua própria criação” (Serrano, 1997, p. 35).

Perotti (1994), na sua reflexão intitulada *Apologia do Intercultural*, alerta que “Qualquer identidade concebida de maneira homogénea e totalizante, seja ela relativa a um indivíduo ou a um grupo, é falsa e perigosa” (p. 15). Para este autor, é necessário reflectir a identidade de modo plural e dinâmico, e não apenas de forma a acentuar

diferenças culturais. Contudo, as diferenças culturais que existem entre o ser humano, permitem que os indivíduos vivam de acordo com a sua vontade, respeitando, reconhecendo e aceitando as diferenças étnicas, levando ao convívio entre diferentes culturas, fomentando o respeito mútuo.

4.4. As TIC e o impacto nas relações com o país de origem

A necessidade de evolução e desenvolvimento do ser humano, despoletou as migrações humanas, levando a que o mesmo procurasse incessantemente melhores condições e qualidade de vida. Graças à melhoria nos transportes e na comunicação entre países, bem como os avanços tecnológicos e científicos, em finais do século XX, inícios do século XXI, nomeadamente as denominadas novas tecnologias de comunicação, vieram promover a proximidade entre culturas. “No momento em que estamos, segunda década do século XXI, parece claro que as TIC têm um papel fundamental e renovado nas trocas culturais” (Lopes, Jesus, Lima, Bueno, & Santos, n/d, p. 4).

De salientar que a evolução dos computadores, as comunicações móveis sem fios, os programas de software mais desenvolvidos e a internet, veio proporcionar às populações mais acesso à informação, actualizada e em tempo real, bem como a proximidade entre os indivíduos (Oliveira, 2011). Sendo que a informação é transmitida no momento exacto em que se processa, independentemente onde esteja a ser consultada “A troca de informações é praticamente instantânea para quase todos os lugares do globo (...) a relação entre o próximo e o distante, contudo, é variável. A tecnologia deforma a grade espacial” (Lopes *et al.*, n/d, p.4).

Seguindo essa linha de pensamento Hamel (2009) considera que

Information and Communication Technologies (ICTs) have drastically changed the world in which we live. With increased interconnections in financial markets, media, knowledge sharing and archiving, billions of people around the world today are logging on, surfing the web, browsing, and posting information that is accessible irrespective of geographic location or time (p.1).

A proximidade proporcionada ao indivíduos imigrantes pela utilização das novas tecnologias entre o país de origem e o país de acolhimento, transmite-lhe a sensação de

que se encontra inserido nos dois países, ainda que não física, mas virtualmente, ou seja, embora distanciado fisicamente do país que o viu nascer, encontra-se em contacto permanente com o mesmo, pois como afirma Oliveira (2011) “...pois possibilita a este “novo migrante do século XXI” estar e participar efectivamente de dois mundos: o seu de origem e o destino de sua trajectória de imigração (p.5).

Assim, mantendo o contacto com o país de origem e de acordo com Holmes (2009)

(...) especially with ICTs, diaspora communities tend to increase their ties with their countries of origin thereforereinforcing their cultural identities, which will further reinforce heterogeneous cultural pocketsaround the world, and therefore mitigate the cross-cultural effects of global communications (p.23).

Assim, ao longo dos tempos a relação entre os imigrantes e as tecnologias de informação e comunicação tem sido estudada, tentando perceber-se de que modo a mesma é utilizada pelos imigrantes. Desta forma, no estudo sobre o estado da arte da pesquisa na EU pelos imigrantes e minorias étnicas sobre a adopção e utilização das TIC (Borkert, Cingolani & Premazzi, 2009) verifica-se que, tendo em conta a idade do utilizador das novas tecnologias, assim é o objectivo para o qual é utilizada. Os mais jovens utilizam-na para comunicar com os amigos, socialmente, os progenitores para comunicar com os amigos e familiares que se encontram longe e para pesquisar informações sobre o país de origem. Contudo, prevalece a ideia de que as TIC, podem ter efeitos contraditórios, ou seja tanto pode promover a integração, como podem promover o isolamento, somente mantendo os laços com o país de origem.

Assim, e tendo em conta o mesmo estudo, as TIC são consideradas como uma das ferramentas mais usadas para manter o contacto entre a comunidade migrante e o país de origem, independentemente do país em que se encontrem.

Como salientado anteriormente, as TIC são eleitas pelos imigrantes como principal ferramenta, pois permitem uma troca regular de informações e notícias do seu país de origem, tornando possível superar as distâncias geográficas, mantendo assim os laços afectivos entre as comunidades separadas, a memória colectiva e a identidade.

As TIC são cada vez mais utilizadas pelos imigrantes e minorias étnicas para lhes dar visibilidade e com o intuito de transmitir à sociedade de acolhimento situações de discriminação e desvantagem face aos nacionais.

As tecnologias de informação e comunicação em muito têm contribuído para a mudança na vida dos indivíduos, promovendo a aprendizagem e a interacção, independentemente das distâncias geográficas. As tecnologias de informação e comunicação surgiram como uma enorme possibilidade de se transformarem em ferramentas de integração dos indivíduos. Neste sentido, já não subsistem dúvidas que as novas tecnologias têm cada vez maior influência na sociedade actual, pelo que a sua integração progressiva no quotidiano dos indivíduos deve ser uma luta constante como resposta a estas necessidades.

Perante a quantidade de indivíduos oriundos das mais diversas partes do globo e com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, as barreiras culturais foram reduzidas, permitindo uma rápida difusão de ideias e de meios, possibilitando que indivíduos que se encontram em locais geograficamente longínquos possam comunicar com regularidade.

Importa então perceber de que modo é que as novas tecnologias podem ser fundamentais para os imigrantes manterem o contacto com a cultura de origem. O caso concreto da internet, a mesma veio modificar a forma como se comunica com o outro, pois existem múltiplas formas de o fazer, permitindo uma interacção em tempo real e livre de quaisquer barreiras geográficas e permitindo um contacto intercultural (Kluzer, Hache & Codagnone, 2008).

Com a internet diversificaram as possibilidades de interacção e de comunicação regular entre o imigrante e os membros da família que ficaram no país de origem, através de e-mails, de aplicações de *bate-papo*, blogs e sites particulares, utilizando como recurso as webcams, aumentando a quantidade de mensagens trocadas com os familiares. Através dos meios tecnológicos atenuam a distância e desenvolvem o sentimento de estar em casa, mas longe de casa. Com as chamadas internacionais a preços mais acessíveis os migrantes acompanham o dia a dia dos seus familiares conferindo-lhes um sentimento de proximidade (Holmes, 2009).

Tendo em consideração que cada vez mais as novas tecnologias eram necessárias e utilizadas pelos migrantes, houve necessidade por parte dos países em adequar a sua legislação face à actualidade digital. Assim, e no caso específico de Portugal houve o cuidado em adoptar várias medidas no âmbito das novas tecnologias. Nesse sentido, as iniciativas promovidas em Portugal passaram pela promoção da inclusão social, tomando como medidas o combate à exclusão digital e a promover o acesso aos grupos excluídos e/ou em risco de exclusão às novas tecnologias. De forma a tornar possível o acesso a toda a população, quer fossem carenciados, quer fossem pessoas com necessidades especiais e/ou de fraca mobilidade, quer fossem imigrantes, nesta linha de actuação foram criados espaços de internet, com acesso gratuito a computadores multimédia e internet, em que os indivíduos podem aceder a serviços públicos electrónicos, procurar emprego, adquirir competências de alfabetização, certificação e lazer de modo a sentirem-se incluídos na sociedade que os acolheu (Kluzer *et al* 2008).

Síntese

Os fenómenos migratórios agregados à globalização, favoreceram o desenvolvimento de redes mundiais, nomeadamente sistemas sociais e económicos, facultando o acesso a meios de transporte mais rápidos e baratos, tornando as comunicações mais fáceis, instigando à migração. Tudo isto levou a que as Tecnologias de Informação e da Comunicação ganhassem destaque a partir do século XX, através da evolução das telecomunicações, da utilização dos computadores e do desenvolvimento da internet. Apesar de serem um fenómeno recente, as Tecnologias de Informação e da Comunicação tornaram-se de tal forma indispensáveis que já nem concebemos realizar a maioria das nossas actividades diárias sem utilizar esses recursos.

Assim, as Tecnologias de Informação e da Comunicação tornam possível o contacto, em tempo real, com qualquer parte do globo, permitindo alargar os horizontes, derrubando as barreiras nacionais e culturais, possibilitando o contacto permanente com o mundo inteiro.

Na vertente migratória as Tecnologias de Informação e da Comunicação tem um papel fundamental, com a internet diversificaram as possibilidades de interacção e de comunicação regular entre o imigrante e os membros da família que ficaram no país de origem. Através dos meios tecnológicos atenuam a distância e desenvolvem o sentimento de estar em casa, mas longe de casa permitindo aos imigrantes

acompanharem o dia a dia dos seus familiares conferindo-lhes um sentimento de proximidade.

CAPITULO V - Enquadramento Metodológico

5.1. População e amostra do estudo

Para Quivy e Campenhoudt (1992) a totalidade dos elementos do conjunto, que tanto podem ser organizações, objectos ou conjuntos de pessoas, são denominadas de população, que os mesmos resumem como sendo “o conjunto de elementos constituintes de um todo” (p.162).

Na opinião de Carmo e Ferreira (2008) “população ou universo é o conjunto de elementos abrangidos por uma mesma definição” (p.209). Salientam ainda que esses elementos apresentam “uma ou mais características comuns a todos eles, características que os diferenciam de outros conjuntos de elementos” (p.209).

No que concerne à amostra, segundo Carmo e Ferreira (2008) utilizou-se a amostra não probabilística, uma vez que "podem ser seleccionadas tendo como base critérios de escolha intencional sistematicamente utilizados com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra" (p.215). Por sua vez, a técnica de amostragem utilizada foi a de conveniência, pois como referem os mesmos autores é quando se utiliza “um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários” (p.215).

Assim, a amostra foi constituída por um grupo de indivíduos que se demonstraram disponíveis e colaboradores para o estudo em causa. A população alvo deste estudo são indivíduos oriundos do Brasil, que residem em Albufeira, sendo que a dimensão da amostra foi constituída por 50 participantes, das cinco freguesias deste concelho.

De acordo com a tabela abaixo apresentada, e tendo em conta que 50 indivíduos se disponibilizam a responder ao inquérito por questionário, podemos verificar que dessa amostra existe uma maioria significativa que pertence ao género feminino. Podemos ainda constatar que existe maior predominância de inquiridos que se enquadram na faixa etária 31-40 anos, no que diz respeito à composição do agregado familiar apurámos que prevalecem as famílias constituídas por 2 e por 3 elementos. Quanto à situação profissional deparámo-nos com uma elevada percentagem de desempregados,

ou seja, metade dos inquiridos no momento de aplicação do inquérito por questionário encontravam-se sem emprego. De salientar que para 90% dos inquiridos foi a sua primeira experiência de emigração.

Quadro 8 – Caracterização dos inquiridos quanto ao género, idade, número de elementos do agregado familiar e situação profissional.

Género		Idade				Elementos A.F.						Sit. profissional		
F	M	18/30	31/40	41/50	+50	1	2	3	4	5	6	Emp	Desem	NS NR
74%	26%	30%	40%	16%	14%	12%	30%	30%	20%	4%	4%	50%	46%	4%

5.2. Contexto do estudo

5.2.1. Caracterização do concelho de Albufeira

O concelho de Albufeira pertence à região do Algarve, na zona ocidental, denominado Barlavento, pertencendo ao distrito de Faro. A norte delimita com os concelhos de Silves e de Loulé, a sul com o Oceano Atlântico, a Oeste com o concelho de Silves e a leste com o concelho de Loulé (Serra, 2007). Situa-se sensivelmente a 240 Km a Sul de Lisboa, 35 km a Este de Lagos, 12Km a Sudeste de Silves e a 30 km a Sudoeste de Faro.

Figura 8 – Municípios da Região do Algarve



Fonte: ACIDI

Com características mediterrânicas, o clima algarvio caracteriza-se por verões quentes e secos e Invernos amenos e com uma pluviosidade reduzida.

O concelho de Albufeira possui uma área total de 140 Km² de superfície, distribuída pelas suas cinco freguesias, Albufeira, Ferreiras, Guia, Olhos de Água e Paderne. Sendo que a freguesia de Albufeira apresenta uma área de superfície na ordem dos 26,6 Km², quanto à freguesia de Ferreiras representa 21,9 Km², Guia 25,1 km², Olhos de Água 14,4 Km² e por último a freguesia de Paderne com 52,7 Km². No que concerne à densidade populacional os valores não são proporcionais, ou seja, a população do concelho de Albufeira está distribuída de uma forma irregular. Enquanto que Albufeira tem sensivelmente 610 hab/km², Paderne apresenta 66,5 hab/km², estes valores

justificam-se pelo facto de Albufeira ser de cariz urbano enquanto que Paderne é predominantemente rural.

Figura 9- Freguesias do concelho de Albufeira



Fonte: ACIDI

Albufeira possui a mais elevada densidade populacional da região do Algarve, com sensivelmente 224,2 habitantes/Km². Na última década a densidade populacional do concelho de Albufeira assinalou um significativo aumento, passando de 149 hab/km² para os 224,2 hab/km² em 2001 (Câmara Municipal de Albufeira, 2004).

No século XX, o crescimento do concelho de Albufeira em termos demográficos apresenta-se em três fases distintas: até à década de 50 foi uma fase de crescimento, sendo seguida de um decréscimo populacional até à década de 70, seguido de um aumento do número de habitantes. Tais mudanças são originadas por factores económicos, políticos e socioculturais. A participação de Portugal na 1^a Guerra Mundial, as epidemias e a mudança de regime, levaram a que houvesse uma diminuição na taxa de natalidade, o que causou um lento crescimento nas duas primeiras décadas do século XX. Verificou-se uma inclinação acentuada para o abandono dos campos e a adesão à emigração, nos finais da 1^a República. Na década 30 e 40 a população estava em franca ascensão, no entanto, entre as décadas 40 e 50 constatou-se uma paragem nesse crescimento. Devido ao fluxo migratório verificado em todo o país e especialmente no Algarve, a população começa a diminuir, nesse sentido, na década 60 a emigração atinge o seu máximo. O concelho sofreu consequências demográficas,

perdeu população nas suas freguesias, baixa densidade populacional, diminuição do peso dos jovens, aumento da população envelhecida e acréscimo da população feminina em proporção à população masculina. Por último, acréscimo da população entre os 20 e os 59 anos, devido ao regresso dos residentes das ex-colónias, o regresso de emigrantes e o fenómeno da migração interna. Albufeira nas últimas décadas tem sido o destino para muitos que querem ver melhorada a sua condição de vida. Na década de 60, mais precisamente em 1962, os turistas internacionais aumentaram, levando a remodelações e arranjos no agregado urbano (Nobre, 2000).

Na década de 70, houve uma tendência de crescimento populacional quer a nível da região do Algarve, quer ao nível do concelho de Albufeira, tal facto deveu-se à afirmação e consolidação do turismo nesta região.

Com base nos resultados provisórios dos censos de 2011, o concelho de Albufeira apresenta como população residente um total de 40.828 indivíduos, sendo que 20.029 pertencem ao género masculino, 20.799 pertencem ao género feminino. Relativamente a cada freguesia deste concelho, salienta-se que: Albufeira apresenta um total de 22.781 indivíduos, dos quais 11.112 pertencem ao género masculino e 11.669 ao género feminino; Guia actualmente regista 4.376 indivíduos, sendo que 2.149 são do género masculino e 2.227 do género feminino; Paderne assinala 3.304 residentes, 1.646 homens e 1.658 mulheres, Ferreiras aponta para o total de 6.406 indivíduos residentes, sendo 3.177 homens e 3.229 mulheres; Olhos d'Água apresenta como população residente 3.961 indivíduos, dos quais 1.945 são homens e 2.016 são mulheres (INE, 2011).

Albufeira é considerada o município mais jovem do país, devido não só à elevada taxa de natalidade bem como pelo acolhimento de pessoas de todo o mundo. Tendo em conta que Albufeira acolhe as mais diferentes nacionalidades, é considerada uma cidade multicultural. Actualmente as comunidades mais representativas são: Brasil (2.766 indivíduos), Reino Unido (1.609 indivíduos) seguido da Ucrânia (1.806 indivíduos), Roménia (656), Moldávia (527) e Guiné-Bissau (433 indivíduos).

5.3. Instrumentos de pesquisa

Para a realização desta investigação recorreu-se à metodologia qualitativa e à metodologia quantitativa, pois segundo Carmo e Ferreira (2008) “o investigador não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos ou qualitativos e no

caso da investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos dois tipos de métodos” (p. 194).

Desta forma, e no que diz respeito à metodologia qualitativa, foi usado um conjunto de técnicas e instrumentos, que nos possibilitou a recolha de diversas informações. Efectuou-se pesquisa documental e bibliográfica como técnica de observação de documentos, para uma análise qualitativa em profundidade (Almeida & Pinto, 1982), com o intuito de fundamentar cientificamente a base teórica do nosso estudo. Foi efectuada uma pesquisa bibliográfica às estatísticas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, com o objectivo de perceber o crescimento da comunidade brasileira em território nacional, bem como no distrito de Faro e por fim no concelho de Albufeira.

Segundo Albarello *et al* (1977). “a pesquisa documental apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação” (p. 30). Assim, a pesquisa documental pressupõe a utilização de outras técnicas de investigação, complementando o estudo, nomeadamente inquérito, efectuando a triangulação de técnicas.

No que diz respeito ao método quantitativo, utilizou-se a técnica de Inquérito por Questionário. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992), o inquérito por questionário,

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de um problema (p. 190).

O inquérito é um dos instrumentos mais utilizados em ciências sociais e humanas, além de poder adoptar várias formas desde uma pesquisa sobre um fenómeno social até à tentativa de explicação da opinião representativa de um grupo social sobre um determinado assunto científico ou apenas de interesse geral.

A forma como é construído um inquérito é importante visto que cada disciplina tem as suas regras delimitadas para a sua redacção. Em geral, os objectivos têm que ser bem formulados desde o início com a pergunta de partida, as questões têm que ser

objectivas, adequadas à finalidade da investigação, e perfeitamente ajustadas ao tipo de dados que se procuram estabelecer.

Tendo em conta que o inquérito por questionário elaborado possui algumas questões abertas será necessário proceder à análise de conteúdo das mesmas.

Assim, e segundo Bardin (2004) a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdos das mensagens” (p. 33). Ou seja, no entendimento de Bardin (2004), mais importante do que a descrição dos conteúdos é aquilo que os mesmos nos poderão ensinar após o seu tratamento.

No entendimento de Stone (1964, citado em Ghiglione & Matalon, 1997) “por análise de conteúdo referem-se todos os procedimentos utilizados para especificar referentes, atitudes ou temas contidos numa mensagem ou num documento, determinando a sua frequência relativa” (p.177).

Para Berelson (1968, citado em Carmo & Ferreira, 2008) a análise de conteúdo é “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação” (p. 269), corroborando com a linha de pensamento de Bardin.

Partindo desse pressuposto, Carmo e ferreira (2008) defendem que a análise de conteúdo deve obedecer a várias regras, nomeadamente ser: objectiva - em que a análise deverá ser realizada de acordo com regras estabelecidas, apresentadas de forma clara e concreta, de modo a que diferentes investigadores, perante o mesmo conteúdo, obtenham os mesmos resultados; deverá ser sistemática – “porque a totalidade do conteúdo deve ser ordenado e integrado em categorias previamente escolhidas em função dos objectivos que o investigador quer atingir”, deve ser ainda quantitativa – “uma vez que na maior parte das vezes é calculada a frequência dos elementos considerados significativos” (p.269).

Com a escolha dos documentos sujeitos à análise, será definido o *corpus*, que segundo Bardin (2004) “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (p.90).

Segundo a mesma autora, para a constituição do *corpus* é necessário obedecer a determinadas regras, nomeadamente: da exaustividade em que após a definição do corpus “é preciso ter-se em contacto os elementos desse corpus. (...) não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão (...) que não seja justificável no plano do rigor” (p. 90); da representatividade em que “a análise pode efectuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste”; da homogeneidade em que “os documentos retidos devem ser homogéneos, quer dizer, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios de escolha” (p.91) e por último a regra da pertinência, em que “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objectivo que suscita a análise” (p.92).

Carmo e Ferreira (2008) partilham da opinião de Bardin no que diz respeito às regras para a definição do corpus, reforçando a ideia de que o corpus “é o conjunto dos documentos escolhidos para se proceder posteriormente à Análise de Conteúdo” (p.272).

Posteriormente, serão definidas as categorias e as unidades de análise. Para Grawitz (1993, citado em Carmo e Ferreira, 2008) “as categorias são rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado” (p.273), já para Bardin (2004) que definiu como categorização, e que resume como “a divisão das componentes das mensagens analisadas em rubricas ou categorias ...” (p.111).

A mesma autora considera que “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos” (p.111). Salientou ainda, de que “as categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (p.111).

Assim, Bardin (2004) considera que ao formular-se as categorias, estas devem obedecer a determinadas regras, a exclusão mútua em “que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (p.113), da mesma opinião partilham Carmo e Ferreira (2008) que referem que “os mesmos elementos devem pertencer a uma e não a várias categorias” (p.273). A homogeneidade “um único principio de classificação deve governar a sua

organização” (p.113), ou seja, no mesmo conjunto de categorias só pode funcionar uma dimensão da análise. A pertinência, em que as categorias devem estar de acordo com o material escolhido para análise e de acordo com os objectivos do estudo. A objectividade e a fidelidade, as categorias não devem ser ambíguas, devem ser claras, de modo a que vários investigadores possam classificar os elementos em análise, nas mesmas categorias. A produtividade, considera-se produtivo caso forneça resultados férteis em novas hipóteses.

Após serem definidas as categorias, procede-se à definição das unidades de contexto e às unidades de registo.

Segundo Carmo e Ferreira (2008), a unidade de contexto “constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo(...) por exemplo, se a palavra for considerada a unidade de registo, a unidade de contexto poderá ser a frase” (p.275). Para Bardin (2004) a unidade de contexto “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo” (p.100).

Assim, e tendo em linha de conta os autores acima citados, a unidade de registo não é mais do que o “segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria” (Carmo & Ferreira, 2008, p.275). Bardin (2004) refere ainda que “a unidade de registo pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis” (p.98).

5.3.1. Inquérito por questionário

O **inquérito por questionário**, Segundo Bäckström (2008) “possibilita obter dados através do questionário, consistindo em apresentar um conjunto pré-determinado de perguntas à população. O questionário é, portanto, um conjunto estruturado de questões expressas num papel, destinado a explorar a opinião das pessoas a que se dirige” (p. 13). Considerou-se que o instrumento mais adequado ao estudo em questão seria o inquérito por questionário, pois pretendia-se obter uma série de respostas relativamente à situação social, profissional, familiar, bem como à dinâmica das famílias oriundas do

Brasil, no que concerne à utilização das novas tecnologias. Desta forma, elaborou-se um inquérito por questionário com questões abertas, fechadas e semi abertas.

As questões fechadas tinham como objectivo não haver ambiguidades, sendo de fácil compreensão, obviamente que por outro lado poderia haver o perigo de induzirem a uma resposta, as questões abertas são uma forma dos inquiridos expressarem livremente a sua opinião, permitindo as representações pessoais dos indivíduos.

As questões abertas permitem a recolha de inúmera informação, que nos permite aprofundar o conhecimento sobre os indivíduos desta comunidade, contudo a sua selecção, quantificação e codificação torna-se difícil e bastante morosa. Quanto às questões semi abertas, é a conjugação das duas anteriores, existindo possibilidades de resposta, mas deixam em aberto para que o inquirido possa enumerar outra (Albarello *et al* 1977).

O Inquérito por Questionário¹ foi aplicado a 50 indivíduos de origem brasileira. Constituído por dez blocos, totalizando 74 questões, encontrando-se organizado da seguinte forma:

Quadro 9 – Estrutura do Inquérito por Questionário.

Dimensões	Nº de questões	Objectivo
Caracterização da população alvo	4 questões	Caracterizar a amostra.
Percurso migratório e situação legal	7 questões	Obter informações sobre quais os países em que os indivíduos já foram imigrantes, antes de se fixarem em Portugal, bem como a situação em que se encontram.
Motivos da emigração	6 questões	Aprofundar os motivos que levaram à imigração.
Habilitações literárias e formação profissional	7 questões	Obter informações sobre as habilitações literárias e formação profissional dos indivíduos.
Mercado de trabalho	5 questões	Conhecer o percurso profissional dos

¹ Anexo 2

		indivíduos desde que chegaram a Portugal
Integração, redes familiares e de amizade	15 questões	Aprofundar conhecimentos sobre o suporte familiar dos indivíduos inquiridos e qual apoio que usufruíram por parte dos amigos/familiares.
Dinâmicas familiares	4 questões	Conhecer as tradições da família, e como funcionam.
Comunicação com o país de origem	8 questões	Verificar a forma como os inquiridos contactam com os familiares no país de origem, e perceber se esse contacto favorece ou não a integração.
Novas tecnologias	11 questões	Aprofundar a utilização das novas tecnologias no acto de comunicar com a família.
TIC versus integração	7 questões	Compreender qual a relação entre a utilização das novas tecnologias e a integração dos indivíduos.

5.4. Procedimento de recolha de dados

No que concerne aos procedimentos realizados para a concepção deste estudo, efectuou-se pesquisa documental e bibliográfica de modo a fundamentar cientificamente a base teórica do mesmo, bem como se aprofundou o conhecimento estatístico referente à comunidade brasileira.

Considerou-se pertinente a elaboração de um Inquérito por Questionário, por se considerar ser uma forma fidedigna de se conhecer e generalizar um conjunto de opiniões.

A construção dos inquéritos aplicados à população em estudo foi realizada nos meses de Janeiro e Fevereiro. O inquérito por questionário foi elaborado de raiz, para o efeito, foi elaborado um guião, dividido em blocos de modo a ser facilitada a construção do questionário. Considerou-se fundamental incluir a caracterização dos inquiridos, sendo construídos os restantes blocos de acordo com os objectivos do estudo e com a

informação que se pretendia obter dos inquiridos, de modo a recolhermos a maior quantidade de informação possível.

Assim, no segundo bloco questionou-se relativamente ao percurso migratório e à situação em que se encontram a nível legal no nosso país, considerou-se pertinente perguntar o ano de chegada a Portugal e a Albufeira, bem como o visto de entrada e situação que se encontra neste momento. No bloco três colocaram-se questões sobre o motivo da emigração, para se compreender a sua forma de integração. No bloco quatro questionou-se sobre as habilitações literárias no sentido de se perceber se as funções que desempenham vão ao encontro das suas habilitações académicas. No bloco seguinte, pretendia-se perceber como foi a entrada no mercado de trabalho, se já havia contactos com amigos/familiares com vista à obtenção de trabalho e quanto tempo levaram a conseguir. No bloco seis e sete as questões eram direccionadas para as redes familiares e de amigos, pois importava-nos saber se o facto de terem em Portugal essa rede, facilitou ou não o seu processo de integração, bem como quais as medidas que essas redes tinham tomado no sentido de os auxiliarem nesse decurso, portanto as questões foram obviamente nesse sentido. Quanto aos bloco oito e nove, abordámos a comunicação com o país de origem, e o acesso às novas tecnologias, pois era nossa intenção perceber quais os meios de comunicação mais utilizados, bem como a regularidade, e se essa comunicação favorecia a integração no país de acolhimento. Na utilização das novas tecnologias pretendíamos saber se as utilizavam como forma de comunicação com o país de origem e com que objectivos. Por fim, no bloco dez, pretendíamos verificar se as tecnologias de informação e comunicação eram vistas e sentidas pelos imigrantes como factor integrador.

Foi preparada uma primeira versão, que após as sugestões da orientadora foi melhorada, consequentemente após a mesma concordar com as sugestões de alteração avançou-se para a versão a ser aplicada aos informantes qualificados.

Foi solicitado a 4 informantes qualificados que fizessem uma apreciação ao Inquérito por Questionário, os mesmos foram entregues e recolhidos em mãos entre o dia 21 de Fevereiro e o dia 5 de Março.

As sugestões de melhoria apresentadas foram pertinentes, nomeadamente no que diz respeito aos termos técnicos, uma vez que se desconhece o nível de formação dos inquiridos. Foi sugerido que em algumas questões, e de acordo com a resposta sim ou

não passasse para a questão seguinte e/ou para o bloco seguinte. Alguns informantes indicaram que em algumas questões deveria colocar-se a possibilidade dos inquiridos poderem optar por mais do que uma resposta, por exemplo na questão “Utiliza a internet com que objectivo?” existe a probabilidade do indivíduo utilizar para diversos fins, desta forma seria mais adequado haver essa possibilidade, não reduzindo o conhecimento global da utilização da internet, até porque, desta forma se poderá recolher bastante informação, que se julga ser importante para o estudo em causa.

Relativamente às redes sociais foi sugerido que se incluísse o Hi5 e o Orkut, este último muito utilizado pela comunidade brasileira para comunicar com a família.

Tendo em conta as sugestões apresentadas, foi elaborado o inquérito por Questionário com as devidas rectificações, e enviado à orientadora para apreciação. Após as alterações efectuadas de acordo com o sugerido pela orientadora, foi elaborada nova versão.

Foi efectuado um pedido de autorização² para aplicação dos questionários, à Câmara Municipal de Albufeira, Divisão de Acção Social Saúde e Juventude, de modo a que os inquéritos fossem aplicados no Gabinete da Família e no Gabinete do Imigrante.

O pré-teste foi aplicado a 4 indivíduos com as características idênticas à população alvo do estudo. A média do tempo despendido a preencher o inquérito foi de 14,5 minutos. Os Inquéritos foram entregues e recolhidos em mãos entre o dia 21 e 27 Março.

Após as devidas correcções foi elaborada a versão final do Inquérito por Questionário a ser aplicado à amostra.

Os inquéritos por questionário definitivos³ foram aplicados nos meses de Abril, Maio e Junho de 2012, no Gabinete do Imigrante (GAI) e Gabinete da Família (GAF) da Câmara Municipal de Albufeira. Foram entregues em mãos, alguns preenchidos no local, outros os inquiridos levaram para preencher na sua residência e posteriormente efectuaram a entrega nos serviços. Sempre que solicitado, foram esclarecidas dúvidas pelos técnicos que aplicaram o questionário, foi garantida o anonimato e a confidencialidade da informação aos inquiridos.

²Anexo 1

³Anexo 2

Não obstante, sentiu-se alguma dificuldade pois nos meses referidos a afluência de indivíduos provenientes do Brasil, foi muito diminuta, tendo que ser alargado o prazo que se havia inicialmente estipulado para aplicar os inquéritos.

Após se dar por concluída a fase de recolha de dados, efectuou-se a análise dos mesmos. Assim, e de acordo com Quivy e Campenhoudt (1992) “ a maior parte dos métodos de análise das informações depende de uma de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo” (p.220). Não obstante, neste estudo os inquéritos por questionário foram analisados à luz da análise estatística, bem como, da análise de conteúdo.

Desta forma, os dados obtidos foram organizados, codificados e tratados com recurso ao programa Microsoft Office Excell 2007, bem como o programa Statistical Program for Social Sciences, versão 17.0 (SPSS).

O tratamento estatístico consistiu na utilização de técnicas de estatística descritiva, em que foram calculadas as frequências e percentagens.

Foi feita uma análise quantitativa nas questões fechadas e semi abertas do inquérito, de modo a analisar o mesmo. Para que se possa efectuar mais facilmente uma leitura, compreensão e interpretação dos dados, foram elaboradas tabelas e gráficos.

Tendo em conta que o instrumento de recolha de informação adoptado para este estudo foi o inquérito por questionário, constituído por questões fechadas, semi-abertas e abertas, foi efectuada a análise de conteúdo das questões abertas e algumas das questões semi-abertas.

Assim, e tendo em linha de conta que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2004, p.33) tendo como finalidade clara, ou não, de que se pretende obter inferências relativas às condições de produção, recorrendo a indicadores.

Desta forma, para o estudo em causa, criou-se uma tabela, constituída por cinco campos, dimensão, categorias, subcategorias, unidades de contexto e unidades de registo. Posteriormente verificou-se quais as questões semi abertas passíveis de se efectuar a análise de conteúdo, bem como as questões abertas. Indo ao encontro da estrutura do inquérito por questionário delineou-se as dimensões, bem como as categorias, as subcategorias foram criadas após se verificar as respostas das questões,

que constam na unidade de registo, criando subcategorias que englobassem as respostas dos participantes, as unidades de registo⁴ foram recolhidas com base nas citações das unidades de contexto.

Quadro 10 – Esquema geral das Dimensões, Categorias e Subcategorias.

Dimensões	Categorias	Subcategorias
Emigração	Motivação para a Emigração	Razões
Emigração	Motivação para a Emigração	Escolha do país
Emigração	Motivação para a Emigração	Decisão
Habilitações Literárias	Não continuação dos estudos	Não continuação dos estudos
		Situação no país
		Motivação
Mercado de trabalho	Obtenção de trabalho	Outros
		Próprio
Redes	Integração	Laboral
		Profissional e pessoal
		Pessoal
		Global
Redes	Não Integração	Laboral
		Pessoal
		Global
Redes	O que já fez para se integrar	Laboral
		Pessoal
Rede Amigos	Apoio dos Amigos em Albufeira, em que medida?	Logístico
		Laboral
		Diversos
		Emocional
		Financeiro
Redes	Contribuição dos amigos em Albufeira para a integração	Laboral
		Bem estar
		Logística
		Apoio
		Conhecimento
Redes	Inexistência de amigos em	Solidão

⁴Anexo 3

	Albufeira	Desmotivada
		Autónomo
Redes	Rede Amigos	Proveniência
Dinâmicas Familiares	Tradições facilitam a integração	Positivo
		Desconhecimento
Comunicação origem	país Meios de comunicação	Financeiro
		Celeridade
		Facilidade/praticidade
		Celeridade/custo
		Celeridade/Facilidade
		Emocional
		Limitações
		usual
Comunicação origem	país Vantagens dos meios de comunicação	Financeiro
		Celeridade
		Ambos
		Facilidade
		Emocional
		Conhecimento
		Todas
Comunicação com o país de origem	Comunicação como forma de integração	Emocional
		Conhecimento
		Integração
Novas Tecnologias	Utilização da Internet	Informação
Novas Tecnologias	Objectivo das Redes Sociais	Comunicação
		Convívio
		Proximidade
Contribuição das TIC	Integração	Comunicação
	Emocional	Motivação
		Modernidade
Contribuição das TIC	Bem estar psicológico e emocional	Proximidade
		Ligação
Comunicação com o país de origem	Informação como forma de integração	Conhecimento
		Realidade
		Sentimento

CAPITULO VI - Apresentação dos resultados

6.1. Apresentação dos resultados

Os métodos de análise da informação recolhida nos inquéritos por questionário, basearam-se na análise estatística dos dados e na análise de conteúdo.

Neste capítulo serão apresentados os resultados da investigação, através da análise descritiva e ilustrados em tabelas e gráficos correspondentes aos itens do inquérito por questionário. No que diz respeito às questões semi abertas e abertas, proceder-se-á à análise de conteúdo, que será apresentada sob a forma de quadros.

6.1.1. Percurso migratório e situação legal

Iremos agora apresentar os resultados obtidos relativamente ao Percurso migratório e situação legal da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito ao seu ano de chegada a Portugal - Tabela 1.

Tabela 1. Ano chegada a Portugal

Ano chegada a Portugal	Frequência	%	% Acumulada
2005	3	6,0	6,0
2011	3	6,0	12,0
2000	2	4,0	16,0
2007	4	8,0	24,0
2006	3	6,0	30,0
2002	4	8,0	38,0
2001	5	10,0	48,0
2008	1	2,0	50,0
1997	2	4,0	54,0
2004	6	12,0	66,0
2010	5	10,0	76,0
2009	3	6,0	82,0
2003	3	6,0	88,0
2012	2	4,0	92,0
1985	1	2,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente ao ano de chegada, tendo em conta a tabela apresentada, salienta-se o ano de 2004 com seis indivíduos, 2001 e 2010 com cinco e 2002 e 2007 com 4 indivíduos. De salientar que do ano 2000 a 2010, tendo por base os inquiridos, terão ocorrido o maior número de entradas de imigrantes brasileiros em Portugal.

Na Tabela 2. apresentaremos os dados obtidos no que diz respeito ao ano de chegada a Albufeira dos indivíduos da nossa amostra.

Tabela 2. Ano de chegada Albufeira

Ano de chegada Albufeira	Frequência	%	% Acumulada
2005	3	6,0	6,0
2011	5	10,0	16,0
2000	1	2,0	18,0
2007	3	6,0	24,0
2006	3	6,0	30,0
2002	5	10,0	40,0
2003	5	10,0	50,0
2008	1	2,0	52,0
1999	1	2,0	54,0
2001	2	4,0	58,0
2012	3	6,0	64,0
2004	7	14,0	78,0
2010	3	6,0	84,0
2009	5	10,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto ao de chegada a Albufeira salienta-se 2004 com sete indivíduos, 2002, 2003, 2009 e 2011 com cinco indivíduos. Os anos de 1999, 2000 e 2008 evidenciam-se pelo número reduzido de imigrantes que se deslocaram para Albufeira, sendo somente de um indivíduo.

Seguidamente apresentaremos os dados que dizem respeito ao visto obtido quando ingressaram em Portugal - Tabela 3.

Tabela 3. Visto obtido

Visto obtido	Frequência	%	% Acumulada
Estudante	1	2,0	2,0
Trabalho	8	16,0	18,0
Turista	37	74,0	92,0
Familiar de cidadão europeu	1	2,0	94,0
Nac. Portuguesa	1	2,0	96,0
NS/NR	2	4,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere ao visto obtido para entrar em Portugal, 74% refere o visto de turista, o que corresponde a trinta e sete indivíduos, seguido de 16% que obtiveram visto de trabalho. Neste sentido, conclui-se que a maioria dos inquiridos considera que a forma mais fácil de entrar em Portugal será através da obtenção de visto de turista.

Na tabela 4. apresentaremos a situação actual em que se encontram os inquiridos.

Tabela 4. Situação actual

Situação actual	Frequência	%	% Acumulada
Nac. Portuguesa	4	8,0	8,0
A.R.T.	26	52,0	60,0
A.R.P.	14	28,0	88,0
Irregular	2	4,0	92,0
Ilegal	3	6,0	98,0
NS/NR	1	2,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente à situação actual 52% obteve Autorização de Residência Temporária (A.R.T.) enquanto que 28% obteve Autorização de Residência Permanente (A.R.P.), 8% conseguiu obter a nacionalidade Portuguesa, 4% encontram-se em situação irregular, 6% encontram-se ilegais no nosso país e 2% não sabe ou não responde à questão.

De seguida apresentaremos os dados que se referem ao ano em que obteve a situação em que se encontra actualmente – Tabela 5

Tabela 5. Em que ano obteve a situação em que se encontra

Ano em que obteve a situação actual	Frequência	%	% Acumulada
2006	3	6,0	6,0
2004	1	2,0	2,0
2009	9	18,0	18,0
2003	2	4,0	4,0
2005	1	2,0	2,0
2010	1	2,0	2,0
2008	5	10,0	10,0
2007	5	10,0	10,0
2001	1	2,0	2,0
2011	5	10,0	10,0
2012	1	2,0	2,0
1985	1	2,0	2,0
NS/NR	15	30,0	30,0
Total	50	100,0	100,0

A tabela acima apresentada salienta o ano de obtenção da situação em que se encontra actualmente, de salientar o ano de 2009 com nove indivíduos, 2007, 2008 e 2011 com cinco indivíduos, de referir que quinze indivíduos não sabem ou não respondem à questão colocada.

6.1.2. Motivos da emigração

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos relativamente aos Motivos da emigração da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito ao que os levou a emigrar - Tabela 6.

Tabela 6. O que o levou a emigrar

O que o levou a emigrar	Frequência	%	% Acumulada
Questões económicas	11	22,0	22,0
Melhores condições de vida	26	52,0	74,0
Aventura	7	14,0	88,0
Outra	6	12,0	100,0
Total	50	100,0	

No que respeita aos motivos que levou à emigração, de referir que 52% mencionam melhores condições de vida, 22% questões económicas e 14% aventura. Assim presume-se que a emigração para esta amostra é uma forma de obtenção de uma vida melhor para si e para a sua família.

No que concerne a resposta outra foi englobada na dimensão Emigração, relativamente à categoria Motivação para a Emigração, foi dividida na subcategoria Razões conforme o quadro apresentado.

Quadro 11. Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Motivação para a Emigração	Razões	6

Obtivemos em unidades de registo respostas como: a questão da reunião familiar (2), convite (1), o clima (1) e o recomeço de vida (2).

No Gráfico 2. apresentaremos os dados que dizem respeito à escolha de Portugal como país de destino.

Gráfico 2. Escolha de Portugal como país de destino



Relativamente ao motivo pelo qual optaram por Portugal como país de destino destaca-se em primeiro lugar a língua, seguido do facto de já existirem familiares residentes bem como amigos residentes, a empregabilidade é outro factor preponderante para a escolha, bem como a cultura e a facilidade na regularização.

No que diz respeito à resposta outra, foi englobada na dimensão Emigração, relativamente à categoria Motivação para a Emigração, foi dividida na subcategoria Escolha do país, conforme o quadro apresentado.

Quadro 12. Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Motivação para a Emigração	Escolha do país	4

Como resposta a esta questão e inserida na unidade de registo temos: suporte (2), clima (1) e ambiente (1), como escolha de Portugal como país de destino.

Na Tabela 7. apresentaremos os dados que se referem à questão veio para Portugal acompanhado.

Tabela 7. Veio para Portugal Acompanhado

Veio para Portugal Acompanhado	Frequência	%	% Acumulada
Sim	32	64,0	64,0
Não	18	36,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos 64% responderam que sim, vieram acompanhados para Portugal e 36% referem que não.

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão veio acompanhado por quem – Gráfico 3.

Gráfico 3. Veio acompanhado por quem para Portugal

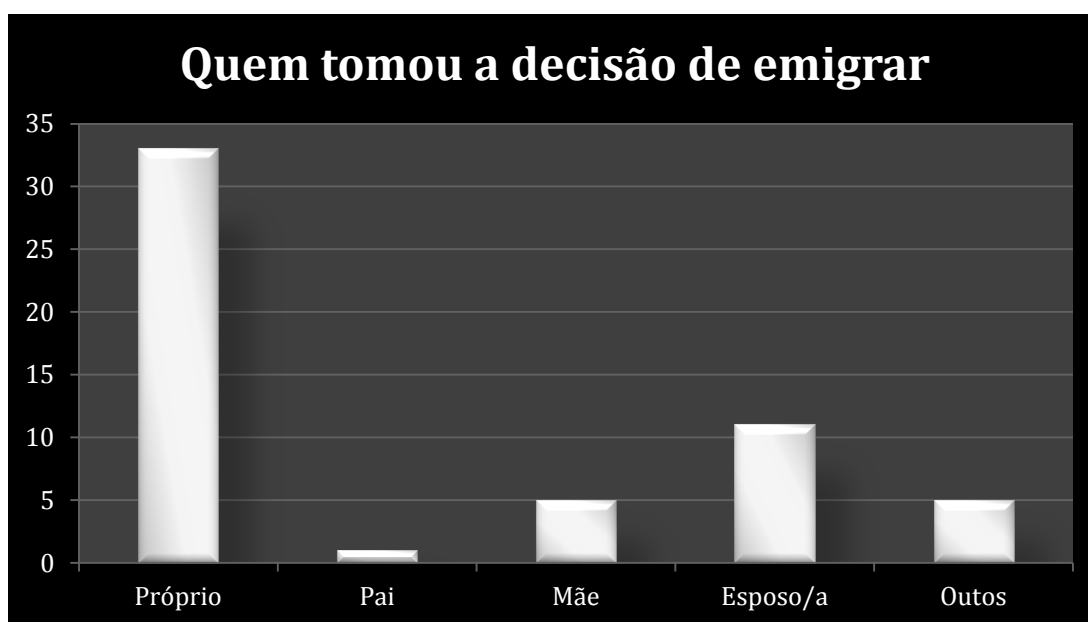


Tendo por base o gráfico apresentado dos trinta e dois indivíduos que vieram para Portugal, quinze fizeram-no acompanhados pelos filhos, catorze pela esposa/o, três por amigos, dois pela mãe, um pelo sogro e um pelo pai. Salienta-se que a família mais

próxima, como é o caso dos filhos e esposa/o acompanham os indivíduos que tomam a decisão de emigrar.

No Gráfico 4. apresentaremos os dados que se referem à questão quem tomou a decisão de emigrar.

Gráfico 4. Quem tomou a decisão de emigrar



Quanto à decisão de emigrar trinta e três indivíduos afirmam tê-la tomado sozinhos, onze salientam que foi a esposa/o e cinco referem que foi a mãe que tomou essa decisão.

No que diz respeito à resposta outros referente à dimensão Emigração, categoria Motivação para a Emigração, foi dividida na subcategoria Decisão, conforme o quadro apresentado.

Quadro 13. Emigração: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Motivação para a Emigração	Decisão	5

As respostas dadas pelos inquiridos como outra, integradas na subcategoria Decisão, sendo as respostas em unidade de registo como: próprio/a (1), em conjunto (2) e por outro (2).

6.1.3. Habilitações literárias e formação profissional: o seu reconhecimento em Portugal

Neste ponto iremos apresentar os resultados obtidos relativamente às Habilitações literárias e formação profissional: o seu reconhecimento em Portugal. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito às habilitações literárias no Brasil - Tabela 8.

Tabela 8. Quais as habilitações literárias no Brasil

Habilitações Literárias no Brasil	Frequência	%	% Acumulada
Sem escolaridade	3	6,0	6,0
1º Grau	19	38,0	44,0
2º Grau	23	46,0	90,0
Licenciatura	5	10,0	100,0
Total	50	100,0	

Quando inquiridos sobre as suas habilitações literárias no Brasil, 46% referem que é o 2º grau, 38% 1º grau, 10% licenciatura e 6% refere não ter qualquer escolaridade.

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão as habilitações foram reconhecidas em Portugal – Tabela 9.

Tabela 9. As habilitações foram reconhecidas em Portugal

Habilitações reconhecidas em Portugal	Frequência	%	% Acumulada
Sim	12	24,0	24,0
Não	11	22,0	46,0
Não tentei	23	46,0	92,0
NS/NR	4	8,0	100,0
Total	50	100,0	

Quando questionados se as habilitações literárias foram reconhecidas em Portugal, 24% afirma que sim, 22% salienta que não, 46% refere que não tentou e 4% não sabe ou não responde à questão colocada.

Na tabela 10. apresentaremos os dados que se referem à questão continuou os estudos em Portugal.

Tabela 10. Continuou os estudos em Portugal

Continuou os estudos em Portugal	Frequência	%	% Acumulada
Sim	5	10,0	10,0
Não	42	84,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

No que diz respeito à continuidade dos estudos em Portugal, quarenta e dois inquiridos responderam que não, cinco afirmaram que sim e três não sabem ou não respondem.

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão se continuou os estudos, porque – Tabela 11.

Tabela 11. Se continuou os estudos, porquê?

Se continuou os estudos porquê?	Frequência	%	% Acumulada
Valorização pessoal	1	2,0	2,0
Progressão profissional	3	6,0	8,0
Não se aplica	42	84,0	92,0
NS/NR	4	8,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos cinco inquiridos que mencionaram que continuaram os estudos, três com a perspectiva de progressão profissional, um pela valorização pessoal e um não sabe ou não responde à questão.

Se não continuou os estudos, porquê?

Relativamente à questão se não continuou os estudos, porquê? As respostas foram integradas na dimensão habilitações literárias, na categoria não continuação dos estudos

e dividida em três subcategorias: disponibilidade/oportunidade, situação do país e motivação, conforme o quadro apresentado.

Quadro 14. Habilitações Literárias: Categorias, Subcategorias e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Não continuação dos estudos	Disponibilidade/oportunidade	11
	Situação no país	4
	Motivação	5

As respostas dos inquiridos foram divididas nas três subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas unidades de registo que se subdividiram em: temporal (7), oportunidades (3), opção (1), documentação (4) e trabalho (5), respectivamente.

Seguidamente apresentaremos os dados que dizem respeito à formação profissional quando chegaram a Portugal - Tabela 12.

Tabela 12. Formação profissional quando chegou a Portugal

Formação profissional quando chegou a Portugal	Frequência	%	% Acumulada
Vendedora	2	4,0	4,0
Musico e vigilante patrimonial	1	2,0	6,0
Gerente de loja	1	2,0	8,0
Aux. Enfermagem	2	4,0	12,0
Nenhuma	3	6,0	18,0
Manicure e Pedicure	2	4,0	22,0
Programa Cobal, administrativa/financeira	1	2,0	24,0
Motorista	1	2,0	26,0
Adm. Empresas	1	2,0	28,0
Pedreiro	2	4,0	32,0
Operador de máquinas	1	2,0	34,0
Ama	1	2,0	36,0
Manicure	2	4,0	40,0
Emp. loja	1	2,0	42,0
Técnica de previdência	1	2,0	44,0
Aux. fisioterapia	1	2,0	46,0

Aux. escritório	1	2,0	48,0
NS/NR	26	52,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere à formação profissional aquando da chegada dos inquiridos a Portugal várias são as áreas em que tem formação, nomeadamente: vendas, manicure e pedicure, na área da administração, auxiliar de fisioterapia, auxiliar de escritório, entre outros.

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à formação profissional actualmente - Tabela 13.

Tabela 13. Formação Profissional actualmente

Formação profissional actualmente	Frequência	%	% Acumulada
Cozinheira	1	2,0	2,0
Emp. Mesa	2	4,0	6,0
Limpezas	5	10,0	16,0
Nenhuma	3	6,0	22,0
Vendas	1	2,0	24,0
Condutor	1	2,0	26,0
Cabeleireira	1	2,0	28,0
Jardinagem	1	2,0	30,0
Ajud. cozinha	1	2,0	32,0
Pedreiro	2	4,0	36,0
NS/NR	32	64,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto à formação profissional que detém atualmente referem que possuem na área das limpezas, na área da hotelaria e restauração, jardinagem, construção civil e cabeleireira.

6.1.4. Mercado de trabalho

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos relativamente ao Mercado de trabalho. Começaremos por apresentar os dados que se referem à questão quando chegou a Albufeira já tinha trabalho - Tabela 14.

Tabela 14. Quando chegou a Albufeira tinha trabalho

Quando chegou a Albufeira tinha trabalho	Frequência	%	% Acumulada
Sim	11	22,0	22,0
Não	38	76,0	98,0
NS/NR	1	2,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos trinta e oito referem que não tinham trabalho aquando da chegada a Albufeira e onze mencionam que já tinham trabalho, um dos inquiridos não sabe ou não responde.

Seguidamente apresentaremos os dados que dizem respeito à questão quem lhe arranjou o trabalho – Gráfico 5.

Gráfico 5. Quem lhe arranjou o trabalho?



No que diz respeito à variável quem lhe arranjou trabalho, sendo possível ter obtido ajuda de várias pessoas, há a salientar de que nove inquiridos responderam que quem os ajudou nessa área foram amigos brasileiros, dois foram amigos portugueses, quatro recorreram a ajuda de familiares já residentes.

No que diz respeito à resposta outros, foram integradas na dimensão mercado de trabalho, na categoria obtenção de trabalho e dividida em duas subcategorias: outros e próprio, conforme o quadro apresentado.

Quadro 15 – Mercado de trabalho: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Obtenção de trabalho	Outros	2
	Próprio	1

As respostas dos inquiridos foram divididas nas duas subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas unidades de registo que se subdividiram em: amigos/as (1), família (1) e próprio/a (1), respectivamente.

Seguidamente apresentaremos os dados que se referem à questão qual o primeiro trabalho em Albufeira – Tabela 15.

Tabela 15. Qual o primeiro trabalho em Albufeira

Qual o 1º trab. em Albufeira	Frequência	%	% Acumulada
Emp. balcão	3	6,0	6,0
Emp. mesa	4	8,0	14,0
Emp. hotel	2	4,0	18,0
Emp. limpeza	13	26,0	44,0
Supermercado	1	2,0	46,0
Não lembro	1	2,0	48,0
Ajud. cozinha	4	8,0	56,0
Loja de alumínios	1	2,0	58,0
Doméstica	1	2,0	60,0
Lavandaria	1	2,0	62,0
Distribuição publicidade	1	2,0	64,0

Rally Dakar	1	2,0	66,0
Promotora	1	2,0	68,0
Motorista	1	2,0	70,0
cabeleireira	1	2,0	72,0
Copeira	2	4,0	76,0
Ajudante de motorista	1	2,0	78,0
Ajudante de obras	2	4,0	82,0
Pedreiro	1	2,0	84,0
Loja	1	2,0	86,0
Costureira	1	2,0	88,0
Aux. escritório	1	2,0	90,0
Pinturas civil	1	2,0	92,0
NS/NR	4	8,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente ao primeiro trabalho desempenhado em Portugal, treze inquiridos referem que foi nas limpezas (26%), seguido de empregado de mesa e ajudante de cozinha com quatro indivíduos cada (8%), empregada/o de balcão com três indivíduos (6%), serviço de copa com 2 (4%), serviços ligados à construção civil, como ajudante de obras (4%), motoristas (2%), pedreiro (2%), sendo as restantes profissões desempenhadas em várias vertentes como explicitado na tabela.

Na tabela 16. apresentaremos os dados que dizem respeito à questão estava de acordo com as habilitações que possuía.

Tabela 16. Estava de acordo com as habilitações que possuía

Estava de acordo com as habilitações que possuía?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	18	36,0	36,0
Não	26	52,0	88,0
NS/NR	6	12,0	100,0
Total	50	100,0	

No que concerne à variável se o trabalho que arranjou estava de acordo com as habilitações literárias que possuía, dezoito inquiridos responderam que sim, vinte e seis responderam que não e seis não sabem ou não respondem.

6.1.5. Integração, redes familiares e de amizade

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos no que diz respeito a Integração, redes familiares e de amizade da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito às dificuldades sentidas em Portugal - Gráfico 6.

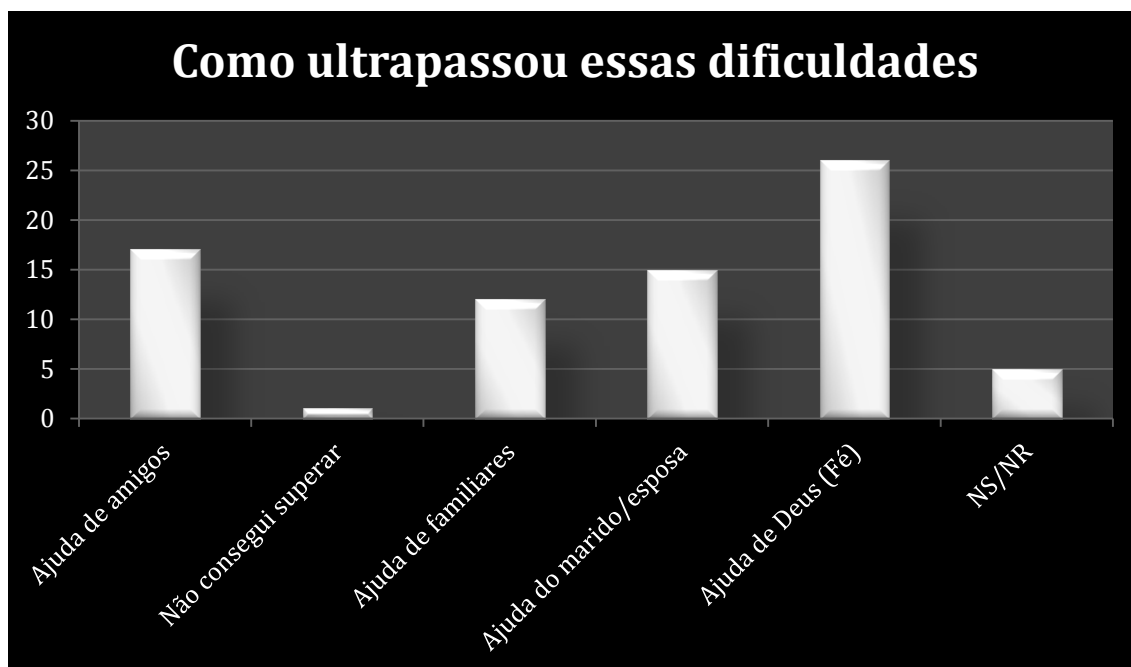
Gráfico 6. Dificuldades sentidas em Portugal



Relativamente às dificuldades sentidas em Portugal, e tendo em conta que cada inquirido poderia referir todas aquelas que havia sentido, salienta-se que a maioria dos inquiridos referiu as saudades da família, seguida da discriminação, e a dificuldade de arranjar emprego no país de acolhimento. O isolamento é outro factor apontado pelos imigrantes, bem como a doença.

No Gráfico 7. apresentaremos os dados relativos à forma como ultrapassaram essas dificuldades.

Gráfico 7. Como ultrapassou essas dificuldades



Tendo em conta as dificuldades apresentadas, foram questionados como conseguiram ultrapassá-las, sendo que a ajuda de Deus (Fé) foi a mais referida, seguida de ajuda da esposa/o, bem como a ajuda de amigos e familiares e houve ainda quem referisse que não conseguiu ultrapassar essas dificuldades.

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à questão considera-se integrado – Tabela 17

Tabela 17. Considera-se integrado

Considera-se integrado	Frequência	%	% Acumulada
Sim	39	78,0	78,0
Não	9	18,0	96,0
NS/NR	2	4,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto à questão se se consideram integrados, trinta e nove dos inquiridos afirma que sim, nove salienta que não e dois inquiridos não sabem ou não respondem.

Em que situações se considera integrado

No que diz respeito à resposta à questão em que situações se considera integrado, foram contempladas na dimensão redes, na categoria integração e dividida em quatro subcategorias: laboral, profissional e pessoal, pessoal e global, conforme o quadro apresentado.

Quadro 16. Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Integração	Laboral	6
	Profissional e pessoal	1
	Pessoal	12
	Global	13

As respostas dos inquiridos foram divididas nas quatro subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas em onze unidades de registo: trabalho (6), ambos (1), família (2), amigos (4), ambos (3), diferenças (2), liberdade (1), tudo (10), locais (1), serviços (1), eventos (1), respectivamente.

Em que situações não se considera integrado?

No que diz respeito à resposta à questão em que situações não se considera integrado, foram contempladas na dimensão redes, na categoria não integração e dividida em três subcategorias: laboral, pessoal e global, conforme o quadro apresentado.

Quadro 17. Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Não Integração	Laboral	5
	Pessoal	3
	Global	8

As respostas dos inquiridos foram divididas nas três subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: trabalho (4),

oportunidades (1), família (1), amigos (1), convivência (1), tudo (1), discriminação (3), serviços (1), documentos (2) e clima (1), respectivamente.

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão o que já fez para se integrar – Tabela 18.

Tabela 18. O que já fez para se integrar

O que já fez para se integrar	Frequência	%	% Acumulada
Participar activamente na comunidade de acolhimento	5	10,0	10,0
Nada	3	6,0	16,0
Novas amizades	35	70,0	86,0
Outra	4	8,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

Trinta e cinco dos inquiridos referem que para se integrar no país de acolhimento a primeira medida que tomaram foi construir novas amizades, cinco consideram que participar activamente na comunidade poderá fazê-los integrar mais facilmente, três referem que não fizeram nada, dois consideram que tratar da legalização os poderá favorecer, um salienta que trabalhar é a melhor forma de integrar, um menciona que a amizade com portugueses poderá facilitar e três não sabem ou não respondem à questão.

No que se refere à resposta outra, foram contempladas na dimensão redes, na categoria O que já fez para se integrar e dividida em duas subcategorias: laboral e pessoal, conforme o quadro apresentado.

Quadro 18. Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
O que já fez para se integrar	Laboral	3
	Pessoal	1

As respostas dos inquiridos foram divididas em duas subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: trabalho (1), documentos (2) e amizade (1).

Na tabela 19. apresentaremos os dados que se referem à questão já tinha amigos/família em Albufeira.

Tabela 19. Já tinha amigos/família em Albufeira

Já tinha amigos/família em Albufeira?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	29	58,0	58,0
Não	21	42,0	100,0
Total	50	100,0	

Colocou-se a questão se já tinha amigos/família em Albufeira aos inquiridos, dos quais 58% afirmaram positivamente, enquanto 42% referem que não, não tinham qualquer rede de suporte familiar ou de amizade nesta cidade.

Prestaram-lhe apoio, em que medida?

No que diz respeito à resposta à questão Prestaram-lhe apoio, em que medida?, foram contempladas na dimensão rede amigos, na categoria Apoio dos Amigos em Albufeira, em que medida? e dividida em cinco subcategorias: logístico, laboral, diversos, emocional e financeiro de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 19. Rede Amigos: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategorias	Frequência
Apoio dos Amigos em Albufeira, em que medida?	Logístico	6
	Laboral	1
	Diversos	12
	Emocional	3
	Financeiro	1

As respostas dos inquiridos foram divididas em cinco subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: alojamento (6), trabalho (1), ambos (4) necessidades básicas (1), habitação/alimentação (1), tudo (3), contactos (3), afectivo (3) e económico (1).

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão quem o ajudou na integração – Tabela 20.

Tabela 20. Quem o ajudou na integração

Quem o ajudou na integração	Frequência	%	% Acumulada
Portugueses	9	18,0	18,0
Conterrâneos	9	18,0	36,0
Ambos	27	54,0	90,0
Ninguém	1	2,0	92,0
Esposa	1	2,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere a quem ajudou os imigrantes na sua integração, os mesmos salientam que quer portugueses quer conterrâneos terão contribuído, com 54%. 18% mencionam que foram os portugueses a contribuir para a sua integração, enquanto que 18% referem que foram conterrâneos, já 2% referem que foi a esposa e 6% não sabem ou não respondem.

Seguidamente apresentaremos os dados que se referem à questão o facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribuiu para a sua integração – Tabela 21.

Tabela 21. O facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribuiu para a sua integração

Familiares/amigos em Albufeira contribuíram para a integração?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	30	60,0	60,0
Não	12	24,0	84,0
NS/NR	8	16,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos 60% afirma que o facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribuiu para a sua integração, por outro lado 24% refere que não, e 16% não sabem ou não respondem à questão apresentada.

Se sim, em que medida?

Quando colocada a questão se o facto de se encontrarem familiares/amigos em albufeira contribuiu para a sua integração, se sim, em que medida?, foram integradas na dimensão redes, na categoria Apoio dos Amigos em Albufeira, em que medida? e dividida em cinco subcategorias: laboral, bem estar, logística, apoio e conhecimento, de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 20. Rede Amigos: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategorias	Frequência
Apoio dos Amigos em Albufeira, em que medida?	Laboral	3
	Bem estar	3
	Logística	4
	Apoio	8
	Conhecimento	3

De acordo com as respostas dos inquiridos foram divididas em cinco subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: Trabalho (3), convívio (3), alojamento (2), alojamento e trabalho (2), apoio emocional (8), diversos 1 e cultura 2.

Se não, porquê?

Quando colocada a questão se o facto de se encontrarem familiares/amigos em albufeira contribuiu para a sua integração, se não, porquê?, foram integradas na dimensão redes, na categoria Inexistência de amigos em Albufeira e dividida em três subcategorias: solidão, Desmotivada e Autónomo, tal como se apresenta no quadro seguinte.

Quadro 21. Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategorias	Frequência
Inexistência de amigos em Albufeira	Solidão	10
	Desmotivada	2
	Autónomo	1

Com base nas respostas dos inquiridos, foram divididas em três subcategorias apresentadas no quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: isolamento (10), desilusão (2) e independência (2).

Seguidamente apresentaremos os dados que se referem à questão a sua rede de amigos é proveniente do Brasil – Tabela 22.

Tabela 22. A sua rede de amigos é proveniente do Brasil?

A rede de amigos é proveniente do Brasil?	Frequência	%	% Acumulada
Na totalidade	4	8,0	8,0
Na maioria	34	68,0	76,0
Outra	9	18,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente à rede de amigos, 68% refere que a maioria dos amigos é proveniente do Brasil, 8% são na totalidade brasileiros, 18% responde outra.

No que diz respeito à hipótese outra, as respostas foram integradas na dimensão redes, na categoria Rede amigos e numa subcategoria: proveniência, de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 22. Redes: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Rede Amigos	Proveniência	3
		3
		3

Com base nas respostas dos inquiridos, foram divididas numa subcategoria, de acordo com o quadro anterior, distribuídas nas seguintes unidades de registo: equilibrado (3), nacionais (3) e Brasil (3).

De seguida apresentaremos os dados que se referem à questão como promove o contacto com os indivíduos da mesma nacionalidade – Gráfico 8.

Gráfico 8. Como promove o contacto com os indivíduos da mesma nacionalidade



No que concerne à questão como promove o contacto com indivíduos da mesma nacionalidade, como se pode comprovar pelo gráfico apresentado o uso da internet representa a forma mais usual de contacto, seguido do telefone. O contacto pessoal também é uma das formas mais representativas de contactar os conterrâneos, a correspondência fica então em último lugar na forma de os contactar.

6.1.6. Dinâmicas familiares

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos relativamente às Dinâmicas familiares da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito à manutenção das mesmas tradições que tinha no país de origem - Tabela 23.

Tabela 23. Mantém as mesmas tradições que tinha no país de origem?

Mantém as tradições que tinha no país de origem?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	15	30,0	30,0
Não	33	66,0	96,0
NS/NR	2	4,0	100,0
Total	50	100,0	

No que respeita à tradições 66% dos inquiridos afirma não manter as tradições do país de origem, por outro lado 30% salienta que mantém essas tradições.

Apresentaremos de seguida os dados que dizem respeito à questão com quem partilha essas tradições - Tabela 24.

Tabela 24. Com quem partilha essas tradições?

Com quem partilha essas tradições	Frequência	%	% Acumulada
Compatriotas	2	4,0	4,0
Portugueses	2	4,0	8,0
Ambos	8	16,0	24,0
Filha e neta	1	2,0	26,0
Angolanos	1	2,0	28,0
Amigos	1	2,0	30,0
Não se aplica	33	64,0	94,0
NS/NR	2	6,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente à partilha das tradições, a maioria dos respondentes referem que com ambos, quer portugueses quer brasileiros, já 4% refere que com compatriotas, e 4% com

portugueses, 2% referem que só com a neta e filha, 2% referem ainda que com indivíduos provenientes de Angola e 2% com amigos.

Manter essas tradições facilita ou prejudica a sua integração, porquê?

No que diz respeito à questão Manter essas tradições facilita ou prejudica a sua integração, porquê?, as respostas foram integradas na dimensão dinâmicas familiares, na categoria tradições facilitam a integração e em duas subcategorias: Positivo e Desconhecimento de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 23. Dinâmicas familiares: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Tradições facilitam a integração	Positivo	10
	Desconhecimento	1

Assim, as respostas dos inquiridos foram divididas em duas subcategorias, que se traduziram nas seguintes unidades de registo: facilitam (10) e indecisão (1).

6.1.7. Comunicação com o país de origem

Neste ponto iremos apresentar os resultados obtidos relativamente à Comunicação com o país de origem da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito à questão tem família a residir no Brasil - Tabela 25.

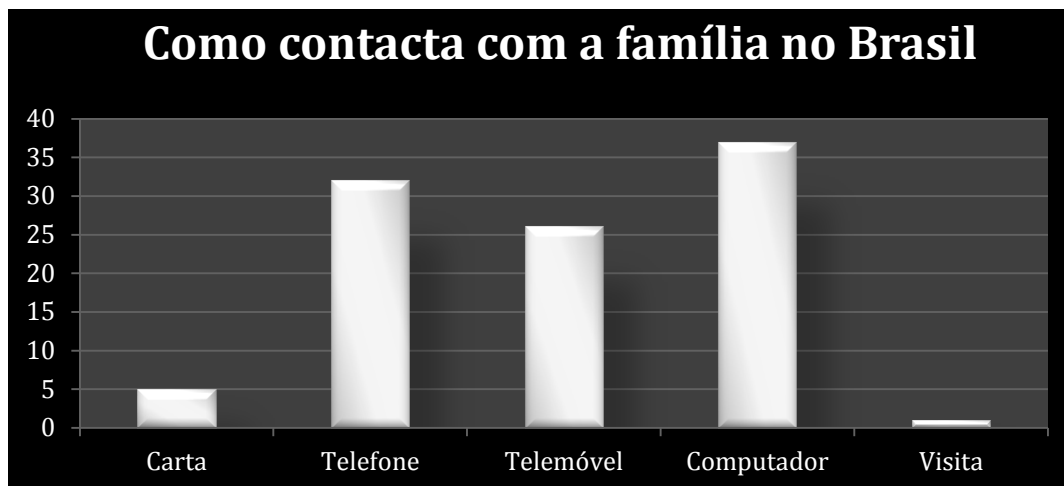
Tabela 25. Tem família a residir no Brasil?

Tem família a residir no Brasil	Frequência	%	% Acumulada
Sim	50	100,0	100,0
Total	50	100,0	

A totalidade dos inquiridos tem família no Brasil.

De seguida apresentaremos os dados relativos à questão como contacta com a família no Brasil – Gráfico 9.

Gráfico 9. Como contacta com a família no Brasil?



Assim, tendo por base o gráfico apresentado e considerando que cada indivíduo pode utilizar várias formas de contacto com a família no Brasil é de referir que trinta e sete indivíduos utiliza o computador para o fazer, seguido de trinta e dois que utiliza o telefone, vinte e seis que utiliza o telemóvel, cinco utilizam carta e um usualmente faz visita.

Porquê a escolha desse meio de comunicação?

No que concerne à questão Porquê a escolha desse meio de comunicação, as respostas foram integradas na dimensão comunicação país de origem, na categoria meios de comunicação e em oito subcategorias: financeiro, celeridade, facilidade/practicidade, celeridade/custo, celeridade/facilidade, emocional, limitações e usual, como se pode verificar no quadro seguinte.

Quadro 24. Comunicação país de origem: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Meios de comunicação	Financeiro	12
	Celeridade	2
	Facilidade/practicidade	12
	Celeridade/custo	5
	Celeridade/Facilidade	4
	Emocional	2
	Limitações	5
	usual	1

Assim, as respostas dos inquiridos foram divididas em oito subcategorias, que se traduziram nas seguintes unidades de registo: baratos (12), rápido (2), fácil (12), rapidez/barato (5), rapidez/facilidade (4), falar/carinho (2), único (5) e usados (1).

Quais as vantagens?

Relativamente à questão quais as vantagens de utilizar esses meios de comunicação, as respostas dos inquiridos foram agrupadas na dimensão comunicação país de origem, na categoria vantagens dos meios de comunicação e em sete subcategorias: financeiro, celeridade, ambos, facilidade, emocional, todas e conhecimento, como se pode constatar no quadro que a seguir se apresenta.

Quadro 25. Dinâmicas familiares: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Vantagens dos meios de comunicação	Financeiro	12
	Celeridade	2
	Ambos	7
	Facilidade	2
	Emocional	13
	Conhecimento	1
	Todas	1

Com base nas respostas foram criadas as seguintes unidades de registo: baratos (12), rápido (2), preço/rapidez (7), comodidade (2), família (13) e todas 1.

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à regularidade com que comunica com a família - Tabela 26.

Tabela 26. Com que regularidade comunica com a família

Com que regularidade comunica com a família	Frequência	%	% Acumulada
Diariamente	9	18,0	18,0
Semanalmente	20	40,0	58,0
Quinzenalmente	12	24,0	82,0
Mensalmente	8	16,0	98,0
Fins de semana	1	2,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto à regularidade com que comunica com a família, vinte inquiridos fá-lo semanalmente, doze quinzenalmente, nove diariamente, oito mensalmente e um aos fins de semana.

Na Tabela 27. apresentaremos os dados que dizem respeito à questão considera essa comunicação fundamental para a sua integração.

Tabela 27. Considera essa comunicação fundamental para a sua integração?

Considera essa comunicação fundamental para a sua integração em Portugal?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	40	80,0	80,0
Não	9	18,0	98,0
NS/NR	1	2,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos quarenta consideram que comunicar com a família contribui para a sua integração, enquanto nove considera que não e um não sabe ou não responde.

Porquê?

Quanto à questão porque considera essa comunicação fundamental para a sua integração, as respostas foram agrupadas na dimensão comunicação com o país de origem, categoria comunicação como forma de integração e dividida em três subcategorias: emocional, conhecimento e integração.

Quadro 26. Comunicação com o país de origem: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Comunicação como forma de integração	Emocional	19
	Conhecimento	5
	Integração	2

As respostas dos inquiridos deram origem às seguintes unidades de registo: família (6), saudade (8), apoio (5), informacional (5), naturalidade (1), indiferente (1).

Os dados apresentados no Gráfico 10. dizem respeito à questão o que costuma fazer para manter a ligação com o país de origem.

Gráfico 10. O que costuma fazer para manter a ligação com o país de origem?



Quando questionados quanto ao que costumam fazer para manter a ligação com o país de origem, a maioria dos inquiridos afirma telefonar, seguido de ver fotos, reunir com amigos da mesma nacionalidade, ir ao país de origem, falar com os familiares, utilizar o email, facebook, MSN e Ourkut, um dos inquiridos afirmou ainda não fazer muito para manter essa ligação.

6.1.8. Novas tecnologias

Seguidamente iremos apresentar os resultados obtidos relativamente às Novas tecnologias. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito à questão tem computador próprio - Tabela 28.

Tabela 28. Tem computador próprio?

Tem computador próprio?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	37	74,0	74,0
Não	13	26,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere à questão se tem computador próprio, 74% dos inquiridos responde afirmativamente, enquanto 26% refere que não.

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à questão qual o local que acede ao computador - Tabela 29.

Tabela 29. Qual o local que acede ao computador?

Qual o local que acede ao computador	Frequência	%	% Acumulada
Biblioteca	5	10,0	10,0
Local de trabalho	1	2,0	12,0
Em casa de amigos	5	10,0	22,0
Cybercafé	1	2,0	24,0
Em casa	17	34,0	58,0
Em nenhum	1	2,0	60,0
Não se aplica	17	34,0	94,0
NS/NR	3	6,0	100,0
Total	50	100,0	

No que concerne ao local de utilização do computador dezassete indivíduos mencionam que o fazem em casa, cinco na biblioteca, cinco salientam que o fazem na casa de amigos, um no local de trabalho, um no cybercafé e outro refere ainda que não utiliza o computador em nenhum local.

Seguidamente os dados apresentaremos os dados que dizem respeito à questão utiliza o computador com regularidade - Tabela 23.

Tabela 30. Utiliza o computador com regularidade?

Utiliza o computador com regularidade?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	32	64,0	64,0
Não	16	32,0	96,0
NS/NR	2	4,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto à regularidade de utilização do computador 64% afirma que o faz regularmente, enquanto que 32% afirma que não e 4% não sabem ou não responde à questão colocada.

Na Tabela 31. os dados apresentados referem-se à questão o computador que utiliza tem acesso à internet.

Tabela 31. O computador que utiliza tem acesso à internet?

O computador que utiliza tem acesso à internet?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	45	90,0	90,0
Não	1	2,0	92,0
NS/NR	4	8,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto à questão se o computador que utiliza tem acesso à internet, 90% diz que sim, 2% refere que não e 8% não sabem ou não respondem.

Apresentaremos de seguida os dados que dizem respeito à questão a internet que utiliza é - Tabela 32.

Tabela 32. A internet que utiliza é?

A internet que utiliza é?	Frequência	%	% Acumulada
Wireless (MEO/ZON)	30	60,0	60,0
Placa banda larga (TMN/Kanguru/Vodafone)	3	6,0	66,0
ADSL	5	10,0	76,0
Desconhece	5	10,0	86,0
NS/NR	7	14,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos 60% referem que a internet que utilizam é a wireless (MEO/ZON), 10% a ADSL, 10% desconhece o tipo de internet, 6% utiliza placa banda larga e 14% não sabem ou não respondem.

De seguida apresentaremos os dados que referentes à questão com que regularidade utiliza a internet - Tabela 33.

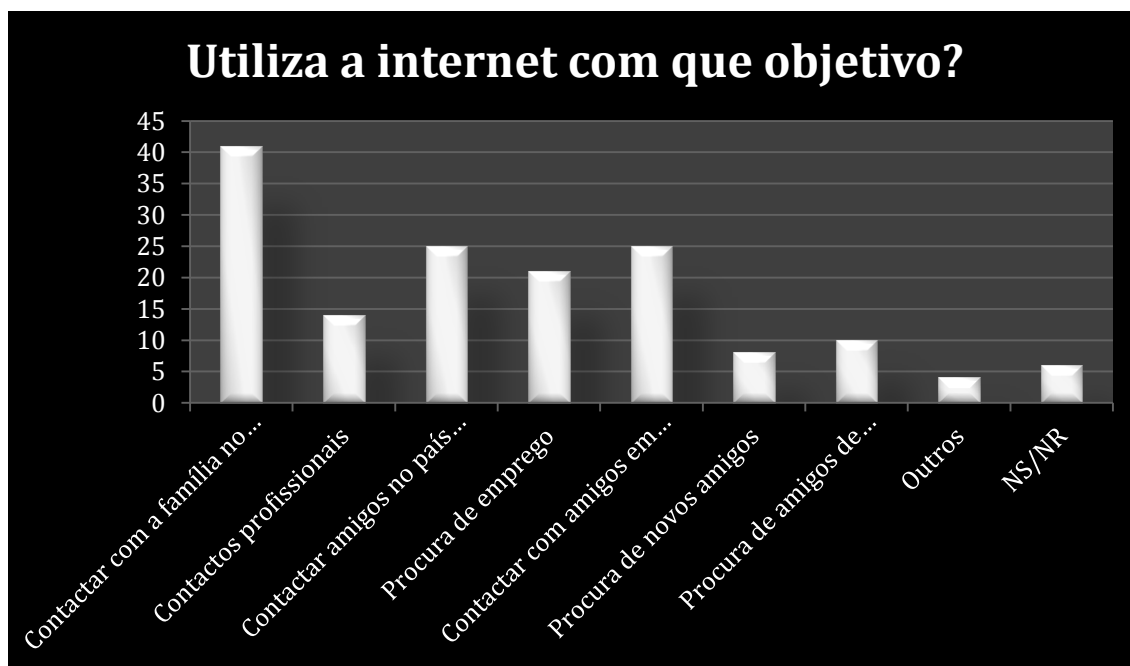
Tabela 33. Com que regularidade utiliza a internet?

Com que regularidade utiliza a internet?	Frequência	%	% Acumulada
Diariamente	28	56,0	56,0
Semanalmente	5	10,0	66,0
Quinzenalmente	2	4,0	70,0
Mensalmente	9	18,0	88,0
Quando tenho tempo	1	2,0	90,0
Às vezes	1	2,0	92,0
NS/NR	4	8,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere à regularidade de utilização da internet vinte e oito salientam que é diariamente, nove mensalmente, cinco semanalmente, dois quinzenalmente, um quando tem tempo, um às vezes e quatro não sabem ou não respondem.

Apresentaremos de seguida os dados que dizem respeito ao objectivo com que utiliza a internet – Gráfico 11.

Gráfico 11. Utiliza a internet com que objectivo?



Quanto aos objectivos de utilização da internet, e tendo em conta a resposta outros, foi criada a dimensão novas tecnologias, a categoria utilização da internet e a subcategoria informação, como se pode verificar pelo quadro que a seguir se apresenta.

Quadro 27. Novas tecnologias: Categoria, subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Utilização da Internet	Informação	4

Desta forma, e com base nas respostas dos inquiridos foi criada a seguinte unidade de registo: pesquisa (4).

No Gráfico 12. apresentaremos os dados que dizem respeito ao programa que utiliza para comunicar com a família/amigos no país de origem.

Gráfico 12. Qual o programa que utiliza para comunicar com a família/amigos no país de origem?



No que diz respeito ao programa utilizado para comunicar com a família/amigos, é de referir que o email é utilizado por vinte e oito indivíduos, bem como o orkut, MSN por

vinte e seis indivíduos, o skype por onze, o facebook por oito, sendo que oito indivíduos não sabem ou não respondem à questão.

Seguidamente apresentaremos os dados que dizem respeito à questão utiliza as redes sociais – Tabela 34.

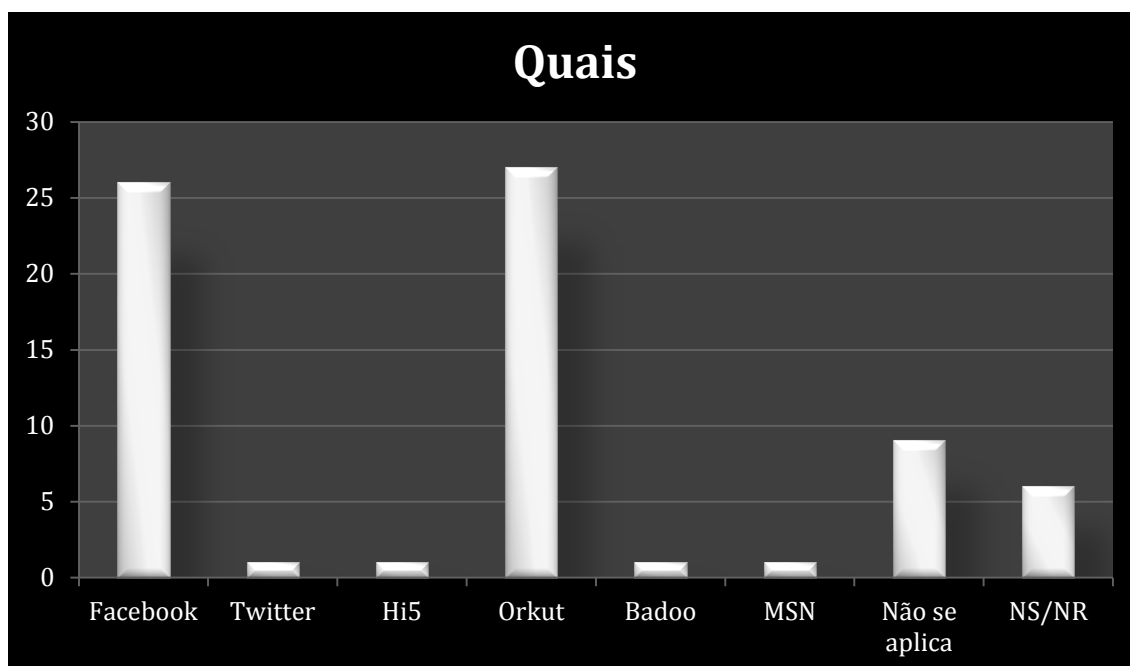
Tabela 34. Utiliza as redes sociais?

Utiliza as Redes Sociais?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	35	70,0	70,0
Não	9	18,0	88,0
NS/NR	6	12,0	100,0
Total	50	100,0	

Quanto às redes sociais, 70% afirma utilizá-las, enquanto 18% salienta que não, já 12% não sabem ou não respondem.

No Gráfico 13. apresentaremos os dados que dizem respeito à questão quais.

Gráfico 13. Quais?



Quando questionados quais as redes sociais que utilizam, vinte e sete utilizam o orkut, vinte e seis utilizam o facebook, twitter, hi5, badoo e msn é utilizado por um indivíduo. Nove não se aplicam e seis não sabem ou não respondem.

Com que objectivo?

No que concerne à questão utiliza as redes sociais com que objectivo e com base nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão novas tecnologias, na categoria objectivo das redes sociais e em três subcategorias como se pode constatar pelo seguinte quadro.

Quadro 28. Novas tecnologias: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Objectivo das Redes Sociais	Comunicação	17
	Convívio	1
	Proximidade	9

Assim, e com base nas respostas dos inquiridos foram criadas as seguinte unidade de registo: contactos (17), conviver (1) e saudade (9).

6.1.9. TIC versus integração

Neste último ponto iremos apresentar os resultados obtidos relativamente às TIC versus integração da nossa amostra. Começaremos por apresentar os dados que dizem respeito à questão as TIC contribuem para a sua integração em Portugal - Tabela 35.

Seguidamente apresentaremos os dados que dizem respeito à questão As TIC contribuem para a sua integração em Portugal - Tabela 35.

Tabela 35. As TIC contribuem para a sua integração em Portugal?

As TIC contribuem para a sua integração em Portugal?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	38	76,0	76,0
Não	6	12,0	88,0
NS/NR	6	12,0	100,0
Total	50	100,0	

Relativamente à questão colocada, se as TIC contribuem para a integração em Portugal, 76% responde que sim, 12% que não, 12% não sabem ou não respondem.

Porquê?

No que concerne à questão porquê? e com base nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão contribuição das TIC, em duas categorias: integração e emocional e em três subcategorias como se pode constatar pelo seguinte quadro.

Quadro 29. Contribuição das TIC: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Integração	Comunicação	13
Emocional	Motivação	8
	Modernidade	3

Desta forma, e com base nas respostas dos inquiridos foram criada quatro unidades de registo: informação (9), comunicação (4), bem estar (8) e tecnologia (3).

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à questão O acesso às TIC e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional – Tabela 36.

Tabela 36. O acesso às TIC e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional?

Acesso às TIC e poder contactar a família no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional	Frequência	%	% Acumulada
Sim	42	84,0	84,0
Não	2	4,0	88,0
NS/NR	6	12,0	100,0
Total	50	100,0	

No que se refere a esta questão, quarenta e dois inquiridos salientam que sim, o acesso às TIC e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu

bem estar psicológico e emocional, 2 indivíduos consideram que não e seis não sabem ou não respondem.

Porquê?

No que concerne a esta questão e com base nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão contribuição das TIC, na categoria bem estar psicológico e emocional e em duas subcategorias como se pode constatar pelo seguinte quadro.

Quadro 30. Contribuição das TIC: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Bem estar psicológico e emocional	Proximidade	18
	Ligação	12

Desta forma, e com base nas respostas dos inquiridos fora, criadas as seguintes unidade de registo: saudade (8), tranquilidade ou apoio (10), sentimento (4), comunicação (8),

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à questão que tipo de notícias pesquisa na internet – Tabela 36

Tabela 37. Que tipo de notícias pesquisa na internet?

Que tipo de notícias pesquisa na net?	Frequência	%	% Acumulada
Sobre o Brasil	7	14,0	14,0
Sobre ambos	35	70,0	84,0
Não há tempo	1	2,0	86,0
Sobre o mundo	1	2,0	88,0
Qualquer coisa que precise	1	2,0	90,0
NS/NR	5	10,0	100,0
Total	50	100,0	

No que concerne ao tipo de notícias pesquisadas na internet, 70% afirma que é sobre ambos os países, 14% sobre o Brasil, 2% sobre o mundo, 2% afirma não ter tempo para pesquisar, 2% sobre qualquer assunto que necessite e cinco não sabem ou não respondem.

De seguida apresentaremos os dados que dizem respeito à questão considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal – Tabela 36

Tabela 38. Considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal?

Considera que a obtenção dessa informação a podem ajudar na sua integração?	Frequência	%	% Acumulada
Sim	37	74,0	74,0
Não	4	8,0	82,0
NS/NR	9	18,0	100,0
Total	50	100,0	

Dos inquiridos 74% refere que sim, a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal já 8% afirma que não e 18% não sabem ou não respondem.

Porquê?

No que diz respeito à questão e baseado nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão comunicação com o país de origem, na categoria informação como forma de integração e em três subcategorias como se pode constatar pelo seguinte quadro.

Quadro 31. Comunicação com o país de origem: Categoria, Subcategoria e Frequência

Categoria	Subcategoria	Frequência
Informação como forma de integração	Conhecimento	18
	Realidade	1
	Sentimento	4

Desta forma, e com base nas respostas dos inquiridos foram criadas as seguintes unidade de registo: informação (18), diferenças (1), partilha (3) e interacção 1.

CAPITULO VII - Discussão dos resultados e conclusões

7.1 Discussão dos resultados

No capítulo VII iremos sistematizar a informação recolhida com a aplicação do Inquérito por Questionário, a 50 indivíduos oriundos do Brasil, bem como interpretá-la com base no referencial teórico dos diferentes autores, que até ao momento se tem debruçado sobre esta problemática e que deu suporte a este estudo

Assim, Para este estudo formularam-se os seguintes objectivos que foram orientadores do trabalho empírico:

- Procurar construir uma caracterização pessoal, profissional e académica dos inquiridos da amostra, bem como a utilização das novas tecnologias para comunicação com a comunidade de origem;
- Compreender se o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família migrante, na sociedade de acolhimento;
- Avaliar se a utilização das TIC contribuem para a integração dos imigrantes no país de acolhimento;
- Analisar se as TIC contribuem para o bem estar psicológico e emocional dos migrantes;
- Verificar quais os meios de comunicação mais utilizados pelos migrantes para comunicar com a comunidade de origem;
- Identificar a frequência de utilização das novas tecnologias;

Tendo em conta os objectivos acima referidos, formulámos quatro questões de investigação às quais pretendemos dar resposta ao longo deste estudo baseado nos resultados obtidos com a aplicação dos inquéritos por questionário.

- *Em que medida as TIC poderão contribuir para a integração dos migrantes;*
- *Em que medida o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família migrante, na sociedade de acolhimento;*

- *Em que medida o acesso às TIC pode contribuir como uma rede social de apoio e assim para a integração da população migrante;*
- *Em que medida as TIC podem contribuir para o bem estar psicológico e emocional dos migrantes;*

Assim, para dar resposta às nossas questões de investigação utilizámos um inquérito por questionário, constituído por dez blocos, totalizando 74 questões, sendo dirigido a indivíduos oriundos do Brasil, tendo sido aplicado a 50 indivíduos.

Assim, no que concerne à caracterização dos inquiridos da amostra podemos constatar que 70% a dos nossos inquiridos se situam na faixa etária entre os 18 anos e os 40 anos, os mesmos encontram-se em idade activa, que migraram para o nosso país com o objectivo de em Portugal desempenhar a sua actividade laboral. Tendo em conta a situação em que se encontrava o Brasil, em que foi considerada pelos analistas como sendo uma década perdida, “em que a recessão económica reduziu a oferta de emprego e estimulou muitos jovens a procurarem oportunidades de trabalho em economias que lhes pudessem oferecer melhores condições de vida” (Barreto, 2009, p.264), muitos foram os que abandonaram o seu país de origem em busca de novas oportunidades. Como salienta Malheiros (2007) tornou-se “ num fluxo significativo de imigrantes laborais, nos fins dos anos 90 e princípios do século XXI” (p.16).

Assim, seguindo a mesma linha de pensamento Castels (2005) defende que as migrações tornaram-se mais comuns “ à medida que as pessoas se movem em busca de segurança e de melhores condições de vida: das aldeias para as cidades, de uma região para outra dentro do seu próprio país, ou entre países e continentes” (P. 15).

Quanto às habilitações literárias, os inquiridos não apresentam elevadas qualificações, pelo que se pode concluir que de facto os indivíduos que vieram para Portugal na segunda vaga de imigração (que terá iniciado nos finais dos anos 90) terão menos habilitações literárias, do que os que o fizeram na primeira vaga, como afirma Rocha-Trindade (2004) “no caso dos naturais do Brasil, cujas últimas levas de imigrantes possuem qualificações muito inferiores às dos que os precederam” (p.177). Dos

inquiridos somente cinco tem licenciatura, vinte e três o segundo grau, dezanove o 1º grau e três sem escolaridade.

Quando questionados se continuaram os estudos em Portugal, quarenta e dois salientaram que não, e os motivos apresentados são nomeadamente falta de tempo, oportunidades, a falta de documentação e porque a real motivação pela qual vieram para Portugal se prende essencialmente com vir trabalhar. De salientar algumas citações dos inquiridos “*Não tenho tempo*”, “*Falta oportunidades e informação*”, “*Tratar da legalização em primeiro*”, “*Vim pensando unicamente em trabalhar*” e “*Talvez porque até aqui, os trabalhos desempenhados não o exige*”.

Apesar de as habilitações dos inquiridos não serem muito elevadas, referem que as profissões que desempenham não estão de acordo com as habilitações que possuem, ou seja, aquando da sua chegada sujeitaram-se a trabalhar no que havia sem grande possibilidade de escolha. Como defende Bógus (2007) “...mas os imigrantes sujeitam-se a qualquer tipo de trabalho, na esperança de obter melhores colocações em momento posterior” (p.40).

Malheiros (2007) afirma que “as formas de inserção profissional registam alterações mais significativas, revelando tendências para uma maior inserção em segmentos do mercado de trabalho menos qualificados” (p. 22), assim tendo em conta o nosso estudo, verifica-se que as profissões desempenhadas, na sua maioria estão relacionadas com a hotelaria e restauração, nomeadamente: empregada de limpeza, empregada de mesa, empregada de balcão, ajudante de cozinha, seguido de actividades relacionadas com a construção civil: pintura, ajudante de obras, motorista, ajudante motorista, pedreiro e uma minoria ligada aos serviços. Fonseca (2004) reforça ainda, salientando que os indivíduos possuem “baixos níveis de qualificação escolar e profissional...” (p. 121). Assim, corroborando com a opinião de Baganha, Ferrão e Malheiros (1999) os estrangeiros não qualificados permitem dar resposta aos sectores de construção civil e dos serviços de limpeza doméstica e industrial.

Quanto à formação profissional, a que detém actualmente é muito similar à que tinham aquando da sua chegada a Portugal, não se notando um investimento na obtenção de mais qualificações através de formação profissional. Ou seja, consideram que os conhecimentos que tem são suficientes para desempenhar as suas funções laborais, não sentindo a necessidade de aprofundar conhecimentos. O que vai ao encontro do

entendimento de Carneiro, Cristóvão, Machado, Malheiros e Peixoto (2007) “os imigrantes brasileiros caracterizam-se por uma ausência genérica de especialização profissional...” (p. 195).

Relativamente à questão laboral somente onze indivíduos tinham trabalho aquando da sua chegada a Portugal, sendo que quem lhes havia arranjado o mesmo foram familiares e amigos que já se encontravam no nosso país, ou então amigos portugueses.

Nesta amostra predomina o género feminino, com 74% dos inquiridos, apesar de segundo a Casa do Brasil referir que nesta segunda vaga de imigração oriunda do Brasil, não existe uma diferença acentuada no que diz respeito ao género, ou seja vieram para Portugal tanto mulheres como homens.

No entanto, Malheiros (2007) não partilha da mesma opinião, salientando que houve uma “progressiva feminização da imigração brasileira para Portugal, que regista a mais elevada proporção de mulheres de todos os grandes grupos de imigrantes...” (p.28).

Relativamente à empregabilidade, metade dos nossos inquiridos (50%) encontram-se empregados, quanto aos agregados familiares de salientar que tem maior representatividade os que são compostos por dois e três elementos, refere-se ainda que a maioria (90%) revela que a vinda para Portugal, foi a sua primeira experiência de emigração.

No que diz respeito ao ano de chegada a Portugal, verifica-se que a maioria dos inquiridos o fez a partir do ano 2000, mantendo-se a entrada de imigrantes até ao ano de 2012, contudo, com especial incidência no ano de 2001, 2002, 2004, 2007 e 2010. A afluência de imigrantes oriundos do Brasil, ocorreu com o processo extraordinário de legalização que sucedeu nos anos 2001 e 2002, de acordo com Rocha-Trindade (2004).

Tendo em conta os dados do SEF, a comunidade brasileira tem vindo nos últimos anos a aumentar exponencialmente no nosso país, sendo que desde o ano de 2007 é a comunidade com mais representatividade no nosso país, como afirma Malheiros (2007) “Os brasileiros transformaram-se no maior grupo formal e contabilizado de estrangeiros em Portugal” (p.16).

No que diz respeito ao visto obtido para entrar em Portugal, de salientar que grande parte dos inquiridos o fez com visto de turista. Relativamente à situação em quem se encontram actualmente, sensivelmente metade (52%) terá autorização de residência temporária, enquanto 28% tem autorização de residência permanente.

- ***Em que medida o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família migrante, na sociedade de acolhimento;***

Quanto aos motivos da emigração a maioria dos inquiridos salientaram a hipótese obter melhores condições de vida, de referir que na hipótese outra, foram apontadas na subcategoria razões 6 unidades de registo: a questão da reunião familiar, um convite, o clima e o recomeço de vida.

Assim, os indivíduos decidem emigrar para melhorar as suas condições de vida, como salienta Pires (2003) “há migrações porque, dados os desequilíbrios sistémicos intra e inter sociedades, aqueles que vivem em áreas desfavorecidas decidem deslocar-se para áreas mais prósperas com o objectivo de melhorar as suas condições de vida” (p. 65) o mesmo autor defende ainda que o indivíduo “decide migrar sempre que a comparação lhe revela que a permanência representa um custo e a migração um ganho” (p. 66).

No que diz respeito à escolha de Portugal como país de destino, as principais razões apontadas pelos inquiridos foram em primeiro lugar a língua, seguido de família residente, amigos residentes, só depois empregabilidade, cultura e facilidade na regularização. Quanto à hipótese outra foi ainda referenciado na subcategoria escolha do país 4 unidades de registo: suporte, clima e ambiente.

Segundo Carneiro *et al.* (2007) a comunidade brasileira emigra para Portugal “principalmente por conta da facilidade linguística, embora esse não seja o único motivo que os conduz a Portugal” (p. 198), que é reforçada pela opinião de Rocha-Trindade (2004) que afirma que os imigrantes têm “a seu favor a facilidade de comunicação em português...”(p.177). Para Raposo e Togni (2009) o facto de existirem redes, que podem ser familiares, de trabalho, de amizade, são fundamentais para que obtenham apoio, recursos e informações, de modo a que a sua integração no país de

acolhimento seja feita de uma forma gradual e que minimize os impactos das diferenças culturais.

Quando questionados se vieram para Portugal acompanhados, a maioria responde afirmativamente, sendo que se fizeram acompanhar pelos filhos, esposa/o, mãe, pai, sogro e amigos.

De salientar que quem tomou a decisão de emigrar, tinha sido o próprio e foi referido por trinta e três indivíduos, seguido da opção esposo/, mãe e pai. Quanto à hipótese outros obtivemos 5 unidades de registo na subcategoria decisão.

Relativamente à questão se já tinha trabalho quando chegou a Albufeira, 22% dos inquiridos afirma que sim e 76% afirmam que não. Quanto a quem lhe arranhou trabalho, há a salientar de que nove inquiridos responderam que quem os ajudou nessa área foram amigos brasileiros, dois foram amigos portugueses, quatro recorreram a ajuda de familiares já residentes.

No que diz respeito à resposta outros, foram integradas na dimensão mercado de trabalho, na categoria obtenção de trabalho e dividida em duas subcategorias, outro e próprio distribuídas em 3 unidades de registo que se subdividiram em: amigos/as , família e próprio/a.

Assim conclui-se que é de extrema importância para o indivíduo imigrante o suporte familiar e de amigos na sociedade de acolhimento e a forma como os mesmos os podem ajudar.

De acordo com as respostas obtidas dos inquiridos, as situações em que se consideram integrados, é de referir na categoria integração em que se obteve 11 unidades de registo: trabalho (6), ambos (1), família (2), amigos (4), ambos (3), diferenças (2), liberdade (1), tudo (10), locais (1), serviços (1), eventos (1). Sendo que grande parte dos inquiridos considera-se integrado em tudo, seis no trabalho e quatro no que se refere aos amigos.

Na vertente o que já fez para se integrar trinta e cinco indivíduos salientaram que fizeram novas amizades como forma de integração no nosso país. Quanto à hipótese outra temos 2 subcategorias, laboral e pessoal, em que obtivemos 3 unidades de registo, trabalho (1), documentos (2) e amizade (1).

Os inquiridos consideram-se integrados em Portugal, a vários níveis, para se integrarem a maioria dos inquiridos travaram novas amizades, bem como participaram activamente na sociedade, quanto a quem ajudou na integração a maioria respondeu ambos, ou seja portugueses e brasileiros. Como defende Fusco (2001) a migração é um processo criador de redes sociais, pois desenvolve contactos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. De salientar ainda Massey (1987, citado em Fusco 2001) que define rede social nas migrações internacionais como sendo um conjunto de laços sociais que interligam as comunidades de origem a ponto de destinos específicos nas sociedades de acolhimento.

Quando questionados se já tinham amigos e familiares em Portugal, dos cinquenta inquiridos, vinte e nove afirma que sim, quanto ao apoio que os amigos/familiares lhes prestaram o mais referido foi apoio logístico, laboral, diversos, emocional e financeiro. Ou seja os apoios mais verificados prendem-se com a habitação, habitação e trabalho em tudo e a nível afectivo. Quanto a quem os ajudou na integração 54% afirmam que ambos, ou seja quer portugueses quer brasileiros promoveram a integração dos inquiridos.

Desta forma, na opinião de Padilla (2007) “a grande maioria dos Brasileiros usa as redes sociais nas diferentes etapas do projecto migratório” (p.119).

Salienta-se ainda que as redes familiares e de amizade são imprescindíveis para as populações migrantes, de acordo com Machado (1997) existe a probabilidade de ocorrer o processo migratório, caso os eventuais migrantes se encontrem inseridos “em redes de relacionamento interpessoal, que lhes facilitem, por exemplo, o apoio à instalação logo após a chegada e a informação sobre oportunidades de trabalho” (p.23).

Salientam ainda que o facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribuíram para a sua integração, tendo 60% dos inquiridos corroborando positivamente com esta questão.

Podemos verificar que os familiares/amigos que se encontravam em Albufeira contribuíram para a sua integração nas subcategorias laboral, bem estar, logística, apoio e conhecimento, em que obtivemos 7 unidades de registo: Trabalho (3), convívio (3), alojamento (2), alojamento e trabalho (2), apoio emocional (8), diversos 1 e cultura 2. Sendo a mais referida o apoio emocional.

Relativamente à rede de amigos, 68% refere que a maioria dos amigos é proveniente do Brasil, 8% são na totalidade brasileiros, 18% responde outra.

No que diz respeito à hipótese outra, as respostas foram integradas na dimensão redes, na categoria Rede amigos e numa subcategoria: proveniência, distribuídas nas seguintes unidades de registo: equilibrado (3), nacionais (3) e Brasil (3).

Como afirma Soares (2004) “rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais” (p.107).

Quanto à forma de contacto com indivíduos da mesma nacionalidade, a forma mais usual de contacto é a internet, seguido do telefone. O contacto pessoal também é uma das formas mais representativas de contactar os conterrâneos, a correspondência fica então em último lugar na forma de os contactar.

- *Em que medida as TIC podem contribuir para o bem estar psicológico e emocional dos migrantes;*

Quando questionados sobre se o acesso às TIC e poder contactar a família no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional, 84% dos inquiridos respondeu que sim. De modo a perceber-se o porquê disso acontecer e com base nas respostas dos inquiridos foram delineadas as unidades de registo: saudade, tranquilidade ou apoio, sentimento e comunicação.

Assim pode verificar-se que o facto de poder usar as novas tecnologias para comunicar com a família favorece a integração no processo migratório. Uma vez que ajuda a ultrapassar as distâncias e a colmatar a ausência dos entes queridos, a título de exemplo citamos algumas respostas dos inquiridos “Ajuda a “combater” as saudades”, “Apesar de estar aqui há alguns anos, minha família no Brasil é muito importante para mim. não me sinto tão só e tenho o seu apoio”, “Poder ver e ouvir quem está do outro lado é bom e me deixa mais tranquila”, “Cada vez que os vejo ou recebo notícias me ajuda imenso”

“Por motivos da distância e saudade a visualização e a comunicação são aliadas para o nosso bem” e “Termos boas notícias e poder ver me causa um bem enorme”.

Assim, podemos deduzir que as TIC são utilizadas pelos imigrantes para se manterem em contacto com o país de origem, o que corrobora com o que defende Rodrigues (1994) “A implantação das novas tecnologias da informação permite manter hoje a humanidade inteira em contacto quotidiano permanente” (p.33), amenizando a saudade e permitindo a manutenção das relações através de um contacto diário.

Assim podemos concluir pelas respostas dos inquiridos que o facto de se encontrarem longe da família e amigos os deixa fragilizados, no entanto este contacto, em que muitas vezes são utilizadas as webcam, facilitam a proximidade entre o migrante e a sua família/amiga no país de origem, contribuindo assim para o seu bem estar psicológico e emocional. Assim para Pussetti (2010)

o processo migratório, segundo alguns autores, constitui em si um factor de risco, na medida em que reúne sete elementos de perda: da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do contacto com o grupo étnico e religioso (p. 96).

Desta forma, torna o imigrante mais vulnerável e fragilizado, não só devido ao processo de imigração, mas devido à sua situação sócio económica, marginalização, falta de apoio, factores estes que causam pressão psicológica.

- ***Em que medida as TIC poderão contribuir para a integração dos migrantes;***

Tendo em conta que se pretendia com este estudo aferir sobre as formas de comunicação com o país de origem, colocou-se a questão se tem família a residir no Brasil, à qual os 50 inquiridos responderam afirmativamente.

Quanto à forma como contacta com a família, a maioria afirmou fazê-lo através do computador (37), seguido por telefone (32) e por telemóvel (26). Quanto à escolha desse meio de comunicação, as respostas foram integradas na dimensão comunicação

país de origem, na categoria meios de comunicação e em oito subcategorias: financeiro, celeridade, facilidade/practicidade, celeridade/custo, celeridade/facilidade, emocional, limitações e usual, que se traduziram nas seguintes unidades de registo: baratos (12), rápido (2), fácil (12), rapidez/barato (5), rapidez/facilidade (4), falar/carinho (2), único (5) e usados (1).

Os motivos apresentados para a escolha desses meios de comunicação são numa primeira instância por serem mais baratos, mais rápidos e mais fáceis. A título de exemplo salientamos algumas respostas dos inquiridos: “(computador) *Porque é mais barato*”, “(telemóvel e Pc) *Porque são mais barato*”, “(telefone, telemóvel e pc) *A facilidade*”.

De salientar, que em 2008 o governo português delineou uma estratégia, em que pretende promover a inclusão digital, facilitando o acesso a grupos em risco de exclusão às tecnologias de informação e comunicação. De modo a que esses grupos possam aceder a oportunidades de emprego e superar as barreiras físicas e geográficas. Para o efeito criou espaços de internet, gratuitos e que qualquer indivíduo pode utilizar, com várias finalidades, procurar emprego, alfabetização entre outros. (Kluzer, Hache, & Codagnone, 2008).

As vantagens de utilizar esses meios de comunicação apresentadas pelos inquiridos foram agrupadas na dimensão comunicação país de origem, na categoria vantagens dos meios de comunicação e em sete subcategorias: financeiro, celeridade, ambos, facilidade, emocional, todas e conhecimento. Com base nas respostas foram criadas as seguintes unidades de registo: baratos (12), rápido (2), preço/rapidez (7), comodidade (2), família (13) e todas 1.

Assim, as vantagens referem-se ao facto de serem o meio mais barato, o factor preço associado à rapidez, possuir maior rapidez, de salientar que a unidade de registo como maior preponderância foi a família em que se pode salientar o que foi referenciado pelos inquiridos: “*Mantém-se o vínculo com as pessoas que deixámos*”, “*É o meio mais barato e podemos ver as pessoas pela cam*”, “*Poder ver e conversar com os filhos e netos*”.

As principais vantagens prendem-se com o preço, mas também com a parte afectiva, pois a visualização da pessoa que está longe ajuda a ultrapassar as distâncias e ajuda a aliviar a saudade e a angústia por estar longe da família.

Quanto à frequência com que comunicam com a família o mais comum é semanalmente.

Questionou-se os inquiridos sobre se considera a comunicação fundamental para a sua integração, tendo 80% inquiridos respondido afirmativamente. Apresentando as razões cujas respostas foram agrupadas na dimensão comunicação com o país de origem, categoria comunicação como forma de integração e dividida em três subcategorias: emocional, conhecimento e integração. Foram delineadas as seguintes unidades de registo: família (6), saudade (8), apoio (5), informacional (5), naturalidade (1), indiferente (1).

Assim, a comunicação mantida com o país de origem favorece a integração do migrante, a nível emocional pois *“Sinto a família mais perto de mim”*, *“Ao falar com eles lembro o motivo de ter vindo para cá”*, *“Sentimos muitas saudades e então ficamos mais tranquilos”*, *“Sem o apoio deles eu não conseguiria ficar aqui.”* A nível de conhecimento *“Sem comunicação uma pessoa isolada não é ninguém.”* E *“na net encontra tudo e todos”*.

No que se refere se as TIC contribuem para a sua integração em Portugal, 76% dos inquiridos afirma que sim. No que concerne à questão porquê e com base nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão contribuição das TIC, em duas categorias: integração e emocional e em três subcategorias: comunicação, motivação e modernidade. Com base nas respostas dos inquiridos foram criadas quatro unidades de registo: informação (9), comunicação (4), bem estar (8) e tecnologia (3).

Desta forma, por que as TIC proporcionam obtenção de informação e comunicação *“Me traz conhecimento e informações necessárias”*, *“Posso ficar informado de alguns acontecimentos no país ou fora”*, *“OS empregos que tive aqui encontrei-os todos pela internet. As minhas dúvidas sobre os mais diversos assuntos resolvo através das TIC”*. A nível do bem estar *“Posso continuar com o vínculo familiar através da net”*, *“É muito mais fácil e pratico para a minha integração”* e tecnologia *“Tecnologia é tudo na nossa vida”*.

Assim, as redes de informação sobrepõem-se às fronteiras geográficas e aos territórios nacionais de pertença, essas “fronteiras tornam-se hoje fluidas, permeáveis à penetração tecnológica dos novos media” (Rodrigues, 1999, p.150), tornando-se acessível através da internet estabelecer relações com indivíduos que vivem em outra parte do mundo.

Quanto ao tipo de notícias que pesquisa na internet 70% dos inquiridos referem que é sobre ambos os países, No que diz respeito à questão considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal, 74% afirma que sim. Baseado nas respostas obtidas integraram-se as mesmas na dimensão comunicação com o país de origem, na categoria informação como forma de integração e em três subcategorias, conhecimento, realidade e sentimento. As unidade de registo definidas foram: informação (18), diferenças (1), partilha (3) e interação 1.

Assim a informação é vista como forma de integração no país de acolhimento “*Quanto mais informados estivermos acredito que melhor será a integração no país que escolheu para viver*”, “*Uma pessoa bem informada integra-se muito mais facilmente em qualquer tipo de conversa*”, “*Para ter mais conhecimento da cultura em si, de Portugal*”.

Assim podemos deduzir que os imigrantes, procuram por um lado, apaziguar as saudades do seu país de origem e por outro procuram conhecer melhor o país que os acolheu, como forma de se integrarem, nomeadamente para conhecerem melhor a cultura portuguesa,

- ***Em que medida o acesso às TIC pode contribuir como uma rede social de apoio e assim para a integração da população migrante;***

Tendo em conta a importância de verificarmos se o acesso às TIC pode contribuir como uma rede social e de apoio e contribuir assim para a integração do imigrante, colocou-se uma série de questões aos inquiridos no sentido de o perceber.

Verificou-se assim, que a maioria dos inquiridos tem computador próprio (74%), acedendo ao mesmo nas suas casas (34%), sendo que 56% dos inquiridos utiliza o

computador diariamente. Nos computadores que os inquiridos utilizam 90% tem acesso à internet, quanto ao tipo de internet a mais usada é a wireless.

O objectivo pelo qual utilizam a internet, o mais referido foi comunicar com a família no país de origem, seguido de contactar com amigos no país de origem e com amigos no país de acolhimento, seguido de procura de emprego. Assim, verifica-se que existe uma preocupação por parte dos inquiridos em manter a ligação com o país de origem bem como manter a ligação com familiares e amigos.

De referir que os programas que os inquiridos mencionam como aquele que utilizam para comunicar com os familiares/amigos, são passíveis de comunicar não só por escrito, mas também que existe a possibilidade de enviar imagens, fotografias, como é o caso do email, do msn. Existem outros que é possível ainda aliar à imagem como é o caso do skype do orkut e do facebook, neste último é possível ainda estar ao corrente de toda a dinâmica da pessoa, caso esta o mantenha actualizado e com todos os pormenores da sua vida, sendo possível quem está do outro lado do mundo acompanhar quase em tempo real tudo o que se passa com o familiar ou amigo que emigrou.

Salienta-se que as redes sociais mais utilizadas pelos inquiridos são o facebook e a orkut, as razões apresentadas são nomeadamente os contactos, *“Me manter em contacto com todos amigos, família etc”* *“Para contactar com amigos e familiares, saber o que se passa com eles, ver fotografias”*, *“Para acompanhar o crescimento dos sobrinhos, festas de anos dos pais, irmãos e amigos”* e *“Manter actualizada sobre o que acontece na minha família e amigos”*, são alguns exemplos do que foi referenciado pelos inquiridos. Mencionam ainda que utilizam estes meios para amenizar a saudade e se sentirem mais próximos daqueles que mais gostam, *“transmitir informações entre nós, matar saudade e bate papo”*, *“ Para ver as fotos da família. Mata as saudades”* e *“ Ficar mais próximos uns dos outros, pelo menos tentar, né?”*.

Assim, o que se apurou nas respostas dos inquiridos vai ao encontro do estudo sobre o estado da arte da pesquisa na EU pelos imigrantes e minorias étnicas sobre a adopção e utilização das TIC, em que os indivíduos utilizam as TIC para comunicar com os amigos e familiares que se encontram longe e para pesquisar informações sobre o país de origem.

Desta forma, a proximidade proporcionada ao indivíduos imigrantes pela utilização das novas tecnologias entre o país de origem e o país de acolhimento, transmite-lhe a sensação de que se encontra inserido nos dois países, ainda que não física, mas virtualmente, ou seja, embora distanciado fisicamente do país que o viu nascer, encontra-se em contacto permanente com o mesmo, pois como afirma Oliveira (2011) “...pois possibilita a este “novo migrante do século XXI” estar e participar efectivamente de dois mundos: o seu de origem e o destino de sua trajectória de imigração (p.5).

7.2 Conclusões

Na fase final deste trabalho de investigação, cujo tema é “O contributo das TIC na integração das famílias oriundas do Brasil no concelho de Albufeira”, é possível retirar do mesmo algumas conclusões. Não obstante, de que trabalhos futuros o possam complementar, aprofundar ou mesmo refutar o que aqui foi apresentado.

Não podemos deixar de referir que este estudo foi extremamente gratificante e nos sensibilizou para a importância do envolvimento das famílias oriundas do Brasil, no seu processo de imigração. A experiência de imigração poderá ser traumática e trazer graves consequências para o imigrante, porém a manutenção das relações com os familiares e amigos que permaneceram no país de origem, é determinante para a integração do imigrante no país de acolhimento.

Assim, importa referir que a emigração é o movimento de pessoas que saem do país a que pertencem, quer seja por nacionalidade ou por vivência, durante um período significativo de tempo, para se estabelecerem noutro país. Denomina-se emigrar, quando o indivíduo abandona o seu país de origem para trabalhar temporariamente, para se refugiar ou para fixar residência em outro país.

Os movimentos de populações em larga escala iniciaram há séculos, aquando do expansionismo europeu, pois como refere Giddens (2007) “a partir destas vagas iniciais de migração global, as populações humanas continuaram a interagir e a misturar-se de maneiras que moldaram de modo fundamental a composição étnica de muitos países” (p.260). Assim, a imigração é um fenómeno próprio da evolução humana, que não sendo um fenómeno novo está a tornar-se cada vez mais comum.

Actualmente Portugal é um país de imigração e de emigração, acolhendo as mais diversas etnias, é em especial um receptor dos PALOP, dos países de leste, América do Sul e da Ásia. O crescimento e desenvolvimento económico apresentado por Portugal, motivaram a sua procura por parte dos imigrantes, que procuravam melhores condições de vida.

Segundo Malheiros (2007) a comunidade brasileira transformou-se “no maior grupo formal e contabilizado de estrangeiros em Portugal” (p.16) representando a maior e mais importante comunidade migrante no nosso país, mantendo-se desde 2007 até à actualidade como a comunidade mais representativa em Portugal.

As principais motivações para a escolha de Portugal enquanto país de acolhimento, são várias, de acordo com Raposo e Togni (2009) o facto de existirem redes, que podem ser familiares, de trabalho, de amizade, são fundamentais para que obtenham apoio, recursos e informações, de modo a que a sua integração no país de acolhimento seja feita de uma forma gradual e que minimize os impactos das diferenças culturais. Tendo em conta o passado histórico entre Portugal e Brasil, existem determinados factores que tornam o nosso país atractivo aos olhos da comunidade brasileira. Na opinião de Rocha-Trindade (2004) o facto de ambas as culturas falarem o português facilita a comunicação. Bógus (2007) partilha da mesma opinião, reforçando a ideia de que a escolha de Portugal se prende essencialmente com o conhecer a língua e desta forma esperar uma integração mais fácil, no país de acolhimento.

Para Fusco (2001) a imigração é um processo criador de redes sociais, pois desenvolve contactos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. Desta forma, são fundamentais as redes sociais no país de acolhimento, quer sejam compostas por amigos ou por familiares, pois representam um papel fundamental na integração do indivíduo imigrante.

Soares (2004) salienta que as redes sociais são fundamentais para que se entendam as migrações, sendo que as mesmas se apresentam como manifestações das redes pessoais fundadas nas relações sociais de amizade e parentesco. Fonseca (2005) acrescenta que as redes de suporte familiar e de amigos proporciona um conjunto de conhecimentos sobre a sociedade de acolhimento e facultam apoio a nível social, afectivo e financeiro. O facto de existir uma rede de conhecimentos no país de acolhimento abre portas ao imigrante no que diz respeito ao processo burocrático bem como na adaptação do mesmo, no país de destino.

É ainda referido por Padilla (2007) que “os recursos que as redes de imigrantes facilitam são sumamente importantes e, por isso, estas são vistas como uma ferramenta de ligação que os imigrantes usam para a sua inserção na sociedade de acolhimento” (p.119). Ou seja, o facto de existirem já contactos na sociedade de acolhimento proporciona aos recém chegados mais facilidade no momento de procurar trabalho e de se deslocarem aos serviços.

Assim, as redes sociais dos imigrantes assumem um papel preponderante no processo de imigração, uma vez que estão presentes em todas as etapas do projecto migratório. Estas

etapas dividem-se em *antes, durante e após* o processo migratório. Ou seja, como refere Padilla (2007) quando o indivíduo que se encontra no seu país de origem projecta o seu processo de migração acciona as suas redes sociais, muito antes da sua saída para o país de acolhimento.

Importa referir que com a globalização, o mundo mudou, tornando-se mais facilitadas as comunicações e as deslocações, uma vez que os países, as sociedades, as culturas, estão mais integrados e interligados, tornando-se mais acessíveis as transferências de capitais, serviços, bens e pessoas de países e continentes para outros.

Como afirma Rodrigues (1994) as fronteiras que delimitam as comunidades se encontram cada vez mais atenuadas, constituindo o que se pode denominar de aldeia global, devido aos dispositivos comunicacionais, proporcionando uma proximidade das diversas culturas. Apesar de recentes, as tecnologias de informação tornaram-se de tal forma indispensáveis que já nem concebemos realizar a maioria das nossas actividades diárias sem utilizar esses recursos.

Assim, as tecnologias de informação tornam possível o contacto em tempo real com qualquer parte do globo, permitindo alargar os horizontes, derrubando as barreiras nacionais e culturais, possibilitando o contacto permanente com o mundo inteiro (Rodrigues, 1999). Como refere Lopes *et al.* (n/d) na actualidade as TIC tem um papel fundamental, tem a vantagem da troca de informações instantânea e aproxima o que está distante, de salientar que a evolução dos computadores, as comunicações móveis sem fios, os programas de software mais desenvolvidos e a internet, veio proporcionar às populações mais acesso à informação, actualizada e em tempo real, bem como a proximidade entre os indivíduos (Oliveira, 2011). Como refere e bem, Oliveira (2011) “...pois possibilita a este “novo migrante do século XXI” estar e participar efectivamente de dois mundos: o seu de origem e o destino de sua trajectória de imigração (p.5).

Acrescente-se ainda que TIC são eleitas pelos imigrantes como principal ferramenta, pois permitem uma troca regular de informações e notícias do seu país de origem, tornando possível superar as distâncias geográficas, mantendo assim os laços afectivos entre as comunidades separadas, a memória colectiva e a identidade.

O estudo em causa incidiu junto dos imigrantes oriundos do Brasil, tendo sido aplicados inquéritos por questionário a 50 indivíduos, foram aplicados nos meses de Abril, Maio e

Junho de 2012, no Gabinete do Imigrante (GAI) e Gabinete da Família (GAF) da Câmara Municipal de Albufeira.

Após a análise efectuada aos cinquenta inquiridos por questionário aplicados consideramos que o nosso estudo vai ao encontro das teorias fundamentadas pelos teóricos que se debruçam sobre estas problemáticas.

Desta forma, acreditamos que nos encontramos em condições de afirmar que o facto de existir uma rede familiar e de amigos, contribui para a integração da família imigrante na sociedade de acolhimento. Ou seja, todo o suporte familiar e a rede de amigos existente facultam ao imigrante condições para que o mesmo se instale no país de acolhimento e se sinta integrado.

Conclui-se que é de extrema importância para o indivíduo imigrante o suporte familiar e de amigos na sociedade de acolhimento e a forma como os mesmos os podem ajudar, neste estudo verifica-se que os apoios recebidos de quem já reside em Portugal é a vários níveis, contribuindo para a integração do imigrante recente.

Os inquiridos consideram-se integrados em Portugal, a vários níveis, no entanto para se integrarem a maioria dos inquiridos travaram novas amizades, bem como participaram activamente na sociedade, quanto a quem ajudou na integração a maioria respondeu ambos, ou seja portugueses e brasileiros, daí a importância da rede família/amigos, que prestam apoio em todo o processo migratório.

Tendo em conta as respostas apresentadas podemos concluir que o facto de os imigrantes comunicarem, por norma, semanalmente com a família no Brasil, bem como utilizarem as tecnologias de informação e comunicação, contribui em muito para o seu bem estar psicológico e emocional. O contacto regular com a família, ainda que através de uma Web cam, proporciona-lhes tranquilidade e minimiza a distância física, uma vez que os podem ver e ouvir sentindo assim o apoio dos mesmos, ajudando-os a permanecer no nosso país. O uso das novas tecnologias são utilizadas para manter a ligação com a comunidade de origem, fomentando os laços familiares e com amigos, contribuindo para o equilíbrio emocional do migrantes.

Verifica-se que o facto dos imigrantes poderem usar as novas tecnologias para comunicar com a família favorece a integração no processo migratório. Uma vez que ajuda a ultrapassar as distâncias e a colmatar a ausência dos entes queridos.

Salientamos ainda que os imigrantes, procuram por um lado, apaziguar as saudades do seu país de origem e por outro procuram conhecer melhor o país que os acolheu, como forma de se integrarem, nomeadamente para conhecerem melhor a cultura portuguesa, para tal utilizam as novas tecnologias.

Podemos concluir que os imigrantes utilizam a internet para comunicar com os indivíduos da mesma nacionalidade, bem como a família/amigos que se encontram no Brasil. Em suma, podemos concluir que o acesso às TIC e o facto de as utilizarem para comunicar com a família e amigos, no país de origem, pode ser considerada como uma rede social de apoio, proporcionando assim aos imigrantes uma integração no país de acolhimento.

7.3 Limitações de estudo e sugestões para novas investigações

Numa primeira instância consideramos que a limitação deste estudo se prende com a inexperiência da investigadora.

Outro factor preponderante foi a limitação temporal, devido à pouca disponibilidade de tempo para efectuar a investigação, em virtude de exercer uma actividade profissional.

Sentiu-se ainda como grande lacuna a ausência de dados estatísticos mais detalhados relativamente a esta comunidade, quer no Algarve, quer no concelho de Albufeira.

De salientar os fracos recursos bibliográficos, no que se refere à utilização das Tecnologias de Informação e da Comunicação pelos imigrantes.

Consideramos ainda como limitação deste estudo o facto das conclusões se limitarem à população estudada, uma vez que os resultados só dizem respeito à amostra, não podendo os resultados serem generalizados.

Reconhecemos que o facto dos inquéritos por questionário terem sido aplicados na Divisão de Acção Social, Saúde e Juventude, no GAF e no GAI, poderá não ter chegado a todos os estratos sociais desta comunidade, residente neste concelho.

Consideramos que a nossa investigação dá um contributo importante para o conhecimento dos imigrantes que residem no concelho de Albufeira e a sua integração perante a utilização das novas tecnologias. Sabemos que existem outros aspectos que poderiam ter sido abordados, mas devido à escassa informação disponibilizada sobre o tema, bem como a limitação de tempo tornou-se, nesta fase, complicado aprofundar mais essas temáticas.

Assim, será pertinente em investigações futuras vir a desenvolver-se um estudo mais aprofundado sobre esta temática, sendo possível utilizar uma metodologia diferente, e mais exaustiva, bem como envolver as associações de imigrantes para o efeito.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy D. & Saint-Georges, P. (1977). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Almeida, J. & Pinto, J. (1982). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Bäckström, B. (2008) *Metodologia das Ciências Sociais Métodos Quantitativos - caderno de apoio*. Lisboa: Universidade Aberta.

Baganha, M., Ferrão, J. & Malheiros, J. (1999). *Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português*. *Análise Social*, vol. XXXIV (150), p. 147-173.

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª Edição). Lisboa: Edições 70.

Barreto, R. (2009). O diálogo entre o Estado e o emigrante. A experiência brasileira. *Revista Migrações*, In Padilla, B. e Xavier, M. (Org) *Migrações*. Lisboa: ACIDI, p.263-268

Bógus, L. (2007). *Esperança Além-Mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro*. In Malheiros, J. (org) (2007) *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp.39-58.

Borkert, M., Cingolani, P., & Premazzi, V., (2009). *The State of the Art of Research in the EU on the Take up and Use of ICT by Immigrants and Ethnic Minorities*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.

Câmara Municipal de Albufeira (2004). *Relatório de Avaliação da Execução do Plano Director Municipal de Albufeira*. Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para a Autoaprendizagem* (2ª Edição). Lisboa: Universidade Aberta.

Carneiro, R., Cristóvão, F., Machado, I., Malheiros & J., Peixoto, J.(2007). *O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perspectivas e interrogações*. In Malheiros, J. (org) (2007) *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, p.191-202.

Casa do Brasil (2007). *A 2.ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998-2003): Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – Informação estatística e elementos de análise*. In Malheiros, J. (org) (2007) *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp. 227-246.

Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.

Fonseca, L. (2005). *Reunificação Familiar e Imigração em Portugal*. Lisboa: ACIME.

Fonseca, L. (2004). *Dinâmicas de Integração dos Imigrantes: Estratégias e Protagonistas*. In I Congresso Imigração em Portugal [Diversidade – Cidadania – Integração]. Lisboa: ACIME, pp. 171-184.

Fonseca, M. & Goracci, M. (coord.) (2007). *Mapa de Boas Práticas. Acolhimento e Integração de Imigrantes em Portugal*. Lisboa: Fundação Luso-Americana.

Fusco, W. (2001). *Redes sociais na migração internacional: O caso de Governador Valadares*. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População.

Fusco, W. (2007). *Capital social e dinâmica migratória: um estudo sobre Brasileiros nos Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos de população.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito – teoria e prática* (3ª edição). Oeiras: Celta editora.

Giddens, A. (2007). *Sociologia*. 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gois, P., Marques, J., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). *Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal*. In Padilla, B. e Xavier, M. (Org) Migrações. Lisboa: ACIDI.

Gonçalves, S. (coord.). (2001). *Educação Multicultural e para os Direitos Humanos*, Coimbra: ESEC.

Hamel, J. (2009). *Information and Communication Technologies and Migration*. United Nations Development Programme Human Development Reports Research Paper.

Horta, A.(2008). *A Construção da Alteridade. Nacionalidade, Políticas de Imigração e Acção Colectiva Imigrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Capítulo 3.

Kluzer, S., Hache, A. & Codagnone C. (2008). *Overview of Digital Support Initiatives for/by Immigrants and Ethnic Minorities in the EU 27*.Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.

Lopes, M., Jesus, A., Lima, E., Bueno, M. & Santos, R. (n/d). *Capítulo 17. Formação continuada virtual de educadores de comunidades indígenas com REA e redes sociais em um contexto intercultural*. Brasil: Universidade Católica Dom Bosco.

Machado, F. (1994). *Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade*. Sociologia, Problemas e Práticas, 16, pp. 111-134.

Machado, F. (1997). *Contornos e especificidades da Imigração em Portugal*. Sociologia Problemas e Práticas, 24, pp. 9-44.

Malheiros, J. (Org) (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.

Malheiros, J. (2007). *Os brasileiros em Portugal – síntese do que sabemos*. In Malheiros, J. (Org.) (2007).Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa: ACIDI, pp. 11-37.

Missão para a Sociedade de Informação (1997). *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal*. Lisboa: MSI.

Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nobre, I. (2000). *Breve História de Albufeira* (3ª Edição). Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.

Oliveira, A. (2011). *O Potencial político das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS): Imigrantes Brasileiros criando elos e redes de um “Estado do Emigrante*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal de ABC- UFABC.

Oliveira, J. (2003). *T.I.C Tecnologias da Informação e da Comunicação*. S. Paulo: Editora Érica.

Oliveira, J., Cardoso, G. & Barreiros, J. (2004). *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*. Lisboa: Quimera.

Padilla, B. (2007). *A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise*. In Malheiros, J. (Org.) (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp.113- 134.

Pires, R. (2003). *Migrações e Integração – Teoria e aplicações à realidade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

Pussetti, C. (2010). *Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal*. Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.1, p.94-113.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Raposo, P. & Togni, P. (2009). *Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração*. Lisboa: ACIDI.

Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e cultura a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial presença.

Rodrigues, A. (1999). *As Técnicas da Comunicação e da Informação*. Lisboa: Editorial Presença.

Relatório do Desenvolvimento Humano [RDH] (2009). *Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos*.

Rocha-Trindade, M. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rocha-Trindade, M. (2004). *A realidade da imigração em Portugal (análise social, demográfica e geográfica)*. In I Congresso Imigração em Portugal [Diversidade – Cidadania – Integração]. Lisboa: ACIME, pp. 171-184.

Rossi, P. (2007). *Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal*. In Malheiros, J. (Org.) (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp.135-153.

Santos, P. (2004). *Políticas de imigração e as novas dinâmicas de cidadania em Portugal*. Lisboa: Instituto Piaget.

Santos, V. (2004). *O Discurso Oficial do Estado sobre a Emigração dos anos 60 a 80 e Imigração dos anos 90 à Actualidade*. Lisboa: ACIME.

Serra, M. (2007). *Albufeira 1950*. Casal de Cambra: Caleidiscópio Edição e Artes Gráficas.

Serrano, G. P. (1997). *Cómo Educar para la Democracia*. Madrid: Editorial Popular.

Silva, S. & Schiltz, A. (2007). *A relação entre imigrantes brasileiros e os portugueses – a construção de imagens recíprocas*. In Malheiros, J. (Org.) (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp.155-170.

Soares, W. (2004). *Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional*. Revista Brasileira Estudos Populacionais. Campinas: V.21, nº1, pp.101-116.

Souta, L. (1997). *Multiculturalidade & Educação*. Porto: Profedições.

Trovão, S. & Ramalho, S. (2010). *Repertórios Femininos em construção num contexto Migratório pós-colonial: Dinâmicas familiares, de género e de geração*. Lisboa: ACIDI.

Vala, J. (2004). *Processos identitários e gestão da diversidade*. In I Congresso Imigração em Portugal – Diversidade, Cidadania, Integração, 18/19 Dezembro de 2003. Lisboa: ACIME, pp.47-61

Vitorino, A. (2004). *Uma politica comum de Imigração*. In I Congresso de Imigração em Portugal – Diversidade, Cidadania, Integração, 18/19 Dezembro de 2003. Lisboa: ACIME, pp.32-43.

WEBGRAFIA

Campos, E., Assis, G. & Siqueira, S. (n/d). As redes sociais na configuração da migração internacional para os Estados Unidos. 34º Encontro Anual da Anpocs. Acedido em 8 de Junho de 2013, in http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1555&Itemid=350

Marques, R. (2003). *Políticas de gestão da diversidade étnico-cultural – da assimilação ao multiculturalismo*. Acedido a 10 de Junho de 2013, in <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (2005). *Ligar Portugal. Um programa de acção integrado no PLANO TECNOLÓGICO do XVII Governo:*

Mobilizar a Sociedade de Informação e do Conhecimento. Acedido a 10 de Junho de 2013, in www.ligarportugal.pt

Peixoto, J. & Marques, A. (2006). *Análise do Mercado de Remessas Portugal/Brasil*. Acedido a 8 de Junho de 2013, in <http://www.iadb.org/news/docs/PortugalBrasil.pdf>.

SEF (2007) Relatório de Actividades 2007, Imigração, Fronteiras e Asilo. Acedido a 17 de Junho de 2012, in http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2007.pdf

SEF (2008) Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2008. Acedido a 17 de Junho de 2012, in http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2008.pdf

SEF (2009) Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2009. Acedido a 17 de Junho de 2012, in http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf

SEF (2010) Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2010. Acedido a 17 de Junho de 2012, in: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf

SEF (2011) Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2008. Acedido a 27 de Julho de 2012, in: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf

SEF (2011), Estrangeiros residentes em: Albufeira / Faro. Acedido a 27 de Julho de 2012, in: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>

SEF (2012), Estrangeiros residentes em: Albufeira / Faro. Acedido a 28 de Junho de 2013, in: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>

SEF (2013) Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2012. Acedido a 28 de Junho de 2013, in: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>

ANEXOS

ANEXO 1 - Pedido para aplicação de Inquéritos por Questionário

Exmo. Sr.

Presidente da Câmara Municipal de Albufeira

Eu, Lénia Isabel Malveiro Gonçalves, Educadora Social, na Divisão de Ação Social, Saúde e Juventude, informo que me encontro neste momento a trabalhar num projecto de investigação, do Mestrado em Relações Interculturais, cujo tema é “O contributo das TIC na integração de famílias oriundas do Brasil no concelho de Albufeira”

Deste modo, venho solicitar autorização para proceder à aplicação de um Inquérito por Questionário, aos utentes do Gabinete do Imigrante, bem como do Gabinete da Família, que sejam oriundos do Brasil e que se encontrem a residir no concelho de Albufeira.

E porque só com a sua autorização e a respectiva colaboração dos utentes este estudo será possível, fico grata pela sua disponibilidade e interesse manifestados.

Albufeira, 19 de Janeiro de 2012

Atenciosamente,

Lénia Isabel Malveiro Gonçalves

ANEXO 2 – Inquérito por Questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O presente inquérito insere-se na investigação a desenvolver no âmbito do Mestrado em Relações Interculturais. Tem como objectivo estudar algumas questões relacionadas com o Contributo das TIC na integração de famílias oriundas do Brasil no concelho de Albufeira.

Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Não há respostas correctas ou incorrectas. A sua opinião é muito importante. Obrigada pela colaboração.

Preencha, com um X ou por extenso de acordo com o que lhe é pedido.

I – CARACTERIZAÇÃO

1. Idade

18-30 anos 31-40 anos 41-50 anos + 50 anos

2. Género

Feminino Masculino

3. Quantas pessoas fazem parte do seu agregado familiar (contando consigo)?

Sozinho/a 2 elementos 3 elementos

Outros N° de elementos: _____

4. Situação profissional

Empregado/a Desempregado/a

II PERCURSO MIGRATÓRIO E SITUAÇÃO LEGAL

1. Foi a 1ª experiência de imigração?

Sim (Passe à questão 2) Não

1.1 Se respondeu não na questão anterior, qual ou quais os países em que foi imigrante?

_____.

2. Em que ano chegou a Portugal?

_____.

3. Em que ano chegou a Albufeira?

_____.

4. Quando veio para Portugal qual o visto que obteve?

Estudante Trabalho Turista Outro: _____

5. Atualmente qual é a sua situação?

Obteve nacionalidade Portuguesa

Autorização de residência temporária

Autorização de residência permanente

Irregular Illegal

6. Em que ano a obteve?

_____.

III MOTIVOS DA EMIGRAÇÃO

1. O que o/a levou a emigrar?

Questões económicas melhores condições de vida

Aventura

outra: _____.

2. Qual a sua situação laboral no país de origem?

Empregado/a Desempregado/a Estudante

3. Porquê a escolha de Portugal como país de destino?(pode escolher mais do que uma opção)

Família já residente Amigos já residentes

Empregabilidade Língua Cultura

Facilidade na regularização da documentação

Outra: _____

4. Veio para Portugal acompanhado?

Sim Não (Passe à questão 5)

4.1 Se respondeu sim na questão anterior, veio acompanhado por quem?

Pai Mãe Esposo/a Filho/s

Amigo/s Outros: _____.

5. Quem tomou a decisão de emigrar?

Próprio/a Pai Mãe esposo/a

Filho/s Outros: _____.

IV HABILITAÇÕES LITERÁRIAS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: O SEU RECONHECIMENTO EM PORTUGAL

1. Quais as suas habilitações literárias no Brasil?

Sem escolaridade 1º Grau 2º Grau

Licenciatura Mestrado Doutoramento

2. As suas habilitações foram reconhecidas em Portugal?

Sim Não Não tentei

3. Continuou os estudos em Portugal?

Sim Não (Passe à questão 3.2)

3.1 Se sim, porquê?

Valorização profissional Progressão profissional

Outra: _____.

3.2 Se não, porquê?

_____.

4. Que formação profissional tinha aquando da chegada a Portugal?

_____.

4.1 E actualmente?

_____.

V MERCADO DE TRABALHO

1. Quando chegou a Albufeira já tinha trabalho?

Sim Não (Passe à questão 1.2)

1.1 Se respondeu Sim, quem lhe arranjou esse trabalho?

Amigos brasileiros Amigos portugueses

Ajuda de familiares residentes no país IEFP (Passe à questão 2)

Outros: _____.

1.2 Quanto tempo levou a encontrar o primeiro trabalho?

_____.

2. Qual foi o seu primeiro trabalho em Albufeira?

_____.

2.1 Estava de acordo com as suas habilitações/formação que possuía?

Sim

Não

VI INTEGRAÇÃO, REDES FAMILIARES E DE AMIZADE

1. Quais as principais dificuldades com que se deparou em Portugal? (Pode escolher mais do que uma opção)

Discriminação

Carência económica

Isolamento

Dificuldade em arranjar emprego

Saudade da família

Outra:_____.

2. Como ultrapassou essas dificuldades?

Ajuda de amigos

Ajuda de familiares

Ajuda do marido/esposa

Ajuda de Deus (Fé)

Outra:_____

3. Considera-se integrado/a?

Sim (Passe à questão 3.1)

Não (Passe à questão 3.2)

3.1 Em que situações se considera integrado/a?

_____.

3.2 Em que situações não se considera integrado/a?

_____.

4. O que já fez para se integrar?

Participar activamente na comunidade de acolhimento Nada

Novas amizades Outra:_____.

5. Já tinha amigos ou familiares em Albufeira?

Sim (Passe à questão 5.1)

Não (Passe à questão 5.2)

5.1 Prestaram-lhe algum apoio? Em que medida?

_____.(Passe à questão 6)

5.2 Quem o/a ajudou na sua integração?

Portugueses

Conterrâneos

Ambos

Outros:_____.

6. O facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribuiu para a sua integração?

Sim (Passe à questão 6.1)

Não (Passe à questão 6.2)

6.1 Em que medida?

_____.

6.2 Porquê?

_____.

7. A sua rede de amigos é proveniente do Brasil?

Na totalidade

Na maioria

Outra:_____.

8. Após a sua vinda para Albufeira, outros familiares tomaram a mesma opção?

Sim Não

9. Como promove o contacto com os indivíduos da sua nacionalidade?

Pessoalmente Internet Telefone

Outros: _____.

VII Dinâmicas familiares

1. Mantém as mesmas tradições que tinha no seu país de origem?

Sim Não (passe ao bloco VII)

1.1 Indique as três mais significativas

2. Com quem partilha essas tradições?

Compatriotas Portugueses Ambos

outros: _____.

3. Manter essas tradições facilita ou prejudica a sua integração? Porquê?

VIII Comunicação com o país de origem

1. Tem família a residir no Brasil?

Sim Não (Passe à questão 6)

1.1 Como contacta com a sua família no Brasil? (Pode assinalar mais do que uma opção)

Carta telefone Telemóvel computador

Outro: _____.

2. Porquê a escolha desse/s meios/s de comunicação?

_____.

3. Quais as vantagens?

_____.

4. Com que regularidade comunica com eles?

Diariamente Semanalmente Quinzenalmente

Mensalmente Outra: _____.

5. Considera essa comunicação fundamental para a sua integração em Portugal?

Sim Não

5.1 Porquê?

_____.

6. O que costuma fazer para manter a ligação com o país de origem?

Reunir com amigos da mesma nacionalidade Ver fotos

Ir ao país de origem com regularidade Telefonar Outro: _____

IX Novas tecnologias

1. Tem computador próprio?

Sim (Passe à questão 2) Não (Passe à questão 1.1)

1.1 Qual o local onde acede ao computador?

Biblioteca Local de trabalho Em casa de amigos

Cybercafé Outro: _____.

2. Utiliza o computador com regularidade?

Sim Não

3. O computador que utiliza tem acesso à internet?

Sim Não (Passe ao bloco IX)

3.1 A internet que utiliza é?

Wireless (MEO/ZON) Placa banda larga (TMN/ Kanguru/Vodafone)

ADSL Desconhece Outra: _____.

3.2 Com que regularidade utiliza a internet?

Diariamente Semanalmente Quinzenalmente

Mensalmente Outra: _____.

4. Utiliza a internet com que objectivo? (Pode assinalar mais do que uma opção)

Contactar com a família no país de origem Contactos profissionais

Contactar com amigos no país de origem Procura de emprego

Contactar com amigos em Portugal Procura de novos amigos

Procura de amigos de infância Outros:_____.

5. Se utilizar a internet para comunicar com a família e amigos que se encontram no país de origem, qual o programa? (Pode assinalar mais do que uma opção).

MSN

Skype

Email

Orkut

Outro:_____.

6. Utiliza as redes sociais?

Sim

Não (passe ao bloco IX)

- 6.1 Quais? (Pode assinalar mais do que uma opção).

Facebook

Twitter

HI5

Orkut

Badoo

Outro:_____.

- 6.2 Com que objectivo?

_____.

X TIC versus integração

1. Considera que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) contribuem para a sua integração em Portugal?

Sim

Não

- 1.1 Porquê?

_____.

2. O facto de ter acesso às TIC, e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional?

Sim Não

2.1 Porquê?

3. Que tipo de notícias costuma pesquisar na internet?

Sobre o Brasil Sobre Portugal Sobre ambos

Outros: _____.

4. Considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal.

Sim Não

5. Porquê?

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO 3 - Subcategorias, Unidades de Registo, Unidades de Contexto e Frequências

1- O que ao/a levou a emigrar?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Razões	Reunião familiar	Ter um filho a viver aqui. Para estar com meu marido	2
	Convite	Convite de uma Instituição religiosa	1
	Clima	O clima	1
	Recomeço	Novas experienciam Recomeçar a vida	2

3 - Porquê a escolha de Portugal como país de destino?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Escolha do país	Suporte	Porque minha mãe veio	1
		Namorado	1
	Clima	Clima	1
	Ambiente	Paz	1

5 - Quem tomou a decisão de emigrar?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Decisão	Própria/o	Fui convidada a trabalhar	1
	Conjunta	Eu e meu ex-marido Ambos	2
	Por outro	Irmã Amiga	2

3.2 – (Continuou os estudos em Portugal) Se não, porquê?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Disponibilidade/ oportunidade	Temporal	Falta de tempo. Não tenho tempo Falta de tempo e distâncias. Não tinha tempo para isto Por falta de tempo. Falta de tempo e dinheiro Fiquei muito pouco tempo	7
	Oportunidades	Não tive oportunidades	3

		Falta oportunidades e informação Idade já adiantada	
	Opção	Não quis	1
Situação no país	Documentação	Por estar ilegal Ainda estou em processo de regularização Tratar da legalização em primeiro lugar Não trouxe os históricos com carimbo	4
Motivação	Trabalho	Porque preferi trabalhar Tive que trabalhar para ajudar a minha mãe Talvez porque até aqui, os trabalhos desempenhados por mim não exigem. Vim pensando unicamente em trabalhar. Trabalho e filhos para orientar.	5

1.1 – (Quando chegou a Albufeira já tinha trabalho) Se respondeu sim, quem lhe arranjou esse trabalho?

Subcategoria	Unidade de registo	Unidade contexto	Frequência
Outros	Amigos/as	Amigas brasileiras a convite de portugueses	1
	Família	Empreendimento familiar.	1
Próprio	Próprio/a	Enviei CV por correio e fui chamada.	1

3.1 – Em que situações se considera Integrado?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Laboral	Trabalho	No trabalho Tenho trabalho efectivo e gosto do que faço. Bom relacionamento com colegas de trabalho	6
		Tenho trabalho e convivo com todos os tipos de pessoas/raças sem sentir-me discriminada No trabalho No trabalho e na rotina diária. Considero que estou plenamente integrada.	
Profissional e pessoal	Ambos	No âmbito profissional e pessoal	1
	Família	Na família do meu marido e no trabalho. Sou casado com portuguesa e tenho dois filhos que nasceram aqui	2
		Alguns grupos de amigos	4

Pessoal	Amigos	Com todos os meus amigos portugueses Já me habituei a este país, tenho mais amigos portugueses que brasileiros. Amizades	
	Ambos	Na família/amigos Tenho amigos e família aqui, gosto muito de Portugal Por ter constituído família e pelos amigos que tenho	3
	Diferenças	É difícil, as pessoas tem um conceito do Brasil Hoje sim mais diferente de quando cheguei	2
	Liberdade	O facto de poder andar e falar com as pessoas livremente e poder trabalhar	1
Global	Tudo	Praticamente em tudo Em tudo Em tudo Em todas Em todas Em todas Em todas Em todas Em todas as áreas	10
	Locais	com o lugar (sítio) com as pessoas.	1
	Serviços	No sistema nacional de saúde. Nas relações com colegas de trabalho.	1
	Eventos	Participando de eventos culturais, amizades, trabalho e idioma ajuda na integração	1

3.2 – Em que situações não se considera integrado/a?

Subcategoria	Unidade Registo	Unidade Contexto	Frequência
Laboral	Trabalho	Na procura de emprego. No emprego, que sempre somos tratados como cachorros No trabalho Tenho dificuldade em arranjar outros trabalhos por não falar outra língua	4
	Oportunidades	Nas oportunidades de formação profissional	1
Pessoal	Família	No acolhimento familiar	1
	Amigos	Amizades sinceras.	1
		Na forma de conviver: a interagir é quase sempre no trabalho ou nos cafés,	1

	Convivência	difícilmente isto se faz nas residências	
Global	Tudo	Tudo é muito difícil	1
	Discriminação	A discriminação é cada vez maior, impedindo qualquer tipo de integração Tudo é muito difícil, as pessoas não nos aceitam muito fácil. Não temos igualdade	3
	Serviços	Algumas vezes na Segurança Social	1
	Documentos	Por ainda não ter documentos Por estar ilegal as coisas se tornam muito difíceis, se precisar de médico são 70€, fora não ter direito	2
	Clima	No clima, nas estações do ano, o “frio”.	1

4- O que já fez para se integrar

Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade contexto	Frequência
Laboral	Trabalho	Trabalhando	1
	Documentos	Tento a minha legalização Legalização	2
Pessoal	Amizade	Tenho e gosto muito das minhas amigas portuguesas, mas nunca vamos na casa umas da outra.	1

5.1 – (Já tinha amigos em Albufeira?) Prestaram-lhe algum apoio? Em que medida?

Subcategorias	Unidade Registo	Unidade Contexto	Frequência
Logístico	Alojamento	Sim, no acolhimento. Sim, receberam-me na sua casa e dividir tudo Sim, alojamento Sim, com habitação Sim, fiquei na casa deles. Sim, Ajudaram-me a encontrar lugar para morar.	6
Laboral	Trabalho	Sim, ajudaram com trabalho	1
Diversos	Ambos	Sim, ajuda em arranjar casa e emprego Sim, trabalho e estadia. Sim, dividir renda e arrumar trabalho. Sim, alojamento e na indicação de trabalho.	4
	Necessidades básicas	Sim, alimentação.	1

	Habitação/alimentação	Sim, habitação e alimentação	1
	Tudo	Tudo o necessário. Ajudaram-me bastante pois só comecei a trabalhar depois de 6 meses Sim, em tudo possível.	3
	Contactos	Sim, apresentando outras pessoas No contacto com os portugueses. Sim, informações.	3
Emocional	Afectivo	Sim, mantendo-me ciente das dificuldades Sim, psicológico e companhia Sim, estando comigo e minha família.	3
Financeiro	Económico	Sim, económico.	1

6.1 – O facto de se encontrarem familiares/amigos em Albufeira contribui para a sua integração? Em que medida?

Subcategorias	Unidade Registo	Unidade Contexto	Frequência
Laboral	Trabalho	Em trabalho Trabalho, vida social Trabalho	3
Bem estar	Convívio	Apoio para não me sentir sozinha, apresentando para as pessoas Ser sozinho não é bom, apresentaram-me a outras pessoas Saídas com os amigos nos dias de folga, almoços combinados.	3
Logística	Alojamento	Habitação. Ajuda no alojamento/ legalização.	2
	Alojamento e trabalho	Apresentarem-me para oportunidade de emprego e arrendar casa.	2
Apoio	Apoio emocional	Tornando mais fácil a saudade do Brasil Dando-me apoio para não desistir de lutar. O apoio Apoio familiar. Apoio Na medida em que precisamos uns dos outros para nos ambientar, adquirir conhecimentos sobre o lugar em si e para termos informações de trabalho	8

		Apoio psicológico e financeiro Na medida do possível	
Conhecimento	Diversos	No conhecimento dos locais necessários como: escola para a minha filha etc.	1
	Cultura	Ao conhecimento da nova cultura. Me levaram a lugares Me levaram a lugares	2

6.2 Porquê?

Subcategorias	Unidade Registo	Unidade Contexto	Frequência
Solidão	Isolamento	Não conhecia ninguém Não tinha familiares em Albufeira Não tenho familiares em Albufeira Para não ficar me sentindo perdido Sem o apoio teria voltado para o Brasil no mesmo dia Naquela altura os meus conhecidos brasileiros estavam muito ocupados Sozinha não se vai longe Porque não há integração isolada, isso se faz com pessoas, com a convivência Sempre precisamos de ter alguém para nos direccionar e dar o primeiro passo. Porque ainda há pouco tempo que cheguei	10
Desmotivada	Desilusão	Eu pensei que fosse de uma forma e é de outra pior ainda Já pensei em desistir várias vezes Não tinha trabalho	2
Autónomo	Independência	Depende mais de nós.	1

7. – A sua rede de amigos é proveniente do Brasil?

Subcategoria	Unidade sentido	Unidade contexto	Frequência
Proveniência	Equilibrado	É igual Tanto com o Brasil como Portugal Tenho pouquíssimos e há equilíbrio	3
	Nacionais	São mais portuguesas que brasileiros Apenas 2 portuguesas e 1 brasileira Portugueses	3
	Brasil	Alguns Não. Tenho pouco amigos do Brasil.	3

3-Manter essas tradições facilita ou prejudica a sua integração? Porquê?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Positivo	Facilitam	Facilita, não me prejudica em nada. Não prejudica em nada. Ensino e aprendo com os portugueses Ajuda na partilha de culturas Acredito que facilita, o Chimarrão aproxima as pessoas e as músicas agradam aos portugueses. Há ritmos das músicas gaúchas que são originárias dos Açores Facilita, por interessar aos meu amigos portugueses. Facilita. Não sinto que prejudique, até porque muitos portugueses interessam-se em conhecer melhor a cultura brasileira. Facilita, porque só assim mato um pouco a saudade. Facilita, é uma troca de conhecimentos. Não me deixa sentir tão só	10
Desconhecimento	Indecisão	Não sei	1

2. – Porquê a escolha desse/s meios de comunicação?

Subcategoria	Unidade de registo	Unidade contexto	Frequência
Financeiro	Baratos	(computador) Porque é mais barato. (telemóvel e Pc) Porque são mais baratos. (telemóvel) Porque é mais económico (telefone, pc) Mais económico (telemóvel e pc) Mais baratos (telefone, pc) Mais económicos (telefone) Mais barato. (telefone, telemóvel, pc) Pago menos. (telefone, pc) Praticidade, custo (telefone, pc) Por ser mais barato e por causa do fuso-horário. (telefone e telemóvel) Porque é mais barato e eficaz	12

		(telemóvel e pc) Relação qualidade/custo	
Celeridade	Rápido	(Telefone, telemóvel) a rapidez. (telefone, telemóvel e pc) são mais rápidos.	2
Facilidade/ praticidade	Fácil	(telefone, telemóvel e pc) A facilidade (telemóvel) Mais fácil. (todos) são fáceis. (telefone telemóvel, pc) facilidade. (telefone e telemóvel) pela facilidade. (telemóvel, pc) Facilidade (telefone, pc) Porque é mais fácil. (telemóvel, pc) É mais fácil/prático (pc) Mais pratico. (telefone e Pc) Uma maneira mais pratica e um modo de agir. (telefone e PC) Porque são mais práticos. O telemóvel, porque está comigo em todo o lado, o computador porque vejo.	12
Celeridade/custo	Rapidez/barato	(pc) Por ser mais rápido e barato. (Pc) É mais rápido e barato. telefone, pc) Mais rápido e barato (Pc) é mais fácil e tem baixo custo. Os demais meios pelo baixo custo e facilidade de acesso.	5
Celeridade/Facilidade	Rapidez/facilidade	(telefone, telemóvel, pc) Pela facilidade e rapidez. (pc) Porque tenho internet em casa, é mais prático/fácil e rápido. (telemóvel e pc) Por ser mais rápido e prático. (telefone, telemóvel e pc) A facilidade, rapidez e valor.	4
Emocional	Falar/carinho	(telefone) Porque acho que falar é muito mais significativo. (todos) Uns porque são mais rápidos e cartas/cartões porque exprimem carinho. (carta, telefone, Pc) A carta faz um contacto material (literalmente palpável) embora pouco utilizada, penso ser importante.	2
		(telemóvel) É o único que tenho e que posso ter no momento (computador) É o que temos em casa.	5

Limitações	Único	(telefone, telemóvel e pc) Tenho em casa. (telemóvel, pc) é a única. (telefone, telemóvel, pc) Porque é o que acho mais viável	
usual	usados	(Telefone, pc) São os mais usados por nós aqui e por eles lá	1

3. – Quais as vantagens?

Subcategoria	Unidades registo	Unidades contexto	Frequência
Financeiro	Baratos	São mais económicos São mais baratos. (todos) Paga menos Mais barato Mais barato Computador mais barato. Preços mais baratos. Mais baratos Mais económico Mais económico Económica Mais económico	12
Celeridade	Rápido	É rápido Rapidez	2
Ambos	Preço/rapidez	Rapidez e eficácia/ praticidade Preço e rapidez Relação qualidade/custo. Facilidade, rapidez. No preço e rapidez. No preço e rapidez. Preço e rapidez.	7
Facilidade		A de não ter de sair de casa Todos estão geralmente online em algum período do dia.	2
Emocional	Família	Falar com a família. A net é ver a pessoa, o telefone ouvir a voz dos parentes. Poder ver e conversar com os filhos e netos Mantém-se o vínculo com as pessoas que deixámos com a emigração. Ajuda a aliviar a saudade e a angústia por estar longe da família. Poder ouvir e ver as pessoas da família É o meio mais barato e podemos ver as pessoas pela cam.	13

		<p>É poder sentir através da voz o estado de espírito das pessoas que amo</p> <p>Sempre falo com eles</p> <p>É que podemos ouvir e ver e isso acalma a saudade</p> <p>Mantenho a esperança de voltar num futuro próximo e tento abrandar a solidão e a saudade</p> <p>Ter notícias deles.</p> <p>(carta, telefone) Pelo telefone o preço é mais barato, carta é que se tem mais como expressar</p>	
Conhecimento	Informado	Manter informado	1
Todas	Todas	Tem todas as vantagens.	1

**5.1 – (Considera a comunicação fundamental para a sua integração em Portugal?)
Porquê ?**

Subcategoria	Unidades de registo	Unidades de contexto	Frequência
Emocional	Família	<p>Sinto a família mais perto de mim</p> <p>Ao falar com eles lembro o motivo de ter vindo para cá</p> <p>Ajuda a manter a esperança em retornar.</p> <p>Não consigo ficar sem falar com a minha mãe.</p> <p>Porque me ajuda a ter mais paciência</p> <p>Porque família sempre é família.</p>	6
	Saudade	<p>Mata saudade</p> <p>Para matar a saudade.</p> <p>Alivia a saudade</p> <p>Sentimos muitas saudades e então ficamos mais tranquilos</p> <p>Saudade</p> <p>Se não a solidão nos mata.</p> <p>Alivia a saudade</p> <p>Porque mato um pouco a saudade.</p>	8
	Apoio	<p>Sem o apoio não consigo.</p> <p>Tudo o que me faz bem, me mantém bem aqui.</p> <p>Sem o apoio deles eu não conseguiria ficar aqui.</p> <p>Com isso vou conseguindo ficar um pouco mais.</p> <p>Apoio da minha família no Brasil.</p>	5
		Sem comunicação uma pessoa isolada não é ninguém.	5

Conhecimento	Informacional	Na net encontra tudo e todos Dá conhecimento Manter as informações Para saber notícias de amigos e familiares	
Integração	Naturalidade	Integração ocorreu naturalmente.	1
	Indiferente	Para integrar aqui, a comunicação com o Brasil não faz grande diferença.	1

4 - Utiliza a internet com que objectivo?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Informação	Pesquisa	Anúncios em geral Leitura de artigos científicos Pesquisa Net emprego	4

6.2 – (Utiliza as redes sociais) Com que objectivo?

Subcategoria	Unidade Registo	Unidade contexto	Frequência
Comunicação	Contactos	Contactar com a família e amigos no país de origem, procurar amigos de infância, contactar com amigos em Portugal, procurar novos amigos, efectuar contactos profissionais e procurar emprego. Me manter em contacto com todos amigos, família etc Manter contactos com os amigos. Manter-me contactável com os amigos e familiares Para contactar com amigos e familiares, saber o que se passa com eles, ver fotografias. Para acompanhar o crescimento dos sobrinhos, festas de anos dos pais, irmãos e amigos. Contactos pessoais, informações, novidades. Falar com amigos e familiares Manter atualizada sobre o que acontece na minha família e amigos. Contactar amigos Saber como estão os amigos Mandar uma mensagem Falar com os amigos.	17

		Comunicação passatempo Comunicar com a família. Para comunicação com amigos. Distração e comunicação, são práticos. Trabalho e amigos.	
Convívio	Conviver	Conviver, novidades e saudades.	1
Proximidade	Saudade	Ver fotos. Matar saudade Ver recados e fotos. Para ver as fotos da família. Mata as saudades. Ver a família. Matar as saudades. De ver as pessoas, fotos, etc. Ficar mais próximos uns dos outros, pelo menos tentar, né? Transmitir informações entre nós, matar saudade e bate papo	9

**1.1 - Considera que as TIC contribuem para a sua integração em Portugal?
Porquê?**

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Comunicação	Informação	Por ter mais conhecimento Fico mais informada. Acesso à informação Me mantém sempre ligado com o mundo Para procurar trabalho Para ter conhecimento Me traz conhecimento e informações necessárias. Posso ficar informado de alguns acontecimentos no país ou fora. Encontrar trabalho	9
	Comunicação	Facilitam a comunicação. OS empregos que tive aqui encontrei-os todos pela internet. As minhas dúvidas sobre os mais diversos assuntos resolvo através das TIC. Tentam conhecer melhor as necessidades dos emigrantes e colaborar na comunicação É mais fácil o contacto com todos	4
		Me dão forças para viver os momentos difíceis É muito mais fácil e pratico para a minha integração. Conseguimos matar a saudade da família	8

Motivação	Bem estar	Nos proporciona bem estar Posso fazer amizades com pessoas de Portugal Posso continuar com o vínculo familiar através da net. Ajuda a superar a distância das famílias A integração é feita através de contactos interpessoais e abertura	
Modernidade	Tecnologia	Tecnologia é tudo na nossa vida Pela mobilidade Se as tecnologias de informação fossem tão boas eu não estaria desempregada.	3

2.1 - O Facto de ter acesso às TIC, e poder contactar a sua família que se encontra no Brasil, contribui para o seu bem estar psicológico e emocional? Porquê?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade Contexto	Frequência
Proximidade	Saudade	É muito difícil estar longe de todos os familiares Saudade ameniza Alivia a saudade O facto de ter contacto diário com familiares e amigos faz com que não sinta saudade Ameniza a saudade Ajuda a “combater” as saudades Mata saudade	8
	Tranquilidade Ou Apoio	Apesar de estar aqui há alguns anos, minha família no Brasil é muito importante para mim. não me sinto tão só e tenho o seu apoio Fico mais tranquila em saber como estão Poder ver e ouvir quem está do outro lado é bom e me deixa mais tranquila Por ter noticias com regularidade Porque quando os vemos aguentamos mais um pouco Me dá paz e tranquilidade Se não fosse assim, eu já tinha ido embora É um apoio muito importante Porque a tecnologia hoje é tudo Não ficamos depressivos	10
	Sentimento	Por ser a família faz sempre falta Me podem conhecer melhor É um laço de ligação Cada vez que os vejo ou recebo noticias me ajuda imenso. Me comunico mais	4

		com eles daqui do que lá do Brasil	
Ligação	Comunicação	<p>Por saber sempre que todos estão bem</p> <p>Não gosto de sentir-me isolada das pessoas jamais</p> <p>É uma porta de comunicação</p> <p>Por motivos da distância e saudade a visualização e a comunicação são aliadas para o nosso bem</p> <p>Como já disse a discriminação faz com que me sinta muito só, a comunicação me mantém com melhor sanidade</p> <p>Assim posso estabelecer uma comunicação com eles</p> <p>Ter notícias dos familiares é muito importante e não deixa perder os laços familiares</p> <p>Termos boas notícias e poder ver me causa um bem enorme.</p>	8

5 - Considera que a obtenção dessa informação a/o podem ajudar na sua integração em Portugal? Porquê?

Subcategoria	Unidade registo	Unidade contexto	Frequência
Conhecimento	Informação	<p>Fico informada sobre os países e acontecimentos.</p> <p>Conhecimento da situação e costumes do país, ajuda na integração</p> <p>Considero importante essa interacção, Portugal é a minha casa, necessito saber o que se passa aqui, e interesso-me pelas notícias do meu país natal, porque a minha família vive lá</p> <p>A informação é fundamental para tudo, sem ela é como andar no escuro.</p> <p>Me deixa informada dos acontecimentos no país e fora</p> <p>Como conhecer o país e as informações são importantes</p> <p>Para ter mais conhecimento da cultura em si, de Portugal.</p> <p>Temos informação no meio onde vivemos</p> <p>É bom ter conhecimento sobre o país</p> <p>Conhecimento</p> <p>É uma forma de nos mantermos actualizados da situação dos dois países</p> <p>Podemos ver e pesquisar sobre trabalho, saúde, etc</p> <p>Tenho como ver como anda o país dos</p>	18

		<p>dois lados. A informação é muito importante</p> <p>Fico por dentro de todos os acontecimentos.</p> <p>Quanto mais informados estivermos acredito que melhor será a integração no país que escolheu para viver</p> <p>Uma pessoa bem informada integra-se muito mais facilmente em qualquer tipo de conversa</p> <p>Manter informada sobre tudo.</p> <p>Uma pessoa bem informada integra-se muito mais facilmente em qualquer tipo de conversa</p>	
Realidade	Diferenças	Ajuda a entender as diferenças entre os dois países e ver a situação em que se encontram os dois países	1
Sentimento	Partilha	<p>Para que vocês possam saber como me sinto aqui</p> <p>Não ficamos isolados</p> <p>A informação que vem para nós nem sempre é a realidade e verdade</p>	3
	Interacção	Na época que cheguei ainda não havia internet o que me ajudou foi os contactos interpessoais e minha vontade de integração	1